

SANTO DOMINGO – CONCLUSÕES

IV CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO

NOVA EVANGELIZAÇÃO, PROMOÇÃO HUMANA E
CULTURA CRISTÃ

“Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8)

7ª Edição

Tradução oficial da CNBB

APRESENTAÇÃO

Cumprimos com alegria o dever de transmitir o Documento de Santo Domingo ao Povo de Deus que peregrina na América Latina e no Caribe.

Ele é fruto promissor da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, celebrada em outubro de 1992.

Esta Conferência, convocada, inaugurada e presidida pelo Santo Padre João Paulo n, trabalhou em calorosa e profunda comunhão com o Vigário de Cristo, cujo Discurso inaugural constituiu ponto fundamental de referência e de convergência para os Pastores participantes.

Deve-se recordar que a IV Conferência se celebrou trinta e sete anos depois da Conferência do Rio de Janeiro, vinte e quatro depois da de Medellín e treze depois da de Puebla.

Os Pastores reunidos em Santo Domingo recolhem e atualizam a rica herança do passado, em um momento ímpar: quando se recordam os primeiros quinhentos anos da evangelização do continente e quando se encerra um milênio cristão e se inicia outro. Também quando nossos povos, duramente golpeados por diversos problemas, esperam da Igreja uma palavra de esperança.

O Documento de Santo Domingo quer ser uma palavra de esperança. Um instrumento eficaz para uma nova evangelização. Uma mensagem renovada de Jesus Cristo, fundamento da promoção humana e princípio de uma autêntica cultura cristã.

As Conclusões de Santo Domingo não são fruto da improvisação. É necessário lê-las à luz da tríplice temática assinalada pelo Santo Padre e no contexto de uma longa e fecunda preparação, consignada nas contribuições das Conferências episcopais e nos numerosos livros publicados pelo CELAM.

Junto com as Conclusões de Santo Domingo, são aqui publicados outros importantes documentos:

- O *Discurso inaugural* do Santo Padre e a carta que autoriza a publicação do Documento.

- A mensagem da IV Conferência aos Povos da América Latina e do Caribe.
- As mensagens do Papa aos Indígenas e aos Afro-americanos.

Na revisão feita pela Santa Sé do texto entregue em Santo Domingo, introduziram-se apenas algumas correções de estilo e algumas breves modificações de redação para melhor esclarecer alguma expressão.

Eis, portanto, entregue às Conferências Episcopais e às Igrejas particulares de nossa América este novo instrumento pastoral, com os elementos para um plano global de evangelização. Nele poderão encontrar os desafios e as linhas pastorais que mais respondam a suas exigências concretas.

Que Maria, Mãe da Igreja e Rainha de nosso Continente, ilumine o caminho para uma nova evangelização que nossa América ora empreende; que ele se projete num maior compromisso pela promoção integral do homem e impregne com a luz do Evangelho as culturas dos povos latino-americanos.

† NICOLAS DE JESUS CARDENAL LOPEZ RODRIGUEZ
Arcebispo Metropolitano de Santo Domingo e Primaz da América
Presidente do CELAM

† JUAN JESUS CARDENAL POSADAS CAMPOS
Arcebispo de Guadalajara Primeiro Vice-Presidente do CELAM

† TÚLIO MANUEL CHIRTVELLA VARELA
Arcebispo de Barquisimeto Segundo Vice-Presidente do CELAM

† OSCAR ANDRES RODIGUEZ MARADIAGA, SBD
Bispo Auxiliar de Tegucigalpa Presidente do Comitê Econômico do
CELAM

† RAYMUNDO DAMASCENO DE ASSIS
Bispo Auxiliar de Brasília Secretário Geral do CELAM

Santafe de Bogotá, novembro de 1992
Festa de Jesus Cristo Rei do Universo

Carta do Santo Padre aos Bispos Diocesanos da América Latina

Aos Bispos Diocesanos da América Latina

Por ocasião do V Centenário da evangelização da América, eu convoquei a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, a fim de estudar, à luz de Cristo, “o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), os grandes temas da nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã.

A Divina Providência deu-me o consolo de poder inaugurar pessoalmente esta Assembléia em Santo Domingo, no dia 12 de outubro passado. No dia 28 do mesmo mês, encerraram-se os trabalhos da Conferência, e os Presidentes da mesma fizeram-me chegar as Conclusões que os Bispos presentes haviam elaborado.

Com sumo agrado, pude comprovar a profunda solicitude pastoral com que meus irmãos no Episcopado examinaram os temas que lhes propusera, para contribuir com o desenvolvimento da vida da Igreja na América Latina, voltados para o presente e o futuro.

Os textos conclusivos da citada Conferência, cuja difusão autorizei, poderão orientar a partir de agora a ação pastoral de cada Bispo diocesano da América Latina. Cada Pastor diocesano, juntamente com os presbíteros, “seus cooperadores” (*Lumen gentium*, 28), e com os demais membros da Igreja particular que lhe foi confiada, fará o necessário discernimento, para ver o que é mais útil e urgente na situação particular de sua Diocese.

Um amplo consenso dos Bispos das Igrejas particulares existentes num mesmo País poderá também conduzir a fórmulas ou planos pastorais comuns, sempre respeitosos da identidade de cada Diocese e da autoridade pastoral que corresponde ao Bispo, centro visível de unidade e, ao mesmo tempo, seu vínculo hierárquico com o Sucessor de Pedro e com a Igreja universal (cf. *Lumen gentium*, 3).

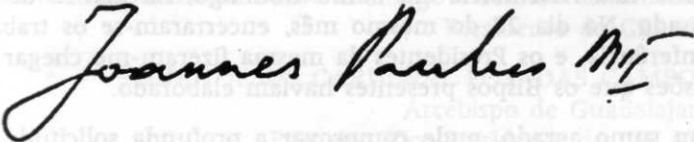
Evidentemente, as Conclusões da Conferência de Santo Domingo deverão ser analisadas à luz do magistério da Igreja Universal e deverão ser implementadas em fidelidade à disciplina canônica vigente.

De minha parte, confio que a solicitude pastoral dos Bispos da América Latina leve todas as Igrejas particulares do continente a um renovado compromisso com a nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã.

Que Jesus Cristo, Nosso Senhor, Evangelizador e Salvador, seja hoje, como ontem e como sempre, o centro da vida da Igreja.

Que a Virgem Santíssima, que esteve sempre ao lado de seu Divino Filho, acompanhe os Pastores e fiéis em sua peregrinação para o Senhor.

Vaticano, 10 de novembro de 1992, memória de S. Leão Magno, Papa e Doutor da Igreja.



Handwritten signature of Johannes Paulus II in black ink, with the name written in a cursive script and the papal initials 'JPII' at the end.

DISCURSO INAUGURAL DO SANTO PADRE

*Queridos Irmãos no Episcopado,
Amados Sacerdotes, Religiosos, Religiosas e Leigos*

1. Sob a guia do Espírito Santo, a quem acabamos de invocar fervorosamente para que ilumine os trabalhos desta importante Assembléia eclesial, inauguramos esta *IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, pondo nossos olhos e nosso coração em Jesus Cristo, “o mesmo ontem, hoje e por toda a eternidade” (Hb 13,8). Ele é o Princípio e o Fim, o Alfa e o Ômega (Ap 21,6; cf. 1,8; 22,13), a *plenitude da Evangelização*, “o primeiro e o maior dos evangelizadores. Ele foi isso mesmo até o fim, até a perfeição, até ao sacrifício da sua vida terrena” (*Evangelii nuntiandi*, 7).

Sentimos muito viva nesta celebração a *presença de Jesus Cristo*, Senhor da História. Em seu nome se reuniram os Bispos da América Latina nas Assembléias anteriores – Rio de Janeiro em 1955; Medellín em 1968; Puebla em 1979 –, e em Seu mesmo nome nos reunimos agora em Santo Domingo, para tratar o tema “Nova Evangelização, Promoção humana, Cultura cristã”, que engloba as grandes questões que, de aqui para o futuro, deve enfrentar a Igreja diante das novas situações que emergem na América Latina e no mundo.

Esta, queridos Irmãos, é uma hora de graça para todos nós e para a Igreja que peregrina na América. Na verdade, para a Igreja universal que nos acompanha com sua oração, com essa comunhão profunda de corações que o Espírito Santo gera em todos os membros do único Corpo de Cristo. Hora de graça e também de grande responsabilidade. Diante dos nossos olhos já se vislumbra o terceiro milênio. E se a Providência divina nos convocou para Lhe dar graças pelos quinh-

tos anos de fé e de vida crista no Continente americano, com maior razão podemos dizer que nos convocou também para renovar-nos interiormente, e para “distinguir os sinais dos tempos” (cf. Mt 16,3). Na verdade, a chamada à nova evangelização é antes de tudo uma chamada à conversão. De fato, mediante o testemunho de uma Igreja cada vez mais fiel à sua identidade e mais viva em todas as suas manifestações, os homens e os povos poderão continuar a encontrar Jesus Cristo e, Nele, a verdade da sua vocação e da sua esperança, o caminho em direção a uma humanidade melhor.

Olhando para Cristo, “com o olhar fixo no autor e consumidor de nossa fé, Jesus” (Hb 12,2), seguimos a senda percorrida pelo Concílio Vaticano II, cujo XXX aniversário da sua inauguração foi ontem lembrado. Daí que, ao inaugurar esta magna Assembléia, desejo recordar aquelas expressivas palavras pronunciadas pelo meu venerável predecessor, o Papa Paulo VI, na abertura da segunda sessão conciliar:

“Cristo! Cristo, nosso princípio,
 Cristo, nossa vida e nosso guia.
 Cristo, nossa esperança e nosso fim...
 Que não desça sobre esta Assembléia outra luz, a não ser a luz de Cristo, luz do mundo.
 Que nenhuma outra verdade atraia a nossa mente, fora das palavras do Senhor, único Mestre.
 Que não tenhamos outra aspiração, que não seja o desejo de Lhe sermos absolutamente fiéis.
 Que nenhuma outra esperança nos sustente, a não ser aquela que, mediante a Sua palavra, conforta a nossa debilidade...”.

I. JESUS CRISTO ONTEM, HOJE E SEMPRE

2. Esta Conferência reúne-se *para celebrar Jesus Cristo*, para dar graças a Deus por Sua presença nestas terras americanas, donde, faz hoje 500 anos, começou a difundir-se a mensagem da salvação; reúne-

se para *celebrar* a implantação da Igreja que, durante estes cinco séculos, tão abundantes frutos de santidade e de amor deu ao Novo Mundo.

Jesus Cristo é a Verdade eterna que se manifestou na plenitude dos tempos. E precisamente, para transmitir a Boa Nova a todos os povos, fundou a Sua Igreja com a missão específica de evangelizar: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Pode-se dizer que nestas palavras está contida a solene proclamação da evangelização. Assim, pois, desde o dia em que os Apóstolos receberam o Espírito Santo, a Igreja recebeu a tarefa da Evangelização. São Paulo o exprime numa frase lapidar e emblemática: “Evangelizare Jesum Christum”; “Evangelizar a Jesus Cristo” (G1 1,16). Foi o que fizeram os discípulos do Senhor, em todos os tempos e em todas as latitudes do mundo.

3. Neste singular processo, o ano de 1492 encerra uma data chave. Com efeito, no dia 12 de outubro – faz hoje exatamente cinco séculos – o Almirante Cristóvão Colombo com suas três caravelas procedentes da Espanha, chegou a estas terras e nelas fincou a cruz de Cristo. No entanto, a evangelização propriamente dita começou com a segunda viagem dos descobridores, que vieram acompanhados dos primeiros missionários. Iniciava-se assim a sementeira do dom precioso da fé. E como não dar graças a Deus por ela, junto convosco, queridos Irmãos Bispos, que hoje tornais presentes aqui em Santo Domingo todas as Igrejas particulares da América Latina? Como não dar graças pela semente plantada ao longo destes cinco séculos por tantos e tão intrépidos missionários!

Com a chegada do Evangelho à América, a história da salvação se expande, cresce a família de Deus, multiplica-se “para a glória de Deus o número dos que Lhe dão graças” (2Cor 4,15). Os povos do Novo Mundo eram “povos novos... totalmente desconhecidos para o Velho Mundo até ao ano de 1492”, porém, “eram conhecidos desde toda a eternidade por Deus, e por ele sempre abraçados com a paternidade que o Filho revelou na plenitude dos tempos” (G1 4,4) (Homi-

lia, 1º de janeiro de 1992). Nos povos da América, Deus escolheu para Si um novo povo, incorporou-o ao Seu desígnio redentor, fazendo-o participar do Seu Espírito. Mediante a evangelização e a fé em Cristo, Deus renovou Sua aliança com a América Latina.

Demos, pois, graças a Deus pela plêiade de evangelizadores que deixaram sua pátria e deram sua vida para semear no Novo Mundo a vida nova da fé, da esperança e do amor. O seu móbil não era a lenda do “Eldorado”, nem mesmo interesses pessoais, mas a chamada urgente a evangelizar irmãos que não conheciam a Jesus Cristo. Eles anunciaram “a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor pelos homens” (Tt 3,4), a povos que ofereciam aos seus deuses inclusive sacrifícios humanos. Eles testemunharam, com a sua vida e com a sua palavra, a humanidade que brota do encontro com Cristo. Pelo seu testemunho e sua pregação, o número de homens e mulheres, que se abriam à graça de Cristo, multiplicou-se “como as estrelas do céu e inumerável como as areias das praias” (Hb 11,12).

4. Desde os primeiros passos da evangelização, a Igreja Católica, movida pela fidelidade ao Espírito de Cristo, foi defensora infatigável dos índios, protetora dos valores que havia em suas culturas, promotora de humanidade diante dos abusos de colonizadores, às vezes sem escrúpulos. A denúncia das injustiças e das violações feita por Montezinos, Las Casas, Córdoba, Frei Juan dal Valle e muitos outros, foi como um clamor que propiciou uma legislação inspirada no reconhecimento do valor sagrado da pessoa. A consciência cristã aflorava com valentia profética nessa cátedra de dignidade e de liberdade que foi, na Universidade de Salamanca, a Escola de Vitória (cf. *Discurso à II Assembléia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina*, 14 de maio de 1991), e em tantos outros exímios defensores dos nativos, na Espanha e na América Latina. Nomes que são bem conhecidos e que, por ocasião do V Centenário, foram lembrados com admiração e gratidão. De minha parte, e para precisar os perfis da *verdade histórica* pondo em relevo as raízes cristãs e a identidade católica do Continente, sugeri que se celebrasse um Simpósio Internacional sobre a História da Evangelização da América, organizado pela

Pontifícia Comissão para a América Latina. Os dados históricos mostram que foi levada a cabo uma válida, fecunda e admirável obra evangelizadora e que, através dela, ganhou de tal modo espaço na América a verdade sobre Deus e sobre o homem que, de fato, ela mesma constitui uma espécie de tribunal de acusação dos responsáveis daqueles abusos.

Da fecundidade da semente evangélica depositada nestas terras abençoadas, pude ser testemunha durante as viagens apostólicas, que o Senhor me pe*Redemptoris missiotiu* realizar nas vossas Igrejas particulares. Como não manifestar abertamente minha ardente gratidão a Deus, por ter-me concedido conhecer a realidade viva da Igreja na América Latina! Nas minhas viagens ao Continente, assim como durante as vossas visitas “ad Limina”, e em outros diversos encontros – que fortaleceram os vínculos da colegialidade episcopal e a co-responsabilidade na solicitude pastoral por toda a Igreja – pude comprovar repetidamente o vigor da fé das vossas comunidades eclesiais e também medir a dimensão dos desafios para a Igreja, ligada indissoluvelmente à mesma sorte dos povos do Continente.

5. Esta Conferência Geral reúne-se para preparar as linhas mestras de uma ação evangelizadora, que ponha Cristo no coração e nos lábios de todos os latino-americanos. Esta é a nossa tarefa: fazer que a verdade sobre Cristo e a verdade sobre o homem penetrem ainda mais profundamente em todos os segmentos da sociedade e a transformem (cf. *Discurso à Pontifícia Comissão para a América Latina*, 14 de junho de 1991).

Nas suas deliberações e conclusões, esta Conferência deverá saber conjugar os três elementos doutrinários e pastorais, que constituem como as três coordenadas da nova evangelização: Cristologia, Ecclesiology e Antropologia. Contando com uma profunda e adequada Cristologia (cf. *Discurso à II Assembléia Plenária da Pontifícia Comissão para América Latina*, 3), e baseados numa sábia antropologia e com uma clara e reta visão eclesiológica, deveis enfrentar os desafios que se apresentam hoje à ação evangelizadora da Igreja na América.

Em continuação, desejo compartilhar convosco algumas reflexões que, seguindo a pauta do tema da Conferência e como sinal de profunda comunhão e co-responsabilidade eclesial, vos ajudem na vossa solicitude de Pastores, dedicados generosamente ao serviço do rebanho que o Senhor vos confiou. Trata-se de apresentar algumas prioridades, a partir da perspectiva da nova evangelização.

II. NOVA EVANGELIZAÇÃO

6. A nova evangelização é a idéia central de toda a temática desta Conferência.

Desde o meu encontro, no Haiti, com os Bispos do CELAM em 1983, venho pondo uma particular ênfase nesta expressão, para dar um novo ardor e novos esforços evangelizadores na “América e no mundo inteiro; ou seja, para dar à ação pastoral um novo impulso, capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, tempos novos de evangelização” (*Evangelii nuntiandi*, 2).

A nova evangelização não consiste num “novo evangelho”, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem. Por isso, não seria “evangelho” mas pura invenção humana, e a salvação não se encontraria nele. Nem mesmo consiste em retirar do Evangelho tudo aquilo que parece dificilmente assimilável. Não é a cultura a medida do Evangelho, mas Jesus Cristo é a medida de toda a cultura e de toda obra humana. Não, a nova evangelização não nasce do desejo de “agradar aos homens” ou de “procurar o seu favor” (Gl 1,10), mas da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre o homem, e à possibilidade da vida verdadeira.

A nova evangelização tem, como ponto de partida, a certeza de que em Cristo há uma “riqueza insondável” (Ef 3,8), que não extingue

nenhuma cultura de qualquer época, e à qual nós homens sempre poderemos recorrer para enriquecer-nos (cf. Assembléia especial do Sínodo dos Bispos da Europa, *Declaração final*, 3). Essa riqueza é, antes de tudo, o próprio Cristo, sua pessoa, porque Ele mesmo é a nossa salvação. Nós homens de qualquer época e de qualquer cultura, aproximando-nos dele mediante a fé e a incorporação ao seu Corpo, que é a Igreja, podemos encontrar a resposta àquelas perguntas, sempre antigas e sempre novas, que se nos apresentam, no mistério da nossa existência, e que de modo indelével levamos gravadas em nosso coração desde a criação e desde a ferida do pecado.

7. *A novidade* não afeta o conteúdo da mensagem evangélica que não muda, pois Cristo é “sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre”. Por isso, o Evangelho há de ser proclamado em total fidelidade e pureza, assim como foi conservado e transmitido pela Tradição da Igreja. Evangelizar é anunciar uma pessoa, que é Cristo. De fato, “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré Filho de Deus, não forem anunciados” (*Evangelii nuntiandi*, 22). Por isso, as cristologias redutivas, cujos desvios assinala em diversas ocasiões (cf. *Discurso inaugural da Conferência de Puebla*, 28 de janeiro de 1979, I,4), não podem aceitar-se como instrumentos da nova evangelização. Ao evangelizar, a unidade da fé da Igreja tem que resplandecer não somente no magistério autêntico dos Bispos, mas também no serviço à verdade por parte dos pastores de almas, dos teólogos, dos catequistas, e de todos os que estão comprometidos na proclamação e pregação da fé.

A este respeito, a Igreja estimula, admira e respeita a vocação do teólogo, cuja “função é adquirir uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus, contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja” (*Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, n. 6). Esta vocação, nobre e necessária, surge no interior da Igreja e pressupõe a condição de crente no próprio teólogo, com uma atitude de fé que ele mesmo deve testemunhar na comunidade. “A reta consciência do teólogo católico supõe, portanto, a fé na Palavra de Deus (...), o amor à Igreja, da qual ele recebe a sua missão, e o

respeito pelo Magistério divinamente assistido” (Ibid, 38). A teologia está chamada a prestar um grande serviço à nova evangelização.

8. Certamente é a verdade que nos torna livres (cf. Jo 8,32). Existem, porém, posições inaceitáveis sobre o que é a verdade, a Liberdade, a consciência. Chega-se, inclusive, a justificar a dissensão recorrendo “ao pluralismo teológico, levado às vezes até a um relativismo, que põe em perigo a integridade da fé”. Não faltam os que pensam que “os documentos do Magistério não seriam nada mais que o reflexo de uma teologia opinável” (Ibid, 34); e “surge assim uma espécie de “magistério paralelo dos teólogos, em oposição e em concorrência com o Magistério autêntico” (ibid.). Por outro lado, não podemos minimizar o fato de que “os comportamentos de oposição sistemática à Igreja, que chegam até mesmo a constituir-se em grupos organizados”, a contestação e a discórdia, da mesma forma que “causam graves inconvenientes para a comunhão da Igreja”, são também um obstáculo para a evangelização (cf. Ibid., 32).

A confissão da fé – “Jesus Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8) – que é como o pano de fundo do tema desta IV Conferência, nos leva a recordar o seguinte versículo: “Não vos deixeis seduzir pela diversidade de doutrinas estranhas” (Hb 13,9). Vós, amados Pastores, deveis zelar sobretudo pela fé da gente simples que, em caso contrário, se veria desorientada e confundida.

9. Todos os evangelizadores deverão dar também uma especial atenção à catequese. No início do meu Pontificado quis dar um novo impulso a esta tarefa pastoral, mediante a Exortação Apostólica *Catechesi tradendæ*, e recentemente aprovei o Catecismo da Igreja Católica, que recomendo como o melhor dom que a Igreja pode fazer aos seus Bispos e ao Povo de Deus. Trata-se de um valioso instrumento para a nova evangelização, onde se compendia toda a doutrina que a Igreja deve ensinar.

Confio igualmente que *o movimento bíblico* continue desenvolvendo sua benéfica tarefa na América Latina, e que as Sagradas Escrituras

nutram cada vez mais a vida dos fiéis, para o qual faz-se imprescindível que os agentes da pastoral aprofundem incansavelmente na Palavra de Deus, vivendo-a e transmitindo-a aos demais com fidelidade, ou seja, “tendo em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé” (*Dei verbum*, 12). Da mesma forma, o *movimento litúrgico* deverá dar um renovado impulso à vivência íntima dos mistérios da nossa fé, levando ao encontro de Cristo Ressuscitado na liturgia da Igreja. É na celebração da Palavra e dos Sacramentos, mas sobretudo na celebração da Eucaristia, fonte e coroa da vida da Igreja e de toda a Evangelização, que se realiza nosso encontro salvífico com Cristo, a quem nos unimos misticamente formando a sua Igreja (cf. *Lumen gentium*, 7). Por isso, exorto-vos a dar um novo impulso à celebração digna, viva e participada das assembléias litúrgicas, com esse profundo sentido da fé e da contemplação dos mistérios da salvação, tão enraizado em vossos povos.

10. *A novidade da ação evangelizadora* a que temos convocado afeta a atitude, o estilo, o esforço e a programação ou, como propus em Haiti, o ardor, os métodos e a expressão (cf. *Discurso aos Bispos do CELAM*, 9 de março de 1983). Uma evangelização nova no seu ardor supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma fidelidade a toda prova que, sob o influxo do Espírito, gerem uma mística, um incontido entusiasmo na tarefa de anunciar o Evangelho. Na linguagem neotestamentária é a “parresía” que inflama o coração do apóstolo (cf. At 5,28-29; cf. *Redemptoris missio*, 45). Esta “parresía” há de ser também o selo do vosso apostolado na América. Nada vos pode fazer calar. Sois *arautos da verdade*. A verdade de Cristo há de iluminar as mentes e os corações com a ativa, incansável e pública proclamação dos valores cristãos.

Por outra parte, os novos tempos exigem que a mensagem crista chegue ao homem de hoje, mediante novos métodos de apostolado, e que seja expressada numa linguagem e forma acessíveis ao homem latino-americano, necessitado de Cristo e sedento do Evangelho: como tornar acessível, penetrante, válida e profunda a resposta ao homem de hoje, sem alterar ou modificar em nada o conteúdo da mensagem evangélica.

ca? Como chegar ao coração da cultura que queremos evangelizar? Como falar de Deus num mundo em que está presente um processo crescente de secularização?

11. Como o manifestastes nos encontros e nos colóquios que mantivemos ao longo destes anos, tanto em Roma como nas minhas visitas às vossas Igrejas particulares, hoje a fé simples da vossa gente sofre a investida da secularização, com o conseqüente enfraquecimento dos valores religiosos e morais. Nos ambientes urbanos cresce uma modalidade cultural que, confiando somente na ciência e nos adiantamentos da técnica, se apresenta como hostil à fé. Transmitem-se uns “modelos” de vida, em contraste com os valores do Evangelho. Sob a pressão do secularismo, chega-se a apresentar a fé como se fosse uma ameaça à liberdade e à autonomia do homem.

No entanto, não podemos esquecer que a história recente mostrou que quando, ao amparo de certas ideologias, se negam a verdade sobre Deus e a verdade sobre o homem, é impossível construir uma sociedade de rosto humano. Com a queda dos regimes do chamado “socialismo real” na Europa oriental, é de se esperar que também neste Continente se tirem as conclusões pertinentes em relação ao valor efêmero de tais ideologias. A crise do coletivismo marxista não teve somente raízes econômicas, como salientei na Encíclica *Centesimus annus* (n. 41), visto que a verdade sobre o homem está íntima e necessariamente ligada à verdade sobre Deus.

A nova evangelização há de dar assim uma resposta integral, pronta, ágil, que fortaleça a fé católica, nas suas verdades fundamentais, nas suas dimensões individuais, familiares e sociais.

12. A exemplo do Bom Pastor, deveis apascentar o rebanho que vos foi confiado e defendê-lo dos lobos vorazes. As seitas e os movimentos “pseudo-espirituais” de que fala o Documento de Puebla (n. 628) são causa de divisão e de discórdia nas vossas comunidades eclesiais, e cuja expansão e agressividade urge enfrentar.

Como muitos de vós tiveram ocasião de assinalar, o avanço das seitas põe em evidência um vazio pastoral, que tem freqüentemente sua causa na falta de formação, que dissolve a identidade cristã, fazendo que grandes massas de católicos sem uma adequada atenção religiosa – entre outras razões por falta de sacerdotes – fiquem à mercê de campanhas de proselitismo sectário muito ativas. Mas, pode também acontecer que os fiéis não encontrem entre os agentes da pastoral aquele forte sentido de Deus, que eles deveriam transmitir em suas vidas. “Tais situações podem ser ocasião para que muitas pessoas, pobres e simples – como infelizmente está ocorrendo – se convertam em fácil presa das seitas, nas quais buscam um sentido religioso da vida que, talvez, não encontrem naqueles que lho deveriam oferecer a mãos cheias” (Os *Caminhos do Evangelho*, 20).

Por outra parte, não se pode menosprezar uma certa estratégia, cujo objetivo é enfraquecer os fatores que unem os Países da América Latina, desenvolvendo assim as forças que nascem da unidade. Com este objetivo, se destinam importantes recursos econômicos para subvencionar campanhas proselitistas, que buscam desestruturar esta unidade católica.

Ao preocupante fenômeno das seitas, deve-se responder com uma ação pastoral que ponha no centro de toda a pessoa a sua dimensão comunitária e o seu anseio de uma relação pessoal com Deus. É um fato que ali onde a presença da Igreja é dinâmica, como no caso das paróquias em que se promove uma assídua formação na Palavra de Deus, onde existe uma liturgia ativa e participada, uma sólida piedade mariana, uma efetiva solidariedade no campo social, uma marcada solicitude pastoral pela família, pelos jovens e pelos doentes, as seitas ou os movimentos para-religiosos não conseguem se instalar ou progredir.

A forte *religiosidade popular* de vossos fiéis, com seus extraordinários valores de fé e de piedade, de sacrifício e de solidariedade, convenientemente evangelizada e alegremente celebrada, orientada em torno dos mistérios de Cristo e da Virgem Maria, pode ser, pelas suas

raízes eminentemente católicas, um antídoto contra as seitas e uma garantia de fidelidade à mensagem da salvação.

III. PROMOÇÃO HUMANA

13. Levando-se em conta que a Igreja está consciente de que o homem – não o homem abstrato, mas o homem concreto e histórico – “é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão” (*Redemptor hominis*, 14), a *promoção humana* há de ser conseqüência lógica da evangelização, para a qual tende a libertação integral da pessoa (cf. *Evangelii nuntiandi*, n. 29-39).

Olhando para este homem concreto, vós, Pastores da Igreja, constatais a difícil e delicada realidade social pela qual atravessa hoje a América Latina, onde contemplas camadas de população na pobreza e na marginalização. Por isso, solidários com o *clamor dos pobres*, vos sentis chamados a assumir o papel do bom samaritano (cf. Lc 10,25-37), onde o amor a Deus se demonstra no amor à pessoa humana. É o que nos lembra o Apóstolo Tiago com aquelas sérias palavras: “Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento cotidiano, e alguém de vós lhes disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos’, porém não lhes der as coisas necessárias ao corpo, de que lhe aproveitará?” (Tg 2,15-16).

A preocupação pelo social “faz parte da missão evangelizadora da Igreja” (*Sollicitudo rei socialis*, 41). “Efetivamente, para a Igreja, ensinar e difundir a doutrina social pertence à sua missão evangelizadora e faz parte essencial da mensagem cristã, porque essa doutrina propõe as suas conseqüências diretas na vida da sociedade e enquadra o trabalho diário e as lutas pela justiça no testemunho de Cristo Salvador” (*Centesimus annus*, 5).

Como afirma o Concílio Vaticano II na Constituição pastoral *Gaudium et spes*, o problema da promoção humana não pode ser posto à margem da relação do homem com Deus (cf. n. 43 e 45). De fato, contrapor a promoção humana e o projeto de Deus sobre a humanidade, é uma grave distorção, fruto de uma certa mentalidade de inspira-

ção secularista. A genuína promoção humana há de respeitar sempre a verdade sobre Deus e a verdade sobre o homem, os direitos de Deus e os direitos do homem.

14. Vós, amados Pastores, tocais de perto a situação angustiosa de tantos irmãos que carecem do mais necessário para uma vida autenticamente humana. Apesar do progresso registrado em alguns campos, persiste e inclusive cresce o fenômeno da pobreza. Os problemas agravam-se com a perda do poder aquisitivo da moeda, devido à inflação, às vezes descontrolada, e da deterioração das relações de intercâmbio, com a conseqüente diminuição dos preços de certas matérias-primas e com o peso insuportável da dívida externa, da qual derivam desastrosas conseqüências sociais. A situação faz-se ainda mais dolorosa com o grave problema do crescente desemprego, que não *peRedemptoris missiote* levar o pão para o lar e impede o acesso a outros bens fundamentais (cf. *Laborem exercens*, 18).

Sentindo vivamente a gravidade desta situação, não deixei de dirigir instantes apelos a favor de uma ativa, justa e urgente *solidariedade internacional*. É um dever de justiça que afeta toda a humanidade, mas sobretudo *os países* ricos que não podem eximir-se da sua responsabilidade para com os países em vias de desenvolvimento. Esta solidariedade é uma exigência do bem comum universal, que deve ser respeitado por todos os integrantes da família humana (cf. *Gaudium et spes*, 26).

15. O mundo não pode ficar tranqüilo e satisfeito diante da situação caótica e desconcertante que se apresenta diante dos nossos olhos: nações, setores da população, famílias e indivíduos cada vez mais ricos e privilegiados diante de povos, famílias e multidões de pessoas submergidas na pobreza, vítimas da fome e das doenças, carentes de moradias dignas, de assistência sanitária, de acesso à cultura. Tudo isso é testemunho eloqüente de uma desordem real e de uma injustiça institucionalizada, à qual se somam, às vezes, o atraso em tomar medidas necessárias, a passividade e a imprudência, bem como a falta de uma séria moral administrativa. Diante de tudo isso, impõe-se uma

“mudança de mentalidade, de comportamento e de estruturas” (*Centesimus annus*, 60), a fim de superar o abismo existente entre os países ricos e os países pobres (cf. *Laborem exemens*, 16; *Centesimus annus*, 14), bem como as profundas diferenças existentes entre cidadãos de um mesmo país. Numa palavra: é preciso fazer valer o novo *ideal de solidariedade* diante da falaz *vontade de dominar*.

Por outra parte, é desumana e falaz a solução que propõe a redução do crescimento demográfico, sem se importar com a moralidade dos meios usados para o conseguir. Não se trata de reduzir a todo o custo o número de convidados ao banquete da vida; o que é preciso é aumentar os meios e distribuir com maior justiça a riqueza, para que todos possam participar equitativamente dos bens da criação.

São necessárias soluções em nível mundial, instaurando uma verdadeira *economia de comunhão e participação de bens*, tanto na ordem internacional como nacional. A este respeito, um fato que pode contribuir notavelmente para superar os problemas urgentes que afetam hoje este continente é a *integração latino-americana*. É grave responsabilidade dos governantes favorecer o já iniciado processo de integração de alguns povos cuja mesma geografia, a fé crista, a língua e a cultura uniram definitivamente no caminho da história.

16. Em continuidade com as Conferências de Medellín e de Puebla, a Igreja reafirma a *opção preferencial pelos pobres*. Uma opção não exclusiva nem excludente, pois a mensagem da salvação está destinada a todos. “Uma opção, além disso, baseada especialmente na Palavra de Deus e não em critérios retirados das ciências humanas ou de ideologias contrárias entre si, que freqüentemente reduzem os pobres em categorias sócio-políticas econômicas abstratas. Mas uma opção firme e irrevogável” (*Discurso inauguralcurso aos Cardeais e Prelados da Cúria Romana* 21 de dezembro de 1984, 9).

Como afirma o Documento de Puebla, “ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso o serviço dos

pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo. O melhor serviço ao irmão é a evangelização, que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente” (*Puebla*, 1145). Tais critérios evangélicos de serviço ao necessitado evitarão qualquer tentação de convivência com os responsáveis das causas da pobreza, ou perigosos desvios ideológicos, incompatíveis com a doutrina e a missão da Igreja.

A genuína praxes de libertação há de estar sempre inspirada pela doutrina da Igreja, como se explica nas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé (*Libertatis nuntius*, 1984, *Libertatis conscientia*, 1986), que conservam todo o seu valor e devem ser tidas em conta quando se trata do tema das teologias de libertação. Por outro lado, a Igreja não pode de maneira nenhuma deixar que lhe seja arrebatada, por qualquer ideologia ou corrente política, a bandeira da justiça, que é uma das primeiras exigências do Evangelho e, ao mesmo tempo, fruto da chegada do Reino de Deus.

17. Como já assinalou a Conferência de Puebla, existem grupos humanos particularmente submergidos na pobreza: é o caso dos índios (cf. 1265). A eles, e também aos afro-americanos, quis dirigir uma mensagem especial de solidariedade e de simpatia, que entregarei amanhã a um grupo de representantes de suas respectivas comunidades. Como gesto de solidariedade, a Santa Sé criou recentemente a Fundação *Populorum Progressio*, que dispõe de um fundo de ajuda a favor dos camponeses, dos índios e demais grupos humanos do setor rural, particularmente desprotegidos na América Latina.

Nesta mesma linha de solicitude pastoral pela situação das categorias sociais mais carentes, esta Conferência Geral poderia considerar a oportunidade de que, num futuro não remoto, possa realizar-se um Encontro de representantes dos Episcopados de todo o Continente americano – que poderia ter também caráter sinodal –, visando incrementar a cooperação entre as diversas Igrejas particulares nos distintos campos da ação pastoral, e no qual, no âmbito da nova evangelização e como expressão da comunhão episcopal, se enfrentem tam-

bém os problemas relativos à justiça e à solidariedade entre todas as nações da América. A Igreja, no limiar já do terceiro milênio da era cristã e numa época em que caíram muitas barreiras e fronteiras ideológicas, sente como um dever iniludível unir espiritualmente ainda mais todos os povos que formam este grande Continente e, ao mesmo tempo, a partir da missão religiosa que lhe é própria, incentivar um espírito solidário entre todos eles, que pe*Redemptoris missiota* encontrar vias de solução para as dramáticas situações de amplos setores de populações, que aspiram a um legítimo progresso integral e a condições de vida mais justas e mais dignas.

18. Não existe autêntica promoção humana, nem verdadeira libertação, nem opção preferencial pelos pobres, se não se parte dos mesmos fundamentos da dignidade da pessoa e do ambiente em que ela deve desenvolver-se, de acordo com o projeto do Criador. Por isso, não posso não recordar, entre os temas e as opções que requerem toda atenção da Igreja, *o da família e da vida*: duas realidades que vão estreitamente unidas, dado que “*a família é como o santuário da vida*” (*Centesimus annus*, 39). Com efeito, “o futuro da humanidade *passa pela família!* É pois indispensável e urgente que cada homem de boa vontade se empenhe em salvar e promover os valores e as exigências da família” (*Familiaris consortio*, 86).

Apesar dos problemas que afligem atualmente o matrimônio e a instituição familiar, esta, como “*célula primeira e vital da sociedade*” (*Apostolicam actuositatem*, 11), pode gerar energias fo*Redemptoris missiodáveis* (cf. n. 43), necessárias para o bem da humanidade. Por isso, é preciso “*anunciar com alegria e convicção a Boa Nova acerca da família*” (cf. *Familiaris consortio*, 86). É preciso anunciá-la aqui, na América Latina, onde, junto ao apreço que se tem pela família, alicerçada no matrimônio, proliferam, infelizmente, as uniões livres. Diante desse fenômeno e das crescentes pressões divorcistas, é urgente promover medidas adequadas a favor do núcleo familiar, em primeiro lugar para garantir a união de vida e de amor estável dentro do matrimônio, conforme o plano de Deus, bem como a serena educação dos filhos.

Em estreita conexão com os problemas apontados, está o grave problema das crianças que vivem permanentemente nas ruas das grandes cidades latino-americanas, extenuadas pela fome e pelas doenças, sem qualquer proteção, sujeitas a tantos perigos, não excluída a droga e a prostituição. Eis aqui outra questão que deve fazer urgir vossa solicitude pastoral, lembrando as palavras de Jesus: “Deixai que as crianças venham a Mim” (Mt 19,14).

A vida desde a sua concepção no seio materno até à sua natural conclusão deve ser defendida com decisão e valentia. É necessário criar na América uma cultura da vida que frete a cultura da morte que, através do aborto, da eutanásia, da guerra, da guerrilha, do seqüestro, do terrorismo e de outras formas de violência ou exploração, pretende dominar em algumas nações. Neste espectro de atentados à vida, ocupa um lugar de destaque o tráfico de entorpecentes, que há de ser reprimido com todos os meios lícitos à disposição.

19. Quem nos libertará destes sinais de morte? A experiência do mundo contemporâneo tem mostrado, cada vez mais, que as ideologias são incapazes de derrotar aquele mal que escraviza o homem. O único que pode libertar deste mal é Cristo. Ao celebrar o V Centenário da Evangelização, dirigimos, comovidos, nossos olhares para aquele momento de graça em que Cristo nos foi dado de uma vez para sempre. A dolorosa situação de tantas irmãs e irmãos latino-americanos não nos leva ao desespero. Pelo contrário, torna mais urgente a tarefa que a Igreja tem diante de si: reavivar no coração de cada batizado a graça recebida. “Recomendo-te – escrevia São Paulo a Timóteo – que reanimes a graça de Deus, que está em ti” (2Tm 1,6).

Como da acolhida do Espírito no Pentecostes nasceu o povo da Nova Aliança, somente esta acolhida fará surgir um povo capaz de gerar homens renovados e livres, conscientes da sua dignidade. Não podemos esquecer que a promoção integral do homem é de importância capital para o desenvolvimento dos povos da América Latina. Pois “o progresso de um povo não deriva primariamente do dinheiro, nem dos

auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas sobretudo da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. O homem é que é o protagonista do desenvolvimento, não o dinheiro ou a técnica” (*Redemptoris missio*, 58). A maior riqueza da América Latina são suas gentes. A Igreja, “despertando as consciências com o Evangelho”, contribui para despertar as energias adormecidas, a fim de as dispor a trabalhar na construção de uma nova civilização (cf. *Ibid*).

IV. CULTURA CRISTA

20. Embora o Evangelho não se identifique com nenhuma cultura em particular, deve sim inspirá-las para, desta maneira, as transformar a partir de dentro, enriquecendo-as com aqueles valores cristãos que derivam da fé. Na verdade, a evangelização das culturas representa a forma mais profunda e global de evangelizar uma sociedade, porque, através dela, a mensagem de Cristo penetra nas consciências das pessoas e se projeta no “ethos” de um povo, nas suas atitudes vitais, nas suas instituições e em todas as estruturas (cf. *Discurso aos intelectuais e ao mundo universitário*, Medellín, 5 de julho de 1986, 2).

O tema “cultura” foi objeto de particular estudo e reflexão por parte do CELAM, nos últimos anos. Também a Igreja inteira concentra a sua atenção sobre esta importante matéria, “já que a nova evangelização deverá projetar-se sobre a cultura `emergente’, sobre todas as culturas, inclusive as culturas indígenas” (cf. *Angelus*, 28 de junho de 1992). Anunciar Jesus Cristo a todas as culturas é a preocupação central da Igreja e objeto da sua missão. Nos nossos dias, isto exige, em primeiro lugar, o discernimento das culturas como realidade humana a evangelizar e, conseqüentemente, a urgência de um novo tipo e alto nível de colaboração entre todos os responsáveis pela obra evangelizadora.

21. Hoje em dia percebe-se uma crise cultural de proporções inimagináveis. Certo é que o substrato cultural atual apresenta um bom número de valores positivos, muitos deles fruto da evangelização e

que são perfeitamente compatíveis com o Evangelho; ao mesmo tempo, porém, foram eliminados valores religiosos fundamentais e introduzidas concepções insidiosas, que são inaceitáveis sob o ponto de vista cristão.

A ausência desses valores fundamentais cristãos na cultura moderna não apenas tem ofuscado a dimensão transcendente, arrastando muitas pessoas para a indiferença religiosa – também na América Latina –, mas é ainda causa de *Redemptoris missionante* do desencanto social, no qual se gerou a crise desta cultura. Após a autonomia introduzida pelo racionalismo, tende-se hoje a assentar os valores, sobretudo, em consensos sociais subjetivos que, não raro, conduzem a posições contrárias inclusive à própria ética natural. Pense-se no drama do aborto, nos abusos no âmbito da engenharia genética, nos atentados à vida e à dignidade da pessoa.

Diante da pluralidade de opções que hoje se oferecem, requer-se uma profunda renovação pastoral, mediante *o discernimento evangélico* sobre os valores dominantes, as atitudes, os comportamentos coletivos, que seqüentemente representam um fato decisivo para optar tanto pelo bem como pelo mal. Nos nossos dias, torna-se necessário um esforço e um tato especial para inculturar a mensagem de Jesus, de tal modo que os valores cristãos possam transformar os diversos núcleos culturais, purificando-os, se necessário for, e possibilitando a consolidação de uma cultura cristã que renove, amplie e unifique os valores históricos, passados e presentes, para assim responder de modo adequado aos desafios do nosso tempo (cf. *Redemptoris missio*, 52). Um destes desafios à evangelização é intensificar o diálogo entre as ciências e a fé, em ordem a criar um verdadeiro humanismo cristão. Trata-se de mostrar que as ciências e a técnica contribuem para a civilização e a humanização do mundo, na medida em que estão penetradas pela sabedoria de Deus.

A este propósito, desejo encorajar vivamente as Universidades e Centros de estudos superiores, especialmente os que dependem da Igreja, a renovar o seu empenhamento no diálogo entre fé e ciência.

22. A Igreja vê com preocupação a ruptura existente entre os valores evangélicos e as culturas modernas, pois estas correm o risco de fechar-se dentro de si mesmas, numa espécie de involução agnóstica e sem referência à dimensão moral (cf. *Discurso ao Pontifício Conselho para a Cultura*, 18 de janeiro de 1983). A este respeito, conservam pleno vigor as palavras do Papa Paulo VI: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova” (*Evangelii nuntiandi*, 20).

A Igreja, que considera o homem como seu “caminho” (cf. *Redemptor hominis*, 14), há de dar uma resposta adequada à atual crise da cultura. Frente ao complexo fenômeno da modernidade, é necessário dar vida a uma alternativa cultural plenamente cristã. Se a verdadeira cultura é a que exprime os valores universais da pessoa, quem pode projetar mais luz sobre a realidade do homem, sobre a sua dignidade e razão de ser, sobre a sua liberdade e destino do que o Evangelho de Cristo?

Neste marco histórico do meio milênio da evangelização dos vossos povos, convido-vos, pois, queridos Irmãos, a que, com o ardor da nova evangelização, animados pelo Espírito do Senhor Jesus, torneis a Igreja presente na encruzilhada cultural do nosso tempo, para impregnar com os valores cristãos as próprias raízes da cultura emergente e de todas as culturas já existentes. Particular atenção haveis de prestar às culturas indígenas e afro-americanas, assimilando e pondo em relevo tudo o que nelas há de profundamente humano e humanizador. A sua visão da vida, que reconhece a sacralidade do ser humano e do mundo, o seu respeito profundo pela natureza, a humildade, a simplicidade, a solidariedade são valores que hão de estimular o esforço, por levar a cabo uma autêntica evangelização inculturada, que seja também promotora de progresso e conduza sempre à adoração de Deus “em espírito e verdade” (Jo 4,23). Mas o reconhecimento dos ditos

valores não vos exime de proclamar em todo o momento que “Cristo é o único salvador de todos, o único capaz de revelar e de conduzir a Deus” (*Redemptoris missio*, 5).

“A evangelização da cultura é um esforço por compreender as mentalidades e as atitudes do mundo atual e iluminá-las a partir do Evangelho. É a vontade de chegar a todos os níveis da vida humana, para a tornar mais digna” (*Discurso inaugural curso ao mundo da cultura*, Lima, 15 de maio de 1988, 5). Porém este esforço de compreensão e iluminação deve ser sempre acompanhado pelo anúncio da Boa Nova (cf. *Redemptoris missio*, 46), de tal maneira que a penetração do Evangelho nas culturas *não seja uma simples adaptação externa, mas um processo profundo e abrangente* que englobe tanto a mensagem cristã como a reflexão e a práxis da Igreja, respeitando sempre as características e a integridade da fé (Cf. *Ibid.*, 52).

23. Sendo a comunicação entre as pessoas um admirável elemento gerador de cultura, os modernos meios de comunicação social revestem neste campo uma importância de primeira grandeza. Intensificar a presença da Igreja no mundo da comunicação há de ser certamente uma das vossas prioridades. Vêm-me à mente as graves palavras do meu venerado predecessor, o Papa Paulo VI: “A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados” (*Evangelii nuntiandi*, 45).

Por outro lado, ocorre também vigiar sobre o uso dos meios de comunicação social na educação da fé e na difusão da cultura religiosa. Uma responsabilidade que compete sobretudo às casas editoriais, dependentes de Instituições Católicas, que devem “ser objeto de particular solicitude por parte dos Ordinários locais, para que as suas publicações sejam sempre conformes à doutrina da Igreja e contribuam eficazmente para o bem das almas” (*Instrução sobre alguns aspectos do uso dos instrumentos de comunicação social na promoção da doutrina da fé*, 15,2).

Exemplos de inculturação do Evangelho são também certas ma-

nifestações sócio-culturais, que se estão levantando em defesa do homem e do seu ambiente, e que têm de ser iluminadas pela luz da fé. É o caso do movimento ecológico a favor do respeito devido à natureza e contra a exploração desordenada dos seus recursos, com a conseqüente deterioração da qualidade de vida. A convicção de que “Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos” (*Gaudium et spes*, 69), há de inspirar um sistema de gestão dos recursos mais justo e melhor coordenado a nível mundial. A Igreja faz sua a preocupação pelo meio ambiente e convida os governos a protegerem este patrimônio, segundo os critérios do bem comum (cf. *Mensagem para a XXV Jornada Mundial da Paz*, 1º de janeiro de 1992).

24. O desafio que representa a cultura “emergente”, não enfraquece, no entanto, nossa esperança, e damos graças a Deus porque na América Latina o dom da fé católica penetrou no âmago dos seus povos, conformando nestes quinhentos anos a alma cristã do Continente e inspirando muitas das suas instituições. De fato, a Igreja na América Latina conseguiu impregnar a cultura do povo, soube situar a mensagem evangélica na base do seu pensamento, nos seus princípios fundamentais de vida, nos seus critérios de juízo, nas suas normas de ação.

Agora, é-nos apresentado o desafio fo*Redemptoris missio*dável da contínua inculturação do Evangelho nos vossos povos, tema que tereis de abordar com clarividência e profundidade, durante os próximos dias. A América Latina, em *Santa Maria de Guadalupe*, oferece um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada. De fato, na figura de Mana – desde os começos da cristianização do Novo Mundo, e à luz do Evangelho de Jesus – encarnaram-se autênticos valores culturais indígenas. No rosto mestiço da Virgem de Tepeyac se resume o grande princípio da inculturação: a íntima transformação dos autênticos valores culturais, mediante a integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas (cf. *Redemptoris missio*, 52)

V. UMA NOVA ERA SOB O SIGNO DA ESPERANÇA

25. Eis aqui, queridos irmãos e irmãs, alguns dos desafios que se apresentam à Igreja nesta hora da nova evangelização. Diante deste panorama, cheio de interrogações, mas também repleto de promessas, devemos perguntar-nos qual é o caminho que deve seguir a Igreja na América Latina, para que a sua missão dê, na próxima etapa da sua história, os frutos que espera o Dono da messe (cf. Lc 10,2; Mc 4,20). Vossa Assembléia deverá delinear a fisionomia de uma Igreja viva e dinâmica que cresce na fé, se santifica, ama, sofre, se compromete e espera em seu Senhor, como nos lembra o Concílio Ecumênico Vaticano II, ponto de referência obrigatório na vida e na missão de todo o Pastor (cf. *Gaudium et spes*, 2).

A tarefa que vos espera nos próximos dias é árdua, mas está marcada pelo signo da esperança que vem de Cristo Ressuscitado. Vossa missão é a de serdes arautos da esperança, de que nos fala o Apóstolo Pedro (cf. 1Pd 3,15): esperança que se apóia nas promessas de Deus, na fidelidade à sua palavra e que tem como certeza inquebrantável a *ressurreição de Cristo*, sua vitória definitiva sobre o pecado e a morte, primeiro anúncio e raiz de toda a evangelização, fundamento de toda a promoção humana, princípio de toda a autêntica cultura cristã, que não pode deixar de ser a cultura da ressurreição e da vida, vivificada pelo sopro do Espírito de Pentecostes.

Amados Irmãos no Episcopado, na unidade da Igreja local, que tem origem na Eucaristia, encontra-se todo o Colégio Episcopal com o Sucessor de Pedro à frente, como pertencendo à própria essência da Igreja particular (cf. *Carta da Congregação para a Doutrina da Fé sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão*, 14). Em torno do Bispo e em perfeita comunhão com ele, devem florescer as paróquias e as comunidades cristãs, como células vivas e pujantes de vida eclesial. Por isso, a nova evangelização requer uma vigorosa renovação de toda a vida diocesana. As paróquias, os movimentos apostólicos e associações laicais, e todas as comunidades eclesiais em geral, hão de ser sempre evangelizadas e evangelizadoras. De modo

particular, as Comunidades eclesiais de base devem se caracterizar por uma decidida projeção universalista e missionária, que lhes infunda um renovado dinamismo apostólico (cf. *Evangelii nuntiandi*, 58; *Puebla* 640-642). Elas, que devem estar sempre marcadas por uma clara identidade eclesial, não de ter na Eucaristia, a que preside o Sacerdote, o centro da vida e da comunhão dos seus membros, em estreita união com seus pastores e em plena sintonia com o Magistério da Igreja

26. Condição indispensável para a nova evangelização é poder contar com evangelizadores numerosos e qualificados. Por isso, a promoção das vocações sacerdotais e religiosas, bem como de outros agentes de pastoral, há de ser uma prioridade dos Bispos e um compromisso de todo o Povo de Deus. É preciso dar, em toda a América Latina, um impulso decisivo à Pastoral vocacional e enfrentar, com critérios acertados e com esperança, o que se relacionar com os Seminários e Centros de formação dos religiosos e religiosas, bem como com o problema da formação permanente do Clero e de uma melhor distribuição dos sacerdotes entre as diversas Igrejas locais, em que se deve ter em conta também o apreciável trabalho dos diáconos permanentes. Para tudo isto, existem orientações apropriadas na Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*.

No que diz respeito *aos religiosos e às religiosas*, que na América Latina levam o peso de uma parte considerável da ação pastoral, desejo mencionar a Carta Apostólica *Os Caminhos do Evangelho*, que lhes dirigi com data de 29 de junho de 1990. Também quero lembrar aqui *os Institutos Seculares*, com sua pujante vitalidade no meio do mundo, e os membros das *Sociedades de Vida Apostólica* que desenvolvem uma grande atividade missionária.

Na hora presente, os membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, tanto masculinos como femininos, devem concentrar-se mais na tarefa especificamente evangelizadora, desenvolvendo toda a riqueza de iniciativas e tarefas pastorais que brotam de seus diversos carismas. Fiéis ao espírito dos seus Fundado-

res, devem se caracterizar por um profundo sentido de Igreja e pelo testemunho de uma estreita colaboração e submissão na pastoral, cuja direção compete aos Ordinários das dioceses e, a nível nacional, às Conferências Episcopais.

Como recordei em minha *Carta às contemplativas da América Latina* (12 de dezembro de 1989), a ação evangelizadora da Igreja está sustentada por esses *santuários da vida contemplativa*, tão numerosos em toda a América, que constituem um testemunho da radicalidade da consagração a Deus, que tem de ocupar sempre o primeiro lugar em nossas opções.

27. Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* sobre “vocação e missão dos leigos na Igreja”, quis pôr em particular evidência que na “grande, comprometedora e magnífica empresa” da nova evangelização é indispensável o trabalho dos leigos, especialmente dos catequistas e “delegados da Palavra”. A Igreja espera muito de todos aqueles leigos que, com entusiasmo e eficácia evangélica, agem através dos novos movimentos apostólicos, que hão de estar coordenados na pastoral de conjunto e que respondem à necessidade de uma maior presença da fé na vida social. Nesta hora em que convoquei todos para trabalhar com ardor apostólico na vinha do Senhor, sem que ninguém ficasse excluído, “os fiéis leigos devem sentir-se parte viva e responsável desta tarefa, chamados como são a anunciar e a viver o Evangelho ao serviço dos valores e das exigências das pessoas e da sociedade” (n. 64). Digna de todo elogio, como transmissores da fé, é a mulher latino-americana, cujo papel na Igreja e na sociedade deve ser posto na devida evidência (cf. Carta Apostólica *Mulieris dignitatem*). Particular solicitude pastoral deve-se prestar aos doentes, tendo em vista também a força evangelizadora do sofrimento (cf. Carta Apostólica *Salvifici doloris*, sobre o sentido cristão do sofrimento humano, 11 de fevereiro de 1984).

Lanço um apelo especial aos jovens da América Latina. Por um lado, eles – tão numerosos num Continente jovem – são os sujeitos da nova evangelização, mas deverão ser, além disso, os protagonistas do a-

núncio no novo milênio, já à porta. Eles são os jovens a quem temos de apresentar Jesus Cristo e a beleza da vocação cristã, mas são também aqueles a quem há que libertar das ilusões do consumismo e sobretudo oferecer-lhes ideais altos e nobres, que os apóiem nas suas aspirações de uma sociedade mais justa e fraterna.

28. Todos são chamados a construir a civilização do amor neste Continente da esperança. Mais ainda, a América Latina, que recebeu a fé transmitida pelas Igrejas do Velho Mundo, tem de preparar-se para difundir a mensagem de Cristo pelo mundo inteiro, dando “da sua pobreza” (cf. *Mensagem aos III e IV Congressos Missionários Latino-Americanos*, Santa Fé de Bogotá, 1987, e Lima, 1991). “Chegou o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão ‘ad gentes’. Nenhum crente em Cristo, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos” (*Redemptoris missio*, 3). Este momento chegou também para a América Latina. “É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos, também nas Igrejas da América, encontrará inspiração e apoio no empenho pela missão universal” (*ibid.*, 2). Para a América Latina, que recebeu Cristo há já quinhentos anos, o maior sinal de agradecimento pelo dom recebido, e da sua vitalidade crista, é empenhar-se ela mesma na missão.

29. Amados Irmãos no Episcopado, como sucessores dos Apóstolos, deveis dedicar todo o desvelo à vossa grei, “no meio da qual vos colocou o Espírito Santo para apascentardes a Igreja de Deus” (At 20,28). Por outro lado, como membros do Colégio Episcopal, em estreita unidade afetiva e efetiva com o Sucessor de Pedro, sois chamados a conservar a comunhão e a solicitude por toda a Igreja. E, nesta circunstância, como membros da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, incumbe-vos uma responsabilidade histórica.

Em virtude da mesma fé, da Palavra revelada, da ação do Espírito e por meio da Eucaristia à qual preside o Bispo, a Igreja particular mantém com a Igreja Universal uma peculiar relação de mútua interioridade, porque nela se encontra e opera verdadeiramente a Igreja de

Cristo que é Una, Santa, Católica e Apostólica (cf. *Christus Dominus*, 11). Nela deve resplandecer a *santidade de vida*, a que todo o evangelizador é chamado, dando testemunho de uma intensa vivência do mistério de Jesus Cristo, sentido e experimentado fortemente na Eucaristia, na escuta assídua da Palavra, na oração, no sacrifício, na entrega generosa ao Senhor, que nos Sacerdotes e demais pessoas consagradas se exprime de modo especial pelo celibato.

Não se pode esquecer que a primeira forma de evangelização é o testemunho (cf. *Redemptoris missio*, 42-43), isto é, a proclamação da mensagem da salvação através das obras e da coerência de vida, levando assim a cabo a sua encarnação na história quotidiana dos homens. A Igreja, desde o princípio da sua história, fez-se presente e operante não apenas mediante o anúncio explícito do Evangelho de Cristo, mas também, e sobretudo, através da irradiação da vida cristã. Por isso, a nova evangelização exige coerência de vida, testemunho sólido e unitário de caridade, sob o signo da unidade, para que o mundo creia (cf. Jo 17,23).

30. Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Pastor dos pastores, está no vosso meio, pois vos reunistes em Seu nome (cf. Mt 18,20). Convosco está o Espírito do Senhor que guia a Igreja para a plenitude da verdade e a rejuvenesce com a Palavra do Evangelho, como em novo Pentecostes.

Na comunhão dos Santos, vela sobre vossos trabalhos uma plêiade de Santos e Santas latino-americanos, que evangelizaram este Continente com sua palavra e suas virtudes, e muitos deles o fecundaram com seu sangue. Eles são os frutos mais excelsos da Evangelização.

Como no Cenáculo do Pentecostes, acompanha-vos a Mãe de Jesus, a Mãe da Igreja. Sua presença entranhável em todos os rincões da América Latina e nos corações de seus filhos é garantia do sentido profético e do ardor evangélico que deve acompanhar vossos trabalhos.

31. “Bem-aventurada és tu que acreditaste, porque se hão de cumprir

as coisas que da parte do Senhor te foram ditas” (Lc 1,45). Estas palavras, que Isabel dirige a Maria, portadora de Cristo, são aplicáveis à Igreja, da qual a Mãe do Redentor é tipo e modelo. Feliz és tu, América, Igreja da América, portadora de Cristo também, que recebeste o anúncio da salvação e creste “nas coisas que te foram ditas da parte do Senhor”! A fé é a tua ventura, a fonte da tua alegria. Felizes vós, homens e mulheres da América Latina, adultos e jovens, que conhecestes o Redentor! Junto com toda a Igreja, e com Maria, podeis dizer que o Senhor “pôs os olhos na humildade de sua serva” (Lc 1,48). Felizes vós, os pobres da terra, porque chegou para vós o Reino de Deus!

“O que o Senhor te disse, se cumprirá”. Sê fiel ao teu batismo reaviva neste Centenário a imensa graça recebida, dirige teu coração e teu olhar ao centro, à origem, Àquele que é o fundamento de toda a felicidade, a plenitude de tudo! Abre-te a Cristo, acolhe o Espírito, para que em todas as tuas comunidades tenha lugar um novo Pentecostes! E surgirá de ti uma humanidade nova, bem-aventurada; e experimentarás de novo o braço poderoso do Senhor, e “o que o Senhor te disse se cumprirá”. O que te disse, América, é Seu amor por ti, é Seu amor pelos teus homens, por tuas famílias, pelos teus povos. E esse amor se cumprirá em ti, e te encontrarás de novo a ti mesma, encontrarás teu rosto, “te proclamam bem-aventurada todas as gerações” (Lc 1,48).

Igreja da América, o Senhor passa hoje ao teu lado. Chama-te. Nesta hora de graça, pronuncia de novo teu nome, renova sua aliança contigo. Oxalá ouças hoje sua voz, para que conheças a verdadeira e plena felicidade, e entres em seu descanso! (cf. SI 94,7.11).

TeRedemptoris missionem invocando Maria, *Estrela da primeira e da nova evangelização*. A Ela, que sempre esperou, confiamos nossa esperança. Em suas mãos, colocamos nossos cuidados pastorais e todos os trabalhos desta Conferência, encomendando a seu coração de Mãe o êxito e a projeção da mesma sobre o futuro do Continente. Que Ela nos ajude a anunciar Seu Filho:

“Jesus Cristo ontem, hoje e sempre!”

Amém.

Santo Domingo, 12 de outubro de 1992.

João Paulo II

MENSAGEM DA IV CONFERÊNCIA AOS POVOS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

I. APRESENTAÇÃO

1. Convocados pelo Santo Padre João Paulo II para a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e presididos por ele na sua inauguração, reunimo-nos, em Santo Domingo, representantes dos Episcopados da América Latina e Caribe, e colaboradores do Papa na Cúria Romana. Participaram também outros Bispos convidados de diversas partes do mundo e igualmente sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas e leigos, além de observadores pertencentes a outras Igrejas cristãs.

2. Uma significativa efeméride sugeriu a data desta IV Conferência: os 500 anos do início da evangelização do Novo Mundo. A partir de então, a Palavra de Deus fecundou as culturas dos nossos povos, chegando a constituir parte integrante da sua história. Por isso, depois duma longa preparação, que incluiu uma novena de anos, inaugurada aqui mesmo em Santo Domingo pelo Santo Padre, congregamo-nos com atitude assumida pelo próprio Santo Padre, ou seja, com a humildade da verdade, dando graças a Deus pelas muitas e grandes luzes e pedindo perdão pelas inegáveis sombras que cobriram este período.

3. A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano quis traçar as linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador, que ponha Cristo no coração e nos lábios, na ação e na vida de todos os latino-americanos. É esta a nossa tarefa: fazer com que a verdade sobre Cristo, a Igreja e o homem penetre mais profundamente em todas as camadas da sociedade, em busca da sua progressiva transformação. A nova evangelização foi a preocupação do nosso trabalho.

4. A nossa reunião está em estreita relação e continuidade com as anteriores da mesma natureza: a primeira celebrada no Rio de Janeiro, em 1955; a seguinte em Medellín, em 1968; e a terceira em Puebla, em 1979. Reassumimos plenamente as opções que assinalaram aqueles encontros e encarnaram as suas conclusões mais substanciais.

5. Estes eventos constituem uma valiosa experiência eclesial, da qual provém um rico ensinamento episcopal, útil às Igrejas e à sociedade do nosso continente. A estas orientações junta-se agora o compromisso evangelizador, que emerge da presente reunião e que oferecemos com humildade e alegria aos nossos povos.

6. A presença materna da Virgem Maria, unida entranhadamente à fé cristã na América Latina e Caribe, foi desde sempre, e em especial nestes dias, guia do nosso caminho de fé, alento nos nossos trabalhos e estímulo diante dos desafios pastorais de hoje.

II. A AMÉRICA LATINA E O CARIBE ENTRE O TEMOR E A ESPERANÇA

7. Grandes maiorias dos nossos povos padecem condições dramáticas nas suas vidas. Verificamo-lo nas cotidianas tarefas pastorais e exprimimo-lo com clareza em muitos documentos. Assim, quando os seus sofrimentos nos oprimem, ressoa aos nossos ouvidos a palavra que Deus disse a Moisés: “Eu vi a miséria do meu povo... tenho ouvido o seu clamor... conheço, pois, a sua dor... Estou decidido... a conduzi-lo desta terra para uma terra fértil e esperançosa” (Ex 3,7-8).

8. Essas condições poderiam abalar a nossa esperança. Mas a ação do Espírito Santo proporciona-nos um motivo vigoroso e sólido para esperar: a fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que cumpre a sua promessa de estar sempre conosco (cf. Mt 28,20). Esta fé no-lo mostra atento e solícito a toda necessidade humana. Nós procuramos realizar o que Ele fez e ensinou: assumir a dor da humanidade e atuar para que se converta em caminho de redenção.

9. A nossa esperança seria vã, se não fosse atuante e eficaz. A mensagem de Jesus Cristo seria falaz, se *peRedemptoris missi* tivesse uma desassociação entre o crer e o atuar. Exortamos aqueles que sofrem a abrir os seus corações à mensagem de Jesus, que tem o poder de dar um sentido novo à sua vida e dores. A fé, unida à esperança e à caridade no exercício da atividade apostólica, tem de se traduzir em “terra fértil e espaçosa”, para aqueles que hoje sofrem na América Latina e Caribe.

10. A hora presente faz-nos recordar o episódio evangélico do paralítico, que havia trinta e oito anos estava junto da piscina que cura, mas não tinha quem o mergulhasse nela. O nosso trabalho evangelizador quer atualizar a palavra de Jesus ao homem enfermo: “Levanta-te, toma o teu leito e anda” (cf. Jo 5,1-8).

11. Desejamos converter os nossos afãs evangelizadores em ações concretas, que façam com que as pessoas superem os seus problemas e curem as suas *enfeRedemptoris missi* — tomem os seus lei-

tos e andem —, sendo protagonistas das suas próprias vidas, a partir do contato salvífico com o Senhor.

III. UMA ESPERANÇA QUE SE CONCRETIZA EM MISSÃO

1. A nova evangelização

12. Desde a visita do Santo Padre ao Haiti em 1983, temo-nos sentido animados por um impulso encorajador para uma ação pastoral renovada e mais eficaz nas nossas Igrejas particulares. A esse projeto global que aspira a um novo Pentecostes dá-se o nome de nova evangelização (cf. João Paulo II, *Discurso inaugural*, 6 e 7).

13. O episódio dos discípulos de Emaús, relatado pelo evangelista Lucas, apresenta-nos Jesus ressuscitado anunciando a Boa Nova. Pode ser também um modelo da nova evangelização.

2. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre: Jesus vai ao encontro da humanidade que caminha (Lc 24,13-17)

14. Enquanto os discípulos de Emaús, desconcertados e tristes, regressavam para a sua aldeia, o Mestre aproxima-se deles para os acompanhar no caminhar. Jesus procura as pessoas e caminha com elas, para assumir as alegrias e as esperanças, as dificuldades e as tristezas da vida.

15. Hoje também nós, como pastores da Igreja na América Latina e Caribe, em fidelidade ao Divino Mestre, queremos renovar a sua atitude de proximidade e de acompanhamento a todos os nossos irmãos e irmãs; proclamamos o valor e a dignidade de cada pessoa, e procuramos iluminar com a fé a sua história, o seu caminho de cada dia. Este é um elemento fundamental da nova evangelização.

3. Promoção humana: Jesus compartilha o caminho dos seres humanos (Lc 24,17-24)

16. Jesus não só se aproxima dos viandantes. Vai além: faz-se caminho para eles (cf. Jo 14,6), penetra na vivência profunda da pessoa, nos seus sentimentos, nas suas atitudes. Mediante um diálogo simples e direto, conhece as suas preocupações imediatas. O próprio Cristo Ressuscitado acompanha os passos, as aspirações, as buscas, os problemas e as dificuldades dos seus discípulos, quando estes se dirigem para a sua aldeia.

17. Aqui, Jesus põe em prática com os seus discípulos o que um dia ensinara a um doutor da lei: as feridas e os gemidos do homem espancado e meio morto, que jazia à beira do caminho, constituem as urgências do próprio caminhar (cf. Lc 10,25-37). A parábola do Bom Samaritano diz-nos diretamente respeito perante todos os nossos irmãos, de modo especial dos pecadores, pelos quais Jesus derramou o seu sangue. Recordamos em particular todos os que sofrem: os enfermos, os anciãos que vivem na solidão, as crianças abandonadas. Temos presentes também os que são vítimas da injustiça: os marginalizados, os mais pobres, os habitantes dos subúrbios das grandes cidades, os indígenas e os afro-americanos, os camponeses, os sem-terra, os desempregados, os sem-teto, as mulheres ignoradas nos seus direitos. Interpelam-nos também outras formas de opressão: a violência, a pornografia, o tráfico e o uso de drogas, o terrorismo, o seqüestro de pessoas e muitos outros problemas inquietantes.

4. A cultura: Jesus ilumina com as Escrituras o caminho dos homens (Lc 24,25-28)

18. A presença do Senhor não se exaure numa simples solidariedade humana. O drama interior dos viandantes consistia em que tinham perdido toda a esperança. Essa desilusão iluminou-se com a explicação das Escrituras. A Boa Nova que ouviram de Jesus transmitia a mensagem recebida de seu Pai.

19. Explicando-lhes as Escrituras, Jesus corrige os erros de um mesianismo puramente temporal e de todas as ideologias que escravizam

o homem. Explicando-lhes as Escrituras, ilumina-lhes a sua situação e abre-lhes horizontes de esperança.

20. O caminho que Jesus percorre ao lado dos seus discípulos está marcado com os vestígios do desígnio de Deus sobre cada uma das criaturas e sobre as vicissitudes humanas.

21. Exortamos todos os agentes de pastoral a aprofundarem o estudo e a meditação da Palavra de Deus, para a poderem viver e transmitir aos outros com fidelidade.

22. Reiteramos a necessidade de encontrar novos métodos, para que aos construtores da sociedade pluralista cheguem as exigências éticas do Evangelho, sobretudo na ordem social. A Doutrina Social da Igreja constitui parte essencial da mensagem cristã. O seu ensinamento, difusão, aprofundamento e aplicação são exigências imprescindíveis para a nova evangelização dos nossos povos.

5. Um novo ardor: Jesus dá-se a conhecer no partir do pão (Lc 24,28-32)

23. Mas a explicação das Escrituras não foi suficiente para lhes abrir os olhos e lhes fazer ver a realidade a partir da perspectiva da fé. É verdade que fez arder os seus corações, mas o gesto definitivo para o poderem reconhecê-lo, vivo e ressuscitado dentre os mortos, foi o sinal concreto do partir do pão.

24. Em Emaús abriu-se também um lar para Alguém que andava peregrino. Cristo revelou a sua intimidade aos companheiros de caminho, e na sua atitude de partilhar reconheceram aquele que, durante a sua vida, não fez mais do que dar-se aos irmãos e aquele que selou, com a sua morte na cruz, a entrega de toda a sua vida.

25. Findos estes dias de oração e de reflexão, voltamos para os lares que formam as nossas Igrejas particulares, para partilhar com os irmãos, com os quais construímos a vida cotidiana; em especial com aqueles que participam mais de perto no nosso ministério: os nossos

presbíteros e diáconos, aos quais desejamos exprimir um particular afeto e gratidão. Oxalá a celebração eucarística inflame cada vez mais os seus corações, para levar à prática a nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã.

6. Missão: Jesus é anunciado pelos discípulos (Lc 24,33-35)

26. O encontro entre o Mestre e os discípulos teRedemptoris missionou. Jesus desapareceu da vista deles. Mas eles, impelidos por um novo ardor, partem com alegria para empreender a sua tarefa missionária. Abandonam a aldeia e vão à procura dos outros discípulos. A vivência da fé realiza-se em comunidade. Por isso os discípulos voltam para Jerusalém, a fim de se encontrar com os seus irmãos e de lhes comunicar o encontro com o Senhor. A partir da fé, vivida em comunidade, eles convertem-se em anunciadores de uma realidade totalmente nova: “Realmente o Senhor ressuscitou, está de novo entre nós”. A fé em Jesus traz consigo a missão.

27. “Para a América Latina e Caribe que receberam Cristo há quinhentos anos, o maior sinal de agradecimento pelo dom recebido, e da sua vitalidade cristã, é empenharem-se eles mesmos na missão” (João Paulo II, **Discurso inaugural**, 28), quer no próprio interior quer para além das suas fronteiras.

IV. LINHAS PASTORAIS PRIORITÁRIAS

28. A IV Conferência propõe, com grandes esperanças e tendo em conta os meritórios contributos recebidos das Conferências Episcopais e de muitas outras instâncias da Igreja, as seguintes linhas de ação pastoral. Para guiar os nossos trabalhos tivemos a orientação e o apoio do Santo Padre, o qual desde há muito tempo deu motivo a esta IV Conferência.

29. Antes de tudo, proclamamos a adesão, na fé da Igreja na América Latina e Caribe, a Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e por toda a eternidade (cf. Hb 13,8).

30. Para que Cristo esteja no interior da vida dos nossos povos, convocamos todos os fiéis a uma nova evangelização e convocamos especialmente os leigos, e entre eles os jovens. Nesta hora confiamos em que muitos jovens, ajudados por uma pastoral vocacional eficaz, possam responder ao chamado do Senhor para o sacerdócio e a vida consagrada.

- Uma catequese renovada e uma liturgia viva, numa Igreja em estado de missão, serão os meios para aproximar e santificar mais todos os cristãos e, em particular, os que estão afastados e são indiferentes.
- A nova evangelização intensificará uma pastoral missionária em todas as nossas Igrejas e far-nos-á sentir responsáveis por transpor as nossas fronteiras a fim de levar a outros povos a fé que há 500 anos chegou até nós.

31. Como expressão da nova evangelização, comprometemo-nos também a trabalhar por uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho, tendo a preocupação de que os seus principais destinatários sejam os mais pobres.

- Nesta promoção humana ocupa um lugar privilegiado e fundamental a família, onde tem origem a vida. Hoje, é necessário e urgente promover e defender a vida, devido aos múltiplos ataques com que a ameaçam setores da sociedade contemporânea.

32. Devemos encorajar uma evangelização que penetre nas raízes mais profundas da cultura comum dos nossos povos, tendo uma especial preocupação pela crescente cultura urbana.

- Ocupar-nos de uma autêntica encarnação do Evangelho nas culturas indígenas e afro-americanas do nosso continente mereceu-nos particular atenção.
- Para toda esta inculturação do Evangelho é muito importante desenvolver uma eficaz ação educativa e utilizar os meios modernos de comunicação.

V. SAUDAÇÕES E VOTOS

33. Não queremos *teRedemptoris* missionar esta Mensagem sem dirigir uma palavra afetuosa a algumas pessoas e grupos aos quais incumbe uma particular responsabilidade eclesial e social.

34. Uma saudação especial dirigimo-la aos nossos presbíteros e diáconos, solícitos colaboradores na nossa missão episcopal, que todos os dias estiveram presentes no nosso pensamento e na nossa oração. Nutrimos a esperança de que, como sempre, nos ajudarão a levar ao povo das nossas Igrejas particulares as conclusões desta Conferência. Recebam eles a expressão do nosso afeto paterno e fraterno e a nossa gratidão pelo seu sacrificado e infatigável compromisso no ministério.

35. Com igual solicitude temos presentes os religiosos e as religiosas, membros de institutos seculares, agentes de pastoral, catequistas, animadores de comunidades, membros de comunidades eclesiais de base, de movimentos eclesiais e ministros extraordinários, que certamente receberão dos conteúdos da IV Conferência renovado ânimo para a sua tarefa eclesial.

36. O nosso pensamento de gratidão dirige-se aos numerosos missionários e missionárias que desde o primeiro momento, em condições de grande dificuldade e com grande renúncia, anunciaram o Evangelho no nosso continente.

37. Foi para nós motivo de conforto e de alegria ter no nosso encontro observadores pertencentes a Igrejas cristãs irmãs. A eles, e por seu intermédio a todas estas Igrejas com as quais compartilhamos a fé em Jesus Cristo Salvador, chegue a nossa saudação fraterna, unida à oração, a fim de que, na hora que Deus indicar, possamos cumprir o testamento espiritual de Jesus Cristo: "Para que todos sejam um só... a fim de que o mundo creial" (Jo 17,21).

38. Aos povos indígenas, habitantes originários destas terras, possuidores de inumeráveis riquezas culturais, que estão na base da nossa cultura atual, e aos descendentes de milhares de famílias vindas de

várias regiões da África, manifestamos a nossa estima e desejo de os servir como ministros do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

39. Unimo-nos aos construtores e dirigentes da sociedade — governantes, legisladores, magistrados, chefes políticos e militares, educadores, empresários, responsáveis sindicais e muitos outros — e a todos os homens de boa vontade que trabalham pela promoção e defesa da vida, na exaltação e dignidade do homem e da mulher, na proteção aos seus direitos, na busca e na consolidação da paz, banidas todas as formas de corrida aos armamentos. Desta IV Conferência, nós os exortamos a que, no exercício da sua respeitável missão a serviço dos povos, se empenhem em favor da justiça, da solidariedade e do desenvolvimento integral, guiados pelo indispensável imperativo ético nas suas decisões.

40. De modo especial, desejamos que os ensinamentos que entregamos da parte do Senhor ressoem no interior das famílias latino-americanas e caribenhas. A elas, que são o santuário da vida, pede-se que façam *geRedemptoris missionar* o Evangelho no coração dos seus filhos, mediante uma adequada educação. Num momento em que a cultura da morte

nos ameaça, encontrarão aqui uma "fonte que jorra para a vida eterna". Os pais, com o seu exemplo e a sua palavra, são os grandes evangelizadores da sua "Igreja doméstica" e, em boa parte, depende deles que esta Conferência de Santo Domingo dê os seus frutos. Por isso, ao mesmo tempo que os saudamos, queríamos exprimir-lhes a nossa proximidade e apoio.

41. Aos representantes do mundo da cultura encorajamo-los a que intensifiquem os seus esforços em favor da educação, que é a chave mestra do futuro; alma do dinamismo social, direito e dever de toda a pessoa; para assentar as bases de um autêntico humanismo integral (João Paulo II, *Missa em Faro de Colón*, n. 7).

42. Convidamos cordialmente todos os comunicadores sociais a serem pregoeiros incansáveis de reconciliação, firmes promotores dos valo-

res humanos e cristãos, defensores da vida e animadores da esperança, da paz e da solidariedade entre os povos.

VI. CONCLUSÃO

43. Entregamos, pois, cheios de confiança, esta Mensagem ao Povo de Deus na América Latina e Caribe. Entregamo-la com igual sentimento a todos os homens e a todas as mulheres, especialmente aos jovens do continente, chamados a ser protagonistas na vida da sociedade e da Igreja no novo Milênio cristão já à porta (cf. João Paulo II, Discurso inaugural, 27). Também àqueles que, sem participar da nossa fé cristã e católica, aderem à Mensagem desta Assembléia de Santo Domingo por reconhecerem nela um chamado ao humanismo cristão e evangélico que eles estimam e vivem.

44. Aos irmãos na fé, esta Mensagem deseja levar-lhes uma explícita profissão de fé em Jesus Cristo e na sua Boa Nova. Neste Jesus, "o mesmo ontem e hoje e por toda a eternidade" (Hb 13,8), temos a certeza de encontrar inspiração, luz e força para um renovado espírito evangelizador. Nele também se encontram motivos e orientações para novos esforços em vista da autêntica promoção humana de quase quinhentos milhões de latino-americanos. É igualmente Ele quem nos ajudará a infundir nos valores culturais próprios da nossa gente o seu cunho cristão, a sua identidade, a riqueza da unidade na variedade.

45. A todos, queremos propor o conteúdo da Conferência de Santo Domingo como premissa para o permanente rejuvenescimento do ideal dos nossos antepassados sobre a Pátria Grande. Estamos efetivamente persuadidos de que o encontro com as raízes cristãs e católicas comuns aos nossos países dará à América Latina a unidade desejada.

46. Há, na América, fermentos de divisão muito ativos. Há ainda muito a fazer para que a nossa terra americana possa ser o continente unificado que desejamos. Agora, para além do seu objetivo primariamente religioso, a nova evangelização lançada pela IV Conferência Geral oferece os elementos necessários para o surgimento da Pátria

Grande:

- a indispensável *reconciliação*, graças à qual na lógica do pai-nosso, superam-se antigas e novas discórdias, se dará o perdão mútuo aos antigos e novos agravos, se aplainarão antigas e novas ofensas, se restaurará a paz;
- a *solidariedade*, ajuda da parte de uns para tornar suportável o peso de outros, e para compartilhar com os outros os próprios bens: "É preciso fazer valer o novo ideal de solidariedade diante da falaz vontade de dominação" (João Paulo II, *Discurso inaugural*,15);
- a *integração* dos nossos países uns com os outros, vencidas as barreiras do isolamento, das discriminações e das indiferenças recíprocas: "Um fator que pode contribuir notavelmente para superar os problemas urgentes que afetam hoje este continente é a integração latino-americana" (*Discurso inaugural* curso inaugural, João Paulo II, n. 15 e também n. 17);
- a profunda *comunhão*, a partir da Igreja, no que se refere à vontade política de progresso e de bem-estar.

47. Oxalá o patrimônio social e espiritual contido nestas quatro palavras-chave: reconciliação, solidariedade, integração e comunhão, transforme-se na maior riqueza da América Latina. São estes os votos e as orações dos Bispos participantes da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Seja também a melhor dádiva que a graça de Deus nos conceda. I Pensamos que tal patrimônio é a tarefa e a obrigação de todos e de cada um.

48. A Nossa Senhora de Guadalupe, Estrela da Nova Evangelização, confiamos os nossos trabalhos. Ela caminhou com os nossos povos desde o primeiro anúncio de Cristo. A Ela suplicamos hoje que encha de ardor os nossos corações, para proclamarmos com novos métodos e novas expressões que Jesus Cristo é o mesmo Ontem, Hoje e por toda a Eternidade! (Hb 13,8).

PREFÁCIO

Todo texto tem uma história e um lugar de produção. O Documento Final da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe tem sua história. Insere-se na tradição iniciada em Medellín (1968), continuada por Puebla (1979). O texto, logo no início, faz menção explícita à necessidade de se manter em continuidade com esta tradição. Portanto, ele só pode ser lido e interpretado no interior do movimento eclesiológico-pastoral desencadeado em Medellín.

Num contexto mais próximo, a IV Conferência veio coroar um período de reflexão da Igreja do continente, incentivada por diversos textos publicados pelo CELAM e por outras inúmeras iniciativas. Por volta de 1983 e 1984, começou-se a sentir a necessidade de avaliar a trajetória da Igreja, seja à raiz das celebrações do V Centenário do início da evangelização, seja em decorrência dos anos pós-Medellín e Puebla, para enfrentar a nova evangelização do próximo milênio. Com o

aval de Roma, em 1987, iniciou-se mais diretamente a preparação.

O Cardeal Bernardin Gantin, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, em carta de 12 de dezembro de 1990, comunica ao Presidente do CELAM que o Papa dete *Redemptoris missionara* o tema central da Conferência: Nova evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã. "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8). Muitas reuniões oficiais do CELAM foram feitas em vários países do continente para prever, debater e encaminhar o processo de preparação. Documentos, escritos, textos de estudo foram publicados.

TEXTOS INICIAIS CONFIDENCIAIS

Logo no início, a título absolutamente de consulta e ainda de modo confidencial, saíram dois documentos, pouco conhecidos, que provocaram fortes reações. Um recebeu o nome de *Primera aproximación a la realidad del continente latinoamericano*, datado de abril de 1989, com a explícita intenção de provocar o diálogo, a reflexão e coletar contribuições a partir da realidade dos diversos países.

Foi elaborado a modo de somatória de afirmações lapidares dentro da seguinte estrutura: indica-se um fato. Enumeram-se as manifestações. Apontam-se as causas, para, em seguida, levantar os impactos e desafios. Em muitos casos, fazem-se perguntas a ser respondidas pelos eventuais destinatários.

Os fatos diziam respeito à situação econômica, política, cultural, demográfica, familiar e às condições de vida do continente numa primeira parte. Na segunda parte, o documento faz uma constatação geral sobre o campo religioso. Em seguida, abordam-se, no aspecto diretamente eclesial, os centros de comunhão e participação, os agentes de evangelização, as estruturas de participação, os meios de evangelização, os destinatários, os conteúdos da evangelização, a Igreja missionária e a Igreja no mundo.

Um segundo texto, já mais compacto, ainda a título confidencial, recebe o título de *Primera redacción dei Documento de Consulta*. O

documento apresenta uma história e uma análise da pastoral da Igreja na sua dimensão de instituição eclesial. A leitura teológica escolhe a práxis da autoridade/obediência como pano de fundo para entender e oferecer soluções a uma situação social, cultural e religiosa da América Latina marcada pela desintegração. Foi este texto que recebeu as observações críticas mais radicais, pois revelara uma visão teológica extremamente conservadora.

DOCUMENTOS DE CONSULTA

Em seguida, um *Instrumento preparatório* foi elaborado. Recebeu ampla divulgação e apareceu com o título: *Elementos para uma reflexão pastoral em preparação à IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano* (São Paulo, Loyola, 1990). Inicia-se com uma parte histórica em que se perseguem as vicissitudes da instituição eclesial ao longo dos 500 anos, "sem triunfalismos", mas também "sem falsos pudores". Dedicava bom espaço à descrição da análise da realidade sob o ângulo da crise dos sistemas econômicos do continente nos últimos quarenta anos. Sob o aspecto político, aborda a questão da desintegração da sociedade e, sob o aspecto cultural, o impacto da "cultura emergente" da modernidade urbana. A parte pastoral descreve as estruturas da Igreja e sua atuação, com a preocupação de oferecer uma saída para a situação do continente, marcada pela ameaça da cultura secularizada/secularista e da desintegração. Mais aberto que o anterior, o texto suscita ainda críticas contundentes de vários episcopados e teólogos do continente.

Depois que o Papa dete *Redemptoris missio* definitivamente o tema, prepara-se um outro texto com o título: *Documento de Consulta: Nova evangelização, promoção humana e a cultura cristã* (São Paulo, Paulinas, 1991). O documento inicia-se com uma breve apresentação do contexto e dinâmica histórica em que se deu o anúncio de Jesus na América Latina. Apresenta uma leitura histórica da evangelização do continente a partir de uma perspectiva católica e sob o ângulo da cultura, ou mais exatamente, da inculturação do evangelho nas cultu-

ras.

Num segundo momento, dedica uma parte aos pressupostos teóricos da compreensão e relação de evangelização e cultura. Te *Redemptoris missiona* com uma criteriologia de discernimento, antes de defrontar-se com os reais problemas da evangelização e cultura no continente. Uma longa terceira parte aborda a questão da promoção e formação da comunidade humana na América Latina, e ali aparecem os principais pontos críticos à realidade social do continente sob o ângulo da cultura.

A quarta parte é uma reflexão bíblico-teológica, centrada na evangelização na perspectiva do Reino e da Igreja, relacionada com a promoção humana e a nova cultura.

As linhas pastorais recolhem opções importantes: pela vida, pelos pobres, pela inculturação do evangelho, por formas de atuação da Igreja. O texto foi acolhido com um misto de preocupação e esperança. Preocupação por ter uma visão muito eclesiocêntrica e por ter abandonado a metodologia clássica da pastoral latino-americana do ver-julgar-agir. Esperança pela maior abertura e pela reflexão teológica bem superior à dos anteriores.

Uma *Prima Relatio* (Bogotá, CEIAM, 1991), documento interno, resume todo o processo de preparação da IV Conferência até o aparecimento do Documento de Consulta. Foi enviada aos secretários gerais das Conferências Episcopais.

Uma *Secunda Relatio* (Bogotá, CELAM, 1992) é uma síntese das contribuições, feitas por dezoito Conferências Episcopais e outros organismos da Igreja sobre o Documento de Consulta, juntamente com o que as Conferências ratificaram deste documento. Esta *Relatio* leva em consideração a anterior.

DOCUMENTO DE TRABALHO

Finalmente apareceu o *Documento de Trabalho: Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã* (São Paulo, Loyola, 1992), elaborado por uma equipe de peritos à base das contribuições das Conferências Episcopais e outros organismos, da Santa Sé, sobretudo da Pontifícia Comissão para a América Latina (PCAL), das *Relationes*, dos critérios da Presidência do CELAM, das sugestões dos dirigentes do CELAM e das pautas oferecidas pelos secretários gerais das Conferências Episcopais do continente.

Inicia-se este documento com uma visão pastoral da realidade da América Latina, no intuito de oferecer um quadro da situação atual do continente em vista da evangelização sob o aspecto histórico, social, cultural e eclesial. A visão histórica da ação evangelizadora da Igreja é trabalhada no tocante aos três temas centrais da Conferência: a evangelização propriamente dita, a promoção humana e a cultura cristã. Além de indicar os grandes nomes e feitos, resgata também a vivência cristã do povo. Emergem as luzes e sombras desse processo sem preocupação apologética.

A visão da realidade social, econômica e política trata de fatos fundamentais dessa área, na perspectiva da fé, que marcaram a década de 80, chamada de 'década perdida*', até nossos dias. Interessou ao texto ver a situação concreta, sobretudo dos pobres. Emerge um quadro grave, doloroso e profundamente interpelador da nova evangelização.

A visão pastoral da realidade cultural focaliza a pluralidade cultural e as características comuns do continente. Aborda as culturas originárias, a cultura moderna, a cultura dos pobres, a cultura dos jovens, a cultura audiovisual e uma cultura de morte. *TeRedemptoris missiona* indicando o caminho em direção a uma cultura cristã.

A visão pastoral da realidade eclesial, bem mais longa que as anteriores, aborda a ação da Igreja sob as quatro dimensões da ação pastoral de Jesus: profetismo, comunhão, celebração e diaconia. No profetismo, ocupam a atenção a palavra evangelizadora, o testemunho, a doutrina e seus respectivos agentes. No tema da comunhão, a realida-

de da comunidade, em suas diversas formas, centraliza a reflexão. A dimensão da celebração foi trabalhada na liturgia e na religiosidade popular. Finalmente, a diaconia foi abordada através do estudo dos agentes, dos imperativos e desafios e das estruturas de serviço.

Seguiu-se uma ampla reflexão teológica centrada no eixo do evento salvífico de Jesus. Estuda-se a própria ação de Jesus, proclamador e realizador da salvação e seus seguidores imediatos, os discípulos. A Igreja aparece como sinal desta presença salvadora no mundo com a missão de anunciá-la, vendo em Maria um exemplo, modelo e protetora. A maneira concreta de realizar tal missão hoje passa pela nova evangelização, promoção humana e inculturação.

O Documento *teRedemptoris missiona* com propostas pastorais, indicando o espírito que as anima, os desafios que as provocam e as opções que as encarnam. Este documento significou enorme avanço. Levaram-se em consideração as sugestões dos episcopados do continente, a equipe de redação refletiu maior pluralismo teológico. Além disso, ele retomou a estrutura metodológica do ver-julgar-agir e deixou-se embalar por uma consistente e aberta teologia da salvação, antes de descer diretamente à questão da evangelização.

ESTRUTURA DO DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

O Documento final de Santo Domingo afastou-se da estrutura do Documento de Trabalho. Criou um próprio esquema, bem diferente de todos os documentos anteriores, refletindo bastante o *Discurso inaugural* de João Paulo II. Tem três partes, absolutamente assimétricas. Uma primeira parte e terceira parte reduzida a algumas páginas e uma enorme segunda parte, que ocupa praticamente todo o documento.

Numa primeira parte, com o título de "Jesus Cristo, Evangelho do Pai", o Documento se atribui a finalidade de proclamar a fé e o amor em Jesus Cristo, de dar graças pelo dom da fé, de pedir perdão pelas infidelidades e de empenhar-se, em continuidade com as Assembléias anteriores, com novo ardor, numa nova evangelização, na promoção

integral do homem e na inculturação do Evangelho nas culturas dos povos latino-americanos.

Proclama a fé na Trindade, confessando a absoluta centralidade de Jesus Cristo e reafirmando a missão da Igreja de evangelizar, de promover o homem e de inculturar o Evangelho. E conclui esta primeira parte com uma referência aos 500 anos da primeira evangelização.

A segunda parte, "Jesus Cristo, evangelizador vivo em sua Igreja", divide-se em três grandes capítulos que desenvolvem os três tópicos fundamentais do tema da Assembléia: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. É a hora de traçar nova estratégia e plano global de evangelização que *peRedemptoris missiote* entender quer a promoção humana como resposta à situação difícil do continente, quer o diálogo do evangelho com as culturas.

A terceira parte, muito breve, intitula-se "Jesus Cristo, vida e esperança da América Latina e do Caribe". Nela traçam-se as três opções pastorais prioritárias:

Uma nova evangelização de nossos povos, a que todos os católicos são chamados, com ênfase na atuação dos leigos, na pastoral vocacional e dos jovens mediante a educação e celebração da fé com espírito missionário para além das nossas fronteiras.

Uma *promoção integral* do povo latino-americano e do Caribe a partir de uma opção pelos pobres a serviço da vida e da *família*.

Uma *evangelização inculturada* que penetre a *cultura urbana*, as *culturas indígenas* e *afro-americanas* através de uma *ação educativa* eficaz e de uma moderna *comunicação*.

CARACTERÍSTICA CENTRAL

A profissão de fé do início do documento foi profundamente cristológica, de tal maneira que a pessoa do Espírito Santo ficou pouco expli-

citada. Corresponde, porém, à necessidade de um continente cristão que se sente às voltas com a nova evangelização, com a promoção humana e com a cultura cristã. Somente esta centralidade de Cristo pode oferecer uma baliza segura para a tarefa que a Igreja quer empreender com novo vigor.

O resto do documento, porém, desloca esta centralidade cristológica para uma abordagem eclesiológica, de tal modo que temos antes uma reflexão sobre a Igreja no primeiro e mais longo capítulo teológico que um prosseguimento e aprofundamento sobre Jesus.

Apesar dos títulos dos capítulos, a característica fundamental do Documento é uma reflexão sobre o ser e agir da Igreja na tríplice tarefa da evangelização, da promoção humana e da inculturação do evangelho. E um texto bastante eclesiocêntrico, ainda que reflita uma Igreja preocupada não somente consigo mesma, mas também com os problemas que a circundam. Estes problemas são vistos na perspectiva do ser e da ação da Igreja

A SANTIDADE COMO DIMENSÃO FUNDAMENTAL DA IGREJA

A eclesiologia parte do ser-santidade da Igreja. É da comunhão com a santidade vinda de Cristo pelo Espírito que a Igreja se nutre para animar a vida comunitária nos diferentes níveis — Igreja particular, paróquia, comunidade de base, família cristã. Desta santidade uma recebe vida a pluralidade dos ministérios, das vocações, dos carismas, da vida consagrada. Esta santidade alimenta também a ação missionária da Igreja destinada a atingir primeiramente os cristãos afastados de Cristo e da Igreja até aqueles que professam ateísmo ou indiferença religiosa.

É uma eclesiologia que se centra na precedência ontológica absoluta da comunhão santificadora com a Trindade com a conseqüente valorização das realidades ontológicas santificadoras da Igreja e do poder sacramental da Igreja. Escolhe também este ângulo para abordar os três temas da conferência: evangelização, promoção e cultura.

O ardor e a responsabilidade evangelizadores serão tanto maiores quanto mais clara e lúcida for a consciência dessa realidade de graça. A transcendência santificadora ilumina de tal modo a realidade humana que se afasta da ação pastoral da Igreja qualquer risco de imanentismo, politização, secularização, contaminação com o espírito moderno hedonista e consumista.

De outro lado, tal perspectiva responde aos desejos de espiritualidade do homem moderno e pós-moderno, sem os riscos das seitas e outros movimentos religiosos, já que esta santidade se vincula à sacramentalidade eclesial. Entretanto corre o enorme risco de fechar-se numa "santidade por si mesma", sem a necessária encarnação nas realidades conflituosas de pobreza, injustiça do continente e nas diversas culturas.

A TEOLOGIA DOS SINAIS DOS TEMPOS

Outro eixo teológico importante do documento é a teologia dos sinais dos tempos. É onde a dimensão cristológica aparece mais. Corresponde fundamentalmente ao segundo capítulo dedicado à promoção humana. É o ponto alto do documento em profundidade teológica. Articula-se aí muito bem a prática de Jesus, o bom samaritano, com as exigências da promoção humana. Essas são vistas sob a categoria teológica de "sinais dos tempos". Os sinais elencados são realmente fundamentais para o momento atual: direitos humanos, ecologia, terra, empobrecimento e solidariedade, trabalho, mobilidade humana, ordem democrática, nova ordem econômica, integração latino-americana, família e vida.

Os sinais dos tempos são vistos na sua dupla face de presença e ausência de Deus. Enquanto presença de Deus, são um apelo ao compromisso. Enquanto ausência, são um chamado à conversão. O esquema tripartido — fato, desafio e linhas pastorais — revela bem a estrutura do sinal dos tempos. O fato aparece como um dado objetivo percebido à luz da fé. A ele seguem-se os desafios, que são a percep-

ção de presença ou ausência de Deus numa realidade que não nos pode deixar indiferentes. Os desafios traduzem em termos cristológicos a interpelação que foi e fez Jesus a seus coetâneos através dos sinais que fazia e a todos nós hoje, através desses sinais do tempo. As linhas pastorais são a resposta que a Igreja do continente quer dar a tais sinais.

A TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO

A cultura é desde o início entendida numa perspectiva teológica e cristológica. Na origem da cultura, está o plano criador de Deus Pai (*Discurso inaugural* mensão teológica) que atinge seu momento alto na Encarnação do Filho (*Discurso inaugural* mensão cristológica). Por isso Jesus se torna medida de toda cultura.

A inculturação é vista como um movimento de penetração de toda cultura até seu núcleo pelo evangelho, de modo que o que surge é uma cultura cristã. O evangelho torna-se, então, a base de pensar, viver, julgar, agir. A fé (cristã) se faz cultura (cristã).

Na lógica da reflexão, não existe uma cultura cristã, mas infinitas culturas cristãs. Qualquer cultura que se deixar impregnar pelo evangelho se torna cristã com os valores anteriores e com os convertidos pelo evangelho.

A conseqüência mais grave e importante dessa reflexão é a improcedência evangelizadora de impor uma cultura como cristã a outra cultura. O que decorre do encontro de culturas é a mestiçagem cultural. Como nessas culturas estão inseridos os elementos religiosos, acontece também uma mestiçagem religiosa, que o texto prefere não chamar de sincretismo.

A inculturação não acontece somente com as culturas ameríndias e afro-americanas, mas também na atual cultura moderna. O texto preocupa-se muito com a redenção moral da cultura moderna pela evangelização na maneira de formação da consciência moral das pessoas e

da sociedade. Esta nova cultura, a cultura moderna, é analisada em sua ambigüidade de negação dos valores fundamentais humanos e cristãos e de abertura à Transcendência. A evangelização far-se-á por uma apresentação de Jesus que seja resposta a esta cultura moderna.

O documento, na problemática da inculturação, move-se num horizonte relativamente novo para a pastoral latino-americana. Afirma o fato e a relevância da pluralidade cultural de nossos povos. Impõe-se a necessidade de uma inculturação do evangelho nessas culturas, indolhe ao pólo dinamizador, de modo que no final do processo surgirá uma cultura cristã, mas também uma forma nova de viver o cristianismo. A pluralidade cultural vai pedir tematizações teológicas diferentes, liturgias próprias, organizações eclesíásticas diversas, superando todo colonialismo cultural e religioso.

A CRISTOLOGIA

A cristologia apresentada, de maneira solene, na profissão de fé ofereceu a estrutura formal das três partes e precedeu com algumas indicações bíblicas vários parágrafos do Documento. Na profissão de fé, em alguns toques importantes, recupera-se a cristologia dos sinóticos, sobretudo nos aspectos do anúncio do Reino de Deus, da proximidade de Jesus com os marginalizados, a proclamação da Boa Nova e das bem-aventuranças aos pobres, desprezados, necessitados e pecadores. A entrada no Reino pela fé e pelo batismo encontra continuidade no seguimento de Jesus, participando de sua vida, morte e ressurreição. Implica uma conversão profunda, como ruptura com toda forma de egoísmo e uma adesão às bem-aventuranças. O mistério do Reino, dom de Deus, se realiza na comunhão com Deus, atestada pelo amor fraterno.

Este início sinótico perde, ao longo do texto, sua força, dando lugar a uma cristologia em que a prática do Jesus histórico, o seguimento, a morte não têm relevância. Os elementos mais ricos da cristologia latino-americana não recebem no Documento a ênfase merecida. Há rápidas menções. Permanece, porém, uma imagem hierática de Jesus,

mais dogmática que histórica, mais preceptiva que inspiradora, mais cúltica que de seguimento. A salvação é vista mais como um dom já feito do que como um seguimento comprometido de Jesus ao longo de toda a vida.

ALGUNS SILÊNCIOS

Nenhum documento pode dizer tudo que se quer. Este talvez tenha querido dizer demais. Pois a sua leitura dá, às vezes, a sensação de que havia uma certa ansiedade de passar para o texto as mais diversas, e algumas minúsculas, preocupações. São pequenos recados que nascem do medo e do desejo. Medo de que se perca algum valor, de que não se faça a reforma esperada. Desejo de não desperdiçar a ocasião de fazer alertas ou de propor sugestões para a pastoral.

Entretanto pode haver alguns silêncios que sejam significativos e que indiquem mudança de direção ou sinalizem a linha escolhida. De fato, surpreende num texto escrito na América Latina o quase total desaparecimento da palavra "libertação" que foi o imaginário dominante a partir de Medellín. A própria teologia da libertação não recebe nenhuma menção. Em Puebla, também não se falou dela, mas o horizonte da libertação dominou o texto. E lá o silêncio sobre a teologia da libertação refletia um contexto polêmico, que não parecia ser o caso de Santo Domingo. Talvez se possa encontrar uma explicação semântica.

O binômio "opressões e libertação" pode ter sido substituído, em nível de maior profundidade, pelo binômio "cultura de morte e cultura de vida". Nesse caso, a cultura de morte é a expressão das opressões econômicas, políticas, culturais e religiosas existentes na sociedade atual. Opressões não só pessoais, mas também estruturais. A cultura de vida significa, neste caso, o movimento de libertação levado a seu grau mais profundo e radical, modificando a realidade social e religiosa nas suas profundezas culturais com necessárias mudanças pessoais e estruturais. Nesse caso, a temática da libertação terá sido assumida no sentido mais pleno do termo de reter sua positividade, negando-lhe

os limites.

As comunidades eclesiais de base não recebem a referência merecida em proporção à relevância que elas têm, como sinalizadoras do futuro da Igreja no continente, como aparece, por exemplo, no excelente documento da CNBB (Documentos da CNBB n. 25: *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1982). São mencionadas simplesmente como uma de tantas formas da realização da comunhão na Igreja.

As análises da realidade foram momentos fortes dos documentos anteriores. Elas desaparecem nesse documento. Há pinceladas de dados da realidade nos desafios, mas de uma maneira extremamente- fragmentária, sem coerência teórica, nem aproximação explicativa. Com isso se afasta do tradicional método de nossa pastoral: ver-julgar-agir.

A temática central da cultura não refletiu suficientemente as culturas oprimidas, não enquanto fato, mas enquanto questionadoras do sistema vigente e de muitas estruturas da Igreja. O VIII Encontro Inter-eclesial de CEBs, realizado em Santa Maria em setembro de 1992, revelara a enorme riqueza e a tremenda força crítica das culturas oprimidas. E tal perspectiva não aparece no Documento.

O HORIZONTE GLOBAL DO DOCUMENTO

O documento é abundante em afirmações socioanalíticas, teológicas e normativas. Servirá, em muitos momentos bem concretos, como fonte de inspiração, de verificação, de orientação para ações pastorais. Mas à medida que o tempo vai passando, esta letra do texto se empalidece. Haverá sempre pequenos resgates.

Mas certamente a Conferência de Santo Domingo, como um todo, marcará mais profundamente o agir da Igreja que o simples conteúdo do texto. Esta marca lhe virá do "imaginário pastoral" que ela criar. Este imaginário vincula-se sobretudo às linhas profundas, às opções fundamentais, à inspiração principal de todo o processo vivido nesses anos e cristalizado de maneira incompleta e imperfeita no texto.

Ousaria dizer que o eixo inspirador do texto tem a dupla face da angústia sofrida e da esperança alegre. A angústia da pequenez da Igreja concreta, sobretudo nas suas atuais estruturas ainda muito dependentes do ministério ordenado, diante da gigantesca missão da evangelização, da promoção humana, da fermentação cristã das culturas num continente que vem sofrendo nas últimas décadas um terrível processo de pauperização crescente.

Doutro lado, ela, com humildade, reconhece que recebeu de Deus o evangelho da Boa Nova, da libertação, da promessa redentora para toda a humanidade a ir sendo realizado nas coordenadas da história e para além. Sente uma paixão enorme de comunicar isso a todos. Por isso, convoca todos os seus filhos — na imensa maioria leigos e muitos jovens — para que se entusiasmem e embarquem nessa missão profética de anúncio e denúncia.

Quer ir mais longe que as Conferências anteriores, que viram na transformação social de estruturas tão injustas uma tarefa inadiável e impostergável de enorme gravidade de todos os cristãos e pessoas de sensibilidade ética. Este "mais longe*" não significa deixar de lado as transformações das estruturas sociais, ainda a serem feitas, mas ir ao âmago de todas essas injustiças sociais que é a "cultura de morte" que as alimenta. Vencer a cultura de morte com a cultura de vida do evangelho: eis o grito esperançoso de Santo Domingo. E para tal combate todos os cristãos são convidados a unirem-se a todas as outras forças de vida que houver na face da terra. Só assim o cristão mostrará que o seu evangelho é crível pela força de seu testemunho, pela beleza intrínseca de suas verdades, pela verificação prática de sua realização.

O imaginário de Santo Domingo é a cultura da vida, haurida na pessoa de Cristo e vivida na comunidade da Igreja, em processo de luta contra todas as formas de morte em cada pessoa, na sua comunidade eclesial, na sociedade.

CONCLUSÃO

A preparação foi longa e trabalhada. A IV Conferência mobilizou o melhor da vida eclesial. Agora cabe levar à frente essa obra iniciada, estudando o Documento, encontrando as pistas concretas para viabilizá-lo e sobretudo deixando-se entusiasmar pela grande convocatória que ele faz a todos de se empenharem na luta renhida pela vida em oposição a todas as formas da cultura da morte na certeza esperançosa da vitória, garantida pela ressurreição de Jesus Cristo. Pois esteve e está presente nessa luta "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8).

JOÃO BATISTA LIBÂNIO, SJ

CONCLUSÕES

Nova Evangelização Promoção Humana Cultura Cristã

"Jesus Cristo ontem, hoje e sempre"
(cf. Hebreus 13,8)

DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

Primeira Parte

JESUS CRISTO, EVANGELHO DO PAI

1. Convocados pelo Papa João Paulo II e impulsionados pelo Espírito de Deus, nosso Pai, os Bispos participantes da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, reunido em Santo Domingo, em continuidade às precedentes do Rio de Janeiro, Medellín e Puebla, proclamamos nossa fé e nosso amor a Jesus Cristo. Ele é o mesmo “ontem, hoje e sempre” (cf. Hb 13,8).

Reunidos como num novo cenáculo, em torno de Maria, a Mãe de Jesus, damos graças a Deus pelo dom inestimável da fé e pelos incontáveis dons de sua misericórdia. Pedimos perdão pelas infidelidades à sua bondade. Animados pelo Espírito Santo, dispomo-nos a impulsionar, com novo ardor, uma Nova Evangelização que se projete num maior compromisso pela promoção integral do homem e impregne com a luz do Evangelho as culturas dos povos latino-americanos. É o Espírito quem nos deve dar a sabedoria para encontrar os novos métodos e as novas expressões que tornem o único Evangelho de Jesus Cristo mais compreensível hoje a nossos irmãos, para assim responder aos novos desafios.

2. Ao contemplar, com um olhar de fé, a implantação da Cruz de Cristo neste continente, ocorrida há cinco séculos, compreendemos que foi Ele, Senhor da história, quem estendeu o anúncio da salvação a dimensões insuspeitadas. Cresceu assim a famílias de Deus e se multiplicou para a glória de Deus o número dos que dão graças (cf. 2Cor 4,15; cf. João Paulo II, *Discurso inaugural*, 3). Deus escolheu um novo povo entre os habitantes destas terras que, mesmo desconhecidos para o Velho Mundo, eram “bem conhecidos por Deus desde toda a eternidade e por Ele sempre abraçados com a paternidade que o Filho revelou na plenitude dos tempos” (*Discurso inaugural* 3).

3. Jesus Cristo é, na verdade, o centro do desígnio amoroso de Deus.

Por isso repetimos com a epístola aos Efésios:

“Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus em Cristo; nele ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para ser seus filhos adotivos por Jesus Cristo” (Et 1,3-5).

Celebramos Jesus Cristo, morto por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação (cf. Rm 4,25), que vive entre nós e é nossa “esperança da glória” (Cl 1,27). Ele é a imagem de Deus invisível, primogênito de toda criatura em quem foram criadas todas as coisas. Ele mantém a criação, para Ele convergem todos os caminhos do homem, é o Senhor dos tempos. Em meio às dificuldades e às cruzes, queremos continuar a ser em nosso continente testemunhas do amor de Deus e profetas da esperança que não falha. Queremos iniciar “uma nova era sob o signo da esperança” (*Discurso inaugural V*).

1. PROFISSÃO DE FÉ

4. Bendizemos a Deus que, em seu amor misericordioso, “enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4,4) para salvar a todos os homens. Assim Jesus Cristo se fez um de nós (Hb 2,17). Ungido pelo Espírito Santo (Lc 1,15) proclama na plenitude dos tempos a Boa Nova dizendo: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Este Reino inaugurado por Jesus nos revela primeiramente o próprio Deus como “um Pai amoroso e cheio de compaixão” (*Redemptoris missio* 13), que chama a todos, homens e mulheres a nele ingressar.

Para ressaltar esse aspecto, Jesus se aproximou sobretudo daqueles que, por suas misérias, estavam à margem da sociedade, anunciando-lhes a Boa Nova. No início de seu ministério proclama ter sido enviado para “anunciar aos pobres a Boa Nova” (Lc 4,18). A todas as vítimas da rejeição e do desprezo, conscientes de suas carências, Jesus lhes disse: “Bem-aventurados os pobres” (Lc 6,10; cf. *Redemptoris missio* 14). Assim, pois, os necessitados e pecadores podem sentir-se amados por Deus, e objeto de sua imensa ternura (cf. Lc 15,1-32).

5. A entrada no Reino de Deus se realiza mediante a fé na Palavra de Jesus, selada pelo batismo, testemunhada no seguimento, no compartilhar sua vida, morte e ressurreição (cf. Rm 6,9). Isto exige uma profunda conversão (cf. Mc 1,15; Mt 4,17), uma ruptura com toda forma de egoísmo num mundo marcado pelo pecado (cf Mt 7,21; Jo 14,15; *Redemptoris missio* 13), ou seja, uma adesão ao anúncio das bem-aventuranças (Mt 5,1-10).

O mistério do Reino, oculto durante séculos e gerações em Deus (cf. Cl 1,2b) e presente na vida e nas palavras de Jesus, identificado com sua pessoa, é dom do Pai (cf. Lc 12,32; Mt 20,23) e consiste na comunhão, gratuitamente oferecida, do ser humano com Deus (cf. *Evangeliu nuntiandi* 9; cf. Jo 14,23), começando nesta vida e alcançando plena realização na eternidade (*Evangeliu nuntiandi*27).

Do amor de Deus dá-se testemunho no amor fraterno (cf. 1Jo 4,20) do qual não pode separar-se: “Se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor em nós é levado à perfeição” (1Jo 4,12). “Portanto, a natureza do Reino é a comunhão de todos os seres entre si e com Deus” (*Redemptoris missio* 15).

6. Para a realização do Reino, “Jesus instituiu Doze, para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar” (Mc 3,18), aos quais revelou os “mistérios” do Pai fazendo deles seus amigos (cf. Jo 15,15) e continuadores da mesma missão que Ele recebera de seu Pai (cf. Jo 20,21), e estabelecendo Pedro como fundamento da nova comunidade (cf. Mt 16,18).

Antes de sua ida ao Pai, Jesus instituiu o sacramento do seu amor, a Eucaristia (cf. Mc 14,22), memorial do seu sacrifício. Assim o Senhor permanece no meio do seu povo para alimentá-lo com seu Corpo e com seu Sangue, fortalecendo e expressando a comunhão e a solidariedade que deve reinar entre os cristãos, enquanto peregrinam pelos caminhos da terra na esperança do encontro pleno com Ele. Vítima sem mancha oferecida a Deus (H6 9,24), Jesus é igualmente o sacerdote que tira o pecado com uma única oferenda (H6 10,14).

Ele, e somente Ele, é nossa salvação, nossa justiça, nossa paz e nossa reconciliação. Nele fomos reconciliados com Deus e por Ele nos foi confiado o “Ministério da Reconciliação” (2Cor 5,19). Ele derruba todo o muro que separa os homens e os povos (cf. Et 2,14). Por isso hoje, nesse tempo de Nova Evangelização, queremos repetir com o apóstolo São Paulo: “Reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20).

7. Confessamos que Jesus, verdadeiramente ressuscitado e elevado ao céu, é Senhor, consubstanciai ao Pai, “nele reside toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9), sentado a sua direita, merece o tributo de nossa adoração. “A ressurreição confere um alcance universal à mensagem de Cristo, a sua ação e a toda a sua missão” (*Redemptoris missio*, 16). Cristo ressuscitou para nos comunicar a sua vida. De sua plenitude todos recebemos a graça (cf. Jo 1,16). Jesus Cristo, que morreu para nos libertar do pecado e da morte, ressuscitou para, em Si, fazer-nos filhos de Deus. Se não tivesse ressuscitado, vã seria nossa pregação e vazia seria nossa fé (1Cor 15,14). Ele é nossa esperança (cf. 1Tm 1,1; 3,14-16), uma vez que pode salvar os que se aproximam de Deus e vive para sempre, para interceder a nosso favor (cf. Hb 7,25).

Conforme a promessa de Jesus, o Espírito Santo foi derramado sobre os apóstolos reunidos com Maria no cenáculo (cf. At 1,12-14; 2,1). Com a doação do Espírito em Pentecostes, a Igreja foi enviada para anunciar o Evangelho. A partir desse dia, ela, novo povo de Deus (1Pd 2,9-10) e corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,27; Ef 4,12), está ordenada ao Reino, do qual é germe, sinal e instrumento (cf. *Redemptoris missio* 18) até o fim dos tempos. A Igreja, desde então e até os nossos dias, gera, pela pregação e pelo batismo, novos filhos de Deus, concebidos pelo Espírito Santo e nascidos de Deus (*Lumen gentium* 64).

8. Na comunhão da fé apostólica, que pela boca de Pedro confessou na Palestina: “Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16), hoje fazemos nossas as palavras de Paulo VI que, ao começar nossos trabalhos, João Paulo II nos recordava: “Cristo! Cristo, nosso princípio. Cristo, nossa vida e nosso guia. Cristo, nossa esperança e nosso fim...”

Que não desça sobre esta assembléia outra luz a não ser a luz de Cristo, luz do mundo. Que nenhuma outra verdade atraia a nossa mente fora das palavras do Senhor, único Mestre. Que não tenhamos outra aspiração que não seja o desejo de lhe ser absolutamente fiéis. Que nenhuma outra esperança nos sustente, a não ser aquela que, mediante a Sua palavra, conforta a nossa debilidade..” (*Discurso inaugural* 1).

Sim, confessamos que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ele é o Filho único do Pai feito homem no seio da Virgem Maria, por obra do Espírito Santo, que veio ao mundo para nos livrar de toda escravidão do pecado, dar-nos a graça da adoção filial e reconciliar-nos com Deus e com os homens. Ele é o Evangelho vivo do amor do Pai. Nele a humanidade tem a medida de sua dignidade e o sentido do seu desenvolvimento.

9. Reconhecemos a dramática situação a que o pecado leva o homem. Porque o homem criado bom, à imagem do próprio Deus, senhor responsável da criação, ao pecar, caiu em inimizade com Ele. Dividido em si mesmo, rompeu a solidariedade com o próximo e destruiu a harmonia da natureza. Nisso reconhecemos a origem dos males individuais e coletivos que lamentamos na América Latina: as guerras, o terrorismo, a droga, a miséria, as opressões e injustiças, a mentira institucionalizada, a marginalizado de grupos étnicos, a corrupção, os ataques à família, o abandono de crianças e idosos, as campanhas contra a vida, o aborto, a instrumentalização da mulher, a depredação do meio ambiente, enfim, tudo o que caracteriza uma cultura de morte.

Quem nos livrará dessas forças de morte? (cf.. Rm 7,24). Só a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, oferecida uma vez mais aos homens e mulheres da América Latina, como chamado à conversão do coração. A renovada evangelização que agora empreendemos deve ser, pois, um convite a converter, ao mesmo tempo, a consciência pessoal e coletiva dos homens (*Discurso inauguralscurso inaugural* 18), para que nós, cristãos, sejamos como que a alma em todos os ambientes da vida social (carta a Diogneto 6).

10. Identificados com Cristo que vive em cada um (cf. Gl 2,20) e conduzidos pelo Espírito Santo, os filhos de Deus recebem em seu coração a lei do amor. Desta maneira podem responder à exigência de serem perfeitos como o Pai que está no céu (cf. Mt 5,48), seguindo a Jesus Cristo e carregando a própria cruz, a cada dia, até dar a vida por Ele (cf. Mc 8,34-36).

11. Cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica e a amamos. Fundada por Jesus Cristo “sobre o fundamento dos Apóstolos” (cf. Ef 2,20), cujos sucessores, os bispos, presidem as distintas Igrejas particulares. Em comunhão entre si e presididos na caridade pelo Bispo de Roma, servem a suas Igrejas particulares, de modo que em cada uma delas se torne viva e atuante a Igreja de Cristo. Ela é a primeira beneficiária da Salvação. Cristo a adquiriu com seu sangue (At 20,28), dela fazendo sua colaboradora na obra da salvação universal” (cf. *Redemptoris missio* 9).

Peregrina neste continente, está presente e se realiza como comunidade de irmãos sob a condução dos bispos. Fiéis e pastores, congregados pelo Espírito Santo (cf. *Christus Dominus* 11) em torno à Palavra de Deus e à mesa da Eucaristia, são, por sua vez, enviados a proclamar o Evangelho, anunciando Jesus Cristo e dando testemunho de amor fraterno.

12. “A Igreja peregrina é missionária por natureza, uma vez que procede da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (*Ad gentes* 2). A evangelização é a sua razão de ser; ela existe para evangelizar (cf. *Evangelii nuntiandi* 15). Para a América Latina, providencialmente animada com um novo ardor evangélico, chegou a hora de levar a sua fé aos povos que ainda não conhecem Cristo, na certeza convicta de que “a fé se fortalece, doando-a” (*Discurso inaugural* 28).

A Igreja quer realizar nestes tempos uma Nova Evangelização que transmita, consolide e amadureça, em nossos povos, a fé em Deus,

Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta evangelização deve conter sempre – como base, centro e, mesmo tempo, cume do seu dinamismo – uma clara proclamação de que em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia de Deus” (*Evangelii nuntiandi* 27).

13. O anúncio cristão, por seu próprio vigor, tende a curar, firmar e promover o homem, para constituir uma comunidade fraterna, renovando a própria humanidade e dando-lhe sua plena dignidade humana, com a novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho (cf. *Evangelii nuntiandi* 18). A Evangelização promove o desenvolvimento integral, exigindo de todos e de cada um o pleno respeito a seus direitos e a plena observância de seus deveres, a fim de criar uma sociedade justa e solidária, a caminho de sua plenitude no Reino definitivo. O homem é chamado a colaborar e ser instrumento com Jesus Cristo na Evangelização. Na América Latina, continente religioso e sofrido, urge uma Nova Evangelização que proclame inequivocamente o Evangelho da justiça, do amor e da misericórdia.

Sabemos que, em virtude da encarnação, Cristo se uniu de certo modo a todo homem (cf. *Gaudium et spes*, 22). Ele é a perfeita revelação do homem ao próprio homem e revela a sublimidade de sua vocação (*Gaudium et spes*, 22). Jesus Cristo se insere no coração da humanidade e convida todas as culturas a se deixar levar por seu espírito à plenitude, elevando nelas o que é bom e purificando o que se encontra marcado pelo pecado. Toda evangelização há de ser, portanto, inculturação do Evangelho. Assim toda cultura pode chegar a ser cristã, ou seja, a fazer referência a Cristo e inspirar-se nele e em sua mensagem (João Paulo II, *Discurso à II Assembléia da Pontifícia Comissão para a América Latina*, de junho de 1991, 4). Jesus Cristo é, com efeito, a medida de toda cultura e de toda obra humana. A inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo (*Lumen gentium* 8). Trabalho que se realiza no projeto de cada povo, fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte. Por isso podemos

anunciar com confiança: homens e mulheres da América Latina, abri os corações a Jesus Cristo. Ele é o caminho, a verdade e a vida, quem o segue não anda nas trevas (cf. Jo 14,6; 8,12).

14. Cremos que Cristo, o Senhor, há de voltar para levar à plenitude o Reino de Deus e entregá-lo ao Pai (cf. 1Cor 15,24), transformada então a criação inteira em “novos céus e nova terra onde habita a justiça” (2Pd 3,13). Lá alcançaremos a comunhão perfeita do céu, no gozo da visão eterna da Trindade. Homens e mulheres que se tenham mantido fiéis ao Senhor, vencidos finalmente o pecado, o diabo e a morte, chegarão a sua plenitude humana, participando da própria natureza divina (2Pd 1,4). Então Cristo recapitulará e reconciliará plenamente a criação, tudo será dele e Deus será tudo em todos (cf. 1Cor 15,28).

15. Confirmando a fé de nosso povo, queremos proclamar que a Virgem Maria, Mãe de Cristo e da Igreja, é a primeira redimida e a primeira crente. Maria, mulher de fé, foi plenamente evangelizada, é a mais perfeita discípula e evangelizadora (cf. Jo 2,1-12). É o modelo de todos os discípulos e evangelizadores por seu testemunho de oração, de escuta da Palavra de Deus e de pronta e fiel disponibilidade ao serviço do Reino até a cruz. Sua figura materna foi decisiva para que os homens e mulheres da América Latina se reconhecessem em sua dignidade de filhos de Deus. Maria é o selo distintivo da cultura do nosso continente. Mãe e educadora do nascente povo latino-americano, em Santa Maria de Guadalupe, através do Beato Juan Diego, “é oferecido um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada” (*Discurso inaugural* 24). Ela nos precedeu na peregrinação da fé e no caminho da glória, e acompanha os nossos povos que a invocam com amor até que nos encontremos definitivamente com seu Filho. Com alegria e gratidão acolhemos o dom imenso de sua maternidade, ternura e proteção, e aspiramos a amá-la do mesmo modo como Jesus a amou. Por isso a invocamos como estrela da Primeira e da Nova Evangelização.

2. NOS 500 ANOS DA PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO

16. “Nos povos da América, Deus escolheu para Si um novo povo, fazendo-o participar do seu Espírito. Mediante a Evangelização e a fé em Cristo, Deus renovou sua aliança com a América latina” (*Discurso inaugural* 3).

O ano de 1492 foi um ano-chave no processo de pregação da Boa Nova. Com efeito, “o que a Igreja celebra nessa comemoração não são acontecimentos históricos mais ou menos discutíveis, mas uma realidade esplêndida e permanente cujo valor não se pode subestimar: a chegada da fé, a proclamação e difusão da mensagem evangélica no continente (americano). E o celebra no sentido mais profundo e teológico do termo: como se celebra Jesus Cristo, Senhor da história e dos destinos da humanidade” (João Paulo II, *Alocução dominical*, 5 de janeiro de 1992, 2).

17. A presença criadora, providente e salvadora de Deus, já acompanhava a vida desses povos. As “sementes do Verbo”, presentes no profundo sentido religioso das culturas pré-colombianas, esperavam o orvalho fecundante do Espírito. Tais culturas ofereciam em sua base, junto a outros aspectos necessitados de purificação, aspectos positivos como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, caráter sagrado da vida humana e valorização da família, o sentido da solidariedade e a co-responsabilidade no trabalho comum, a importância do culto, a crença em uma vida ultra-terrena e tantos outros valores que enriquecem a alma latino-americana (cf. João Paulo II, *Mensagem aos indígenas*, 13.10.92, n.1). Esta religiosidade natural predispunha os indígenas americanos a uma mais pronta recepção do Evangelho, mesmo que tenha havido evangelizadores nem sempre em condições de reconhecer esses valores.

18. Como consequência, o encontro do catolicismo ibérico com as culturas americanas deu lugar a um processo peculiar de mestiçagem que, embora tenha tido aspectos conflituosos, pôs em relevo as raízes católicas, assim como a singular identidade do continente. Tal processo de mestiçagem, também perceptível nas múltiplas formas de religi-

osidade popular e da arte mestiça, é conjunção do elemento perene cristão com o próprio da América, e desde a primeira hora se estendeu de um lado a outro do continente.

A história nos mostra “que foi levada a cabo uma válida, fecunda e admirável obra evangelizadora e que, através dela, ganhou de tal modo espaço na América a verdade sobre Deus e sobre o homem que, de fato, ela mesma constitui uma espécie de tribunal de acusação dos responsáveis daqueles abusos (de colonizadores, às vezes, sem escrúpulos)” (*Discurso inaugural* 4).

19. A obra evangelizadora, inspirada pelo Espírito Santo, que no começo teve como generosos protagonistas sobretudo membros de ordens religiosas, foi uma obra conjunta de todo o povo de Deus, dos Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e fiéis leigos. Entre estes últimos, é importante assinalar também a colaboração dos próprios indígenas batizados, aos quais se somaram, no correr do tempo, catequistas latino-americanos.

A primeira evangelização teve como instrumentos privilegiados homens e mulheres de vida santa. Os meios pastorais foram uma incansável pregação da Palavra, a celebração dos sacramentos, a catequese, o culto mariano, a prática das obras de misericórdia, a denúncia das injustiças, a defesa dos pobres e a especial solicitude pela educação e promoção humana.

20. Os grandes evangelizadores defenderam os direitos e a dignidade dos aborígenes, e censuraram “os atropelos cometidos contra os índios na época da conquista” (João Paulo II, *Mensagem aos indígenas*, 2). Os Bispos, por sua vez, em seus concílios e outras reuniões, em cartas aos Reis da Espanha e Portugal e nos decretos de visita pastoral, revelam também essa atitude profética de denúncia, unida ao anúncio do Evangelho.

Assim pois, “a Igreja, que com os seus religiosos, sacerdotes e bispos, esteve sempre ao lado dos indígenas, como poderia esquecer neste V

Centenário os enormes sofrimentos infligidos às populações deste continente durante a época da conquista e colonização? Deve-se reconhecer, com toda a verdade, os abusos cometidos devido à falta de amor das pessoas que não souberam ver nos indígenas irmãos e filhos do mesmo Deus Pai” (João Paulo II, *Mensagem aos indígenas*, 2). Lamentavelmente *estas* dores se prolongaram, em algumas formas, até os nossos dias. Um dos episódios mais tristes da história latino-americana e caribenha foi o traslado forçado, como escravos, de um enorme número de africanos. Do tráfico de negros participaram entidades governamentais e particulares de quase todos os países da Europa atlântica e das Américas. O desumano tráfico escravista, a falta de respeito à vida, à identidade pessoal e familiar e às etnias são uma ofensa escandalosa para a história da humanidade. Queremos, com João Paulo II, pedir perdão a Deus por este “holocausto desconhecido” do qual “participaram batizados que não viveram sua fé” (*Homilia na Ilha de Goreia*, Senegal, 21.2.92; *Mensagem aos afro-americanos*, Santo Domingo, 12.10.92 2).

21. Olhando a época histórica mais recente continuamos a nos encontrar com pegadas vivas de uma cultura de séculos, em cujo núcleo está presente o Evangelho. Esta vida é testemunhada particularmente pela vida dos santos americanos, os quais, ao viver em plenitude o Evangelho, têm sido as testemunhas mais autênticas, fidedignas e qualificadas de Jesus Cristo. A Igreja proclamou as virtudes heróicas de muitos deles, desde o beato índio Juan Diego, Santa Rosa de Lima e São Martin de Porres até Santo Ezequiel Moreno em nossos dias.

Neste V Centenário, queremos agradecer aos inumeráveis missionários, agentes de pastoral e leigos anônimos, muitos dos quais têm atuado em silêncio, e especialmente àqueles que chegaram até ao testemunho do sangue, por amor de Jesus.

Segunda Parte

JESUS CRISTO EVANGELIZADOR VIVO EM SUA IGREJA

22. “Ide, pois, e fazei discípulos a todas as gentes..., batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-lhes a guardar tudo o que eu vos tenho mandado. Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28, 19-20). “Nesta palavras está contida a solene proclamação da evangelização” (*Discurso inaugural 2*).

O Santo Padre nos convocou para comprometer a Igreja da América latina e do Caribe numa Nova Evangelização e “traçar agora, para os próximos anos, uma nova estratégia evangelizadora, um plano global de evangelização” (João Paulo II, *Discurso à II Assembléia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina*, 4).

Queremos apresentar alguns elementos que nos servirão de base para concretizar estas orientações nas Igrejas locais do Continente.

A partir da Nova Evangelização, “o elemento englobante” ou “idéia central” que iluminou nossa Conferência, entenderemos, em sua verdadeira dimensão, a Promoção Humana, resposta à “delicada e difícil situação em que se encontram os países latino-americanos” (Carta do Cardeal Bernardin Gantin, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, aos Presidentes das Conferências Episcopais da América Latina e ao Presidente do CELAM. 12-12-90) e enfocaremos o desafio do diálogo entre o Evangelho e os distintos elementos que conformam nossas culturas para purificá-las e aperfeiçoá-las desde dentro, com o ensinamento e o exemplo de Jesus, até chegar a uma cultura crista.

CAPITULO I

A NOVA EVANGELIZAÇÃO

23. Toda evangelização parte do mandato de Cristo a seus apóstolos e sucessores, desenvolve-se na comunidade dos batizados, no seio de comunidades vivas que compartilham a sua fé e se orienta ao fortalecimento da vida de adoção filial em Cristo, que se expressa principalmente no amor fraterno.

Depois de nos perguntarmos o que é a Nova Evangelização, podemos

compreender melhor que ela tem seu ponto de partida na Igreja, na força do Espírito, em contínuo p acesso de conversão, que busca testemunhar a unidade dentro da diversidade de ministérios e carismas e que vive intensamente seu compromisso missionário. Só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar.

As trágicas situações de injustiça e sofrimento de nossa América, que se tornaram mais agudas depois de Puebla, pedem respostas que só uma Igreja sinal de reconciliação e portadora de vida e de esperança que brotam do Evangelho poderá dar.

24. O que é Nova Evangelização?

“A Nova Evangelização tem, como ponto de partida, a certeza de que em Cristo há uma riqueza insondável' (Ef 3,8) que nenhuma cultura, de qualquer época, extingue, e à qual nós homens sempre poderemos recorrer para enriquecer-nos” (*Discurso inaugural* 6). Falar de Nova Evangelização é reconhecer que existiu uma antiga ou primeira. Sena impróprio falar de Nova Evangelização de tribos ou povos que nunca receberam o Evangelho. Na América Latina pode-se falar assim, porque aqui se realizou uma primeira evangelização nos últimos 500 anos.

Falar de Nova Evangelização não significa que a anterior tenha sido inválida, infrutuosa ou de curta duração. Significa que hoje novos desafios, novas interpelações se fazem aos cristãos e aos quais é urgente responder.

Falar de Nova Evangelização, como advertiu o Papa no *Discurso inaugural* desta IV Conferência, não significa propor um novo Evangelho diferente do primeiro: há um só e único Evangelho do qual se podem tirar luzes novas para problemas novos.

Falar de Nova Evangelização não quer dizer re-evangelizar. Na América Latina, não se trata de prescindir da primeira evangelização, mas partir dos ricos e abundantes valores que ela deixou para aprofundá-

los e complementa-los, corrigindo as deficiências anteriores. A Nova Evangelização surge na América Latina como resposta aos problemas apresentados pela realidade de um Continente no qual se dá um divórcio entre fé e vida ao ponto de produzir clamorosas situações de injustiça, desigualdade social e violência. Implica enfrentar a grandiosa tarefa de infundir energias ao cristianismo da América latina.

Para João Paulo II, a Nova Evangelização é algo atuante, dinâmico. É, antes de tudo, chamado à conversão (cf. *Discurso inaugural* 1) e à esperança que se apóia nas promessas de Deus e que tem como certeza inquebrantável a Ressurreição de Cristo, primeiro anúncio e raiz de toda a evangelização, fundamento de toda promoção humana, princípio de toda autêntica cultura crista (cf. *ibid.*, 25). É também um novo, âmbito vital, um novo Pentecostes (cf. *ibidem*, 30-31) em que o acolhimento do Espírito Santo fará surgir um povo renovado, constituído de homens livres, conscientes de sua dignidade (cf. *ibid.*, 19) e capazes de forjar uma história verdadeiramente humana. É o conjunto de meios, ações e atitudes aptos para pôr o Evangelho em diálogo ativo com a modernidade e o pós-moderno, seja para interpreta-los, seja para deixar-se interpelar por eles. Também é o esforço por inculturar o Evangelho na situação atual das culturas de nosso Continente.

25. O sujeito da Nova Evangelização é toda a comunidade eclesial segundo sua própria natureza: nós, os Bispos, em comunhão com o Papa, nossos presbíteros e diáconos, os religiosos e religiosas, e todos os homens e mulheres que constituímos o Povo de Deus.

26. A Nova Evangelização tem como finalidade formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos, provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade. Há de ter em conta a urbanização, a pobreza e a marginalização. Nossa situação está marcada pelo materialismo, a cultura da morte, a invasão das seitas e propostas religiosas de diversas origens.

Esta situação nova traz consigo também novos valores, a ânsia da solidariedade, de justiça, a busca religiosa e a superação de ideologias

totalizantes.

Destinatários da Nova Evangelização são também as classes médias, os grupos, as populações, os ambientes de vida e de trabalho, marcados pela ciência, pela técnica e pelos meios de comunicação social.

A Nova Evangelização tem a tarefa de suscitar a adesão pessoal a Jesus Cristo e à Igreja de tantos homens e mulheres batizados que vivem sem energia o cristianismo, “tendo perdido o sentido vivo da fé, inclusive já não se reconhecendo como membros da Igreja e levando uma existência distanciada de Cristo e de seu Evangelho” (*Redemptoris missio*, 33).

27. O conteúdo da Nova Evangelização é Jesus Cristo, Evangelho do Pai, que anunciou com gestos e palavras que Deus é misericordioso para com todas as suas criaturas, que ama o homem com um amor sem limites e que quis entrar na sua história por meio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós, para libertar-nos do pecado e de todas as suas conseqüências e para fazer-nos participar de sua vida divina (cf. João Paulo II, *Homilia em Veracruz*, México, 7.5.90). Em Cristo tudo adquire sentido. Ele rompe o horizonte estreito em que o secularismo encerra o homem, devolve-lhe a verdade e dignidade de Filho de Deus e não permite que nenhuma realidade temporal, nem os estados nem a economia nem a técnica se convertam para os homens na realidade última a que devam submeter-se. Nas palavras de Paulo VI, evangelizar é anunciar “o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus” (*Evangelii nuntiandi* 22).

Esta Evangelização terá força renovadora na fidelidade à Palavra de Deus, seu lugar de acolhida na comunidade eclesial, seu alento criador no Espírito Santo, que cria a unidade na diversidade, alimenta a riqueza carismática e ministerial, e se projeta ao mundo mediante o compromisso missionário.

28. Como deve ser esta Nova Evangelização? O Papa nos respondeu:

nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão.

29. Nova em seu ardor. Jesus Cristo nos chama a renovar nosso ardor apostólico. Para isso envia o seu Espírito que inflama hoje o coração da Igreja. O ardor apostólico da Nova Evangelização brota de uma radical conformação com Jesus Cristo, o primeiro evangelizador. Assim o melhor evangelizador é o santo, o homem das bem-aventuranças (*Redemptoris missio* 90-91). Uma evangelização nova em seu ardor supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma forte fidelidade que, sob a ação do Espírito, gere uma mística, um entusiasmo incontido na tarefa de anunciar o Evangelho e capaz de despertar a credibilidade para acolher a Boa Nova da Salvação.

Nova em seus métodos. Novas situações exigem novos caminhos para a evangelização. O testemunho e o encontro pessoal, a presença do cristão em todo o humano, assim como a confiança no anúncio salvador de Jesus (querigma) e na atividade do Espírito Santo, não podem faltar.

É necessário empregar, sob a ação do Espírito criador, a imaginação e a criatividade para que, de maneira pedagógica e convincente, o Evangelho chegue a todos. Já que vivemos numa cultura da imagem, devemos ser audazes para utilizar os meios que a técnica e a ciência nos proporcionam, sem jamais depositar neles toda a nossa confiança. Por outro lado, é necessário utilizar aqueles meios que façam chegar o Evangelho ao centro da pessoa e da sociedade, às raízes mesmas da cultura, “não de uma maneira decorativa, como um verniz superficial” (*Evangelii nuntiandi* 20).

30. Nova em sua expressão. Jesus Cristo nos pede proclamar a Boa Nova com uma linguagem que torne o Evangelho de sempre mais próximo das novas realidades culturais de hoje. A partir da riqueza inesgotável de Cristo, se não de buscar as novas expressões que permitam evangelizar os ambientes marcados pela cultura urbana e inculturar o Evangelho nas formas de cultura adveniente. A Nova Evangelização tem que inculturar-se mais no modo de ser e de viver de nos-

sas culturas, levando em conta as particularidades das diversas culturas, especialmente as indígenas e afro-americanas. (Urge aprender a falar segundo a mentalidade e cultura dos ouvintes, de acordo com suas formas de comunicação e os meios em uso). Assim a Nova Evangelização continuará na linha da encarnação do Verbo. A Nova Evangelização exige a conversão pastoral da Igreja. Tal conversão deve ser coerente com o concílio. Ela diz respeito a tudo e a todos: na consciência e na práxis pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e de autoridade; com estruturas e dinamismo que tornem a Igreja presente com cada vez mais clareza, enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal.

1.1. A IGREJA CONVOCADA À SANTIDADE

Iluminação doutrinal

31. Durante nossa IV Conferência estivemos, como Maria, à escuta da Palavra, para comunicá-la a nossos povos. Sentimos que o Senhor Jesus repetia o chamamento a uma vida santa (cf. Ef 1,2 fundamento de toda nossa ação missionária).

A Igreja, como mistério de unidade, encontra sua fonte em Jesus Cristo. Só N ele pode dar os frutos de santidade que Deus espera dela. Só participando de seu Espírito pode transmitir aos homens a autêntica Palavra de Deus. Somente a santidade de vida alimenta e orienta uma verdadeira promoção humana e cultura cristã. Só com Ele, por Ele e Nele se pode dar a Deus, Pai onipotente, a honra e a glória pelos séculos dos séculos.

Chamado à santidade

32. A Igreja é comunidade santa (cf. 1Pd 2,9), em primeiro lugar, pela presença nela do Cordeiro que a santifica por seu Espírito (cf. Ap 21,22s; 22,1-5; Ef 1,18; 1Cor 3,16; 6,19; *Lúmen gentium* 4). Por isso, seus membros devem esforçar-se cada dia por viver, no seguimento de Jesus e em obediência ao Espírito, “como santos e imacula-

dos em sua presença pelo amor” (Ef 1,4). Estes são os homens e mulheres novos de que a América Latina e o Caribe necessitam: os que escutaram com coração bom e reto (cf. Lc 8, 15) o chamado à conversão (cf. Mc 1,15) e renasceram pelo Espírito Santo segundo a imagem perfeita de Deus (cf. Cl 1,15; Rm 8,29), chamam a Deus “Pai” e expressam seu amor a Ele no reconhecimento de seus irmãos (cf. *Puebla*, 327), são bem-aventurados porque participam da alegria do Reino dos céus, são livres com a liberdade que dá a Verdade e solidários com todos os homens, especialmente com os que mais sofrem. A Igreja alcançou na Santíssima Virgem a perfeição em virtude da qual não tem mancha nem ruga. A santidade “é a chave do ardor renovado da Nova Evangelização” (João Paulo II, *Homilia em Salto*, Uruguai, 09-OS-88, 4).

Convocada pela Palavra

33. A Igreja, comunidade santa, convocada pela Palavra, tem como uma de suas principais tarefas a de pregar o Evangelho (cf. *Lumen gentium* 25). Os Bispos das Igrejas particulares que peregrinam na América Latina e no Caribe e todos os participantes reunidos em Santo Domingo, queremos assumir com o renovado ardor que os tempos exigem, o chamado que o Papa, sucessor de Pedro, nos tem feito para empreender uma Nova Evangelização, muito conscientes de que evangelizar é necessariamente anunciar com alegria o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus (cf. *Evangelii nuntiandi* 22).

Querigma e catequese. A partir da situação generalizada de muitos batizados na América Latina, que não deram sua adesão pessoal a Jesus Cristo pela conversão primeira, se impõe, no ministério profético da Igreja, de modo prioritário e fundamental, a proclamação vigorosa do anúncio de Jesus morto e ressuscitado (querigma, cf. *Redemptoris missio* 44), “raiz de toda a Evangelização, fundamento de toda promoção humana e princípio de toda autêntica cultura crista” (*Discurso inaugural* 25).

Este ministério profético da Igreja compreende também a catequese que, atualizando incessantemente a revelação amorosa de Deus manifestada em Jesus Cristo, leva a fé inicial à sua maturidade e educa o verdadeiro discípulo de Jesus Cristo (cf. *Catechesi tradendae*, 19). Ela deve nutrir-se da Palavra de Deus, lida e interpretada na Igreja e celebrada na comunidade, para que, ao esquadrihar o mistério de Cristo, ajude a apresentá-lo como Boa Nova nas situações históricas de nossos povos.

Igualmente pertence ao ministério profético da Igreja o serviço que os teólogos prestam ao povo de Deus (cf. *Discurso inaugural*, 7). Sua tarefa, enraizada na Palavra de Deus, realizada no diálogo aberto com os pastores, em plena fidelidade ao magistério, é nobre e necessária. Seu trabalho, assim realizado, pode contribuir para a inculturação da fé e a evangelização das culturas, como também para nutrir uma teologia que impulse a pastoral, que promova a vida cristã integral, até a busca da santidade. Um trabalho teológico assim compreendido impulsiona a ação em favor da justiça social, dos direitos humanos e da solidariedade com os mais pobres. Não esquecemos, sem embargo, que a função profética de Cristo é participada por todo o “povo santo de Deus” e que este a exerce, em primeiro lugar, “difundindo seu testemunho vivo sobretudo com a vida de fé e caridade” (*Lumen gentium*, 12). O testemunho de vida cristã é a primeira e insubstituível forma de evangelização, como o fez presente vigorosamente Jesus em várias ocasiões (cf. Mt 7, 21-23; 25, 31-46; Lc 10, 37; 19, 1-10) e o ensinaram também os apóstolos (cf. Tg 2, 14-18).

Celebração litúrgica

34. A Igreja santa encontra o sentido último de sua convocação na vida de oração, louvor e ação de graças que o céu e a terra dirigem a Deus por “suas obras grandes e maravilhosas” (Ap 15,3s; 7, 9-17). Esta é a razão pela qual a liturgia “é o cume ao qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana a sua força” (*Sacrosanctum concilium*, 10). A liturgia é a ação do Cristo total, Cabeça e membros, e, como tal, deve expressar o sentido mais pro-

fundo de sua oblação ao Pai pelos homens. Assim como a celebração da Última Ceia está essencialmente unida à vida e ao sacrifício de Cristo na Cruz e o faz cotidianamente presente pela salvação de todos os homens, assim também, os que louvam a Deus reunidos em torno do Cordeiro, são os que mostram em suas vidas os sinais testemunhais da entrega de Jesus (cf. Ap 7,13s . Por isso, o culto cristão deve expressar a dupla vertente da obediência ao Pai (glorificação) e da caridade com os irmãos (redenção), pois a glória de Deus é que o homem viva. Com o qual longe de alienar aos homens, os liberta e os faz irmãos.

35. O serviço litúrgico, assim realizado na Igreja, tem, por si mesmo, um valor evangelizador que a Nova Evangelização deve situar em lugar de grande destaque. Na liturgia se faz presente hoje Cristo Salvador. A liturgia é o anúncio e realização (cf. *Sacrosanctum concilium*, 6) dos feitos salvíficos que nos chegam a tocar sacramentalmente; por isso, convoca, celebra e envia. É exercício da fé, útil tanto para quem tem uma fé robusta como para quem tem fé débil, e inclusive para o não-crente (cf. 1Cor 14,24-25). Sustenta o compromisso com a promoção humana, enquanto orienta os fiéis a assumir sua responsabilidade na construção do Reino, “para que se ponha de manifesto que os fiéis cristãos, sem ser deste mundo, são a luz do mundo” (*Sacrosanctum concilium* 9). A celebração não pode ser algo separado ou paralelo à vida (cf. 1Pd 1,15). por último, é especialmente pela liturgia que o Evangelho penetra no coração mesmo das culturas. Toda a cerimônia litúrgica de cada sacramento tem também um valor pedagógico; a linguagem dos signos é o melhor veículo para que “a mensagem de Cristo penetre nas consciências das pessoas e (daí) se projete no ethos de um povo, em suas atitudes vitais, em suas instituições e em todas as suas estruturas” (*Discurso inaugural*, 20; cf. João Paulo II, *Disc. aos intelectuais*, Medellín, 05-071986, 2). Por isto as formas da celebração litúrgica devem ser aptas para expressar o mistério que se celebra e, por sua vez, ser claras e inteligíveis para os homens e mulheres (João Paulo II, *Discurso à UNESCO*, 02-06-80, 6).

Religiosidade popular

36. A religiosidade popular é uma expressão privilegiada da inculcação da fé. Não se trata só de expressões religiosas mas também de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo, formando-lhe a matriz cultural. Esta celebração da fé, tão importante na vida da Igreja da América Latina e do Caribe, está presente em nossa preocupação pastoral. As palavras de Paulo VI (*Evangelii nuntiandi*48), recebidas e desenvolvidas pela Conferência de Puebla, em propostas claras, são ainda hoje válidas (cf. *Puebla*, 444s). É necessário que reafirmemos nosso propósito de continuar os esforços por compreender cada vez melhor e acompanhar com atitudes pastorais, as maneiras de sentir e viver, compreender e expressar o mistério de Deus e de Cristo por parte de nossos povos, para que purificadas de suas possíveis limitações e desvios cheguem a encontrar seu lugar próprio em nossas Igrejas locais e em sua ação pastoral.

Contemplação e compromisso

37. Queremos concluir estas palavras acerca da Igreja como mistério de comunhão que se realiza plenamente na santidade de seus membros, recordando e agradecendo a Deus a vida contemplativa e monástica presente hoje na América Latina. A santidade, que é desenvolvimento da vida de fé, de esperança e de caridade, recebida no batismo, busca a contemplação do Deus que ama e de Jesus Cristo, seu Filho. A oração profética não se entende, nem é verdadeira e autêntica, senão a partir de um real e amoroso encontro com Deus que atrai irresistivelmente (cf. Am 3,8; Jr 20,7-9; Os 2,16s). Sem uma capacidade de contemplação, a liturgia, que é acesso a Deus através de sinais, se converte em ação carente de profundidade. Agradecemos a Deus a presença de homens e mulheres consagrados à contemplação em uma vida segundo os conselhos evangélicos. São um sinal vivo da santidade de todo o povo de Deus e um chamado poderoso a todos os cristãos a crescer na oração, como expressão de fé ardente e comprometida, de amor fiel que contempla a Deus em sua vida íntima Trinitária e em

sua ação salvífica na história, e de inquebrantável esperança naquele que há de voltar para introduzir-nos na glória de seu Pai, que é também nosso Pai (cf. Jo 20,17).

Desafios pastorais

38. As considerações acima acerca da santidade da Igreja, de seu caráter profético e de sua vocação celebrativa, levam-nos a reconhecer alguns desafios que nos parecem fundamentais, aos quais é preciso responder para que a Igreja seja na América Latina e no Caribe plenamente o mistério da comunhão dos homens com Deus e entre si.

Na Igreja se multiplicam os grupos de oração, os movimentos apostólicos, formas novas de vida e de espiritualidade contemplativa, além de diversas expressões da religiosidade popular. Muitos leigos tomam consciência de sua responsabilidade pastoral em suas diversas formas. Cresce o interesse pela Bíblia, que exige uma pastoral bíblica adequada que dê aos fiéis leigos critérios para responder às insinuações de uma interpretação fundamentalista ou a um afastamento da vida na Igreja para refugiar-se nas seitas.

39. Entre nós, católicos, o desconhecimento da verdade sobre Jesus Cristo e das verdades fundamentais da fé é um fato muito frequente e, em alguns casos, essa ignorância está vinculada a uma perda do sentido do pecado. Frequentemente a religiosidade popular, apesar de seus imensos valores, não está purificada de elementos alheios à autêntica fé cristã, nem leva sempre à adesão pessoal a Cristo morto e ressuscitado.

40. Pregamos pouco a respeito do Espírito que atua nos corações e os converte, fazendo assim possível a santidade, o desenvolvimento das virtudes e o vigor para tomar, a cada dia, a cruz de Cristo (cf. Mt 10,38; 16,24).

41. Tudo isto nos obriga a insistir na importância do primeiro anúncio

(querigma) e na catequese. Damos graças a Deus pelos esforços de tantas e tantos catequistas que cumprem seu serviço eclesial com sacrifício, selado, às vezes, com suas vidas. Contudo, devemos reconhecer como pastores que ainda há muito por fazer. Existe ainda muita ignorância religiosa, a catequese não chega a todos e muitas vezes chega em forma superficial, incompleta quanto a seus conteúdos, ou puramente intelectual, sem força para transformar a vida das pessoas e de seus ambientes.

42. É notória a perda da prática da “direção espiritual”, que seria muito necessária para a formação dos leigos mais comprometidos, além de ser condição para que amadureçam vocações sacerdotais e religiosas.

43. Quanto à liturgia muito resta a ser feito tanto para assimilar em nossas celebrações a renovação litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II, como para ajudar os fiéis a fazer da celebração eucarística a expressão de seu compromisso pessoal e comunitário com o Senhor. Ainda não se alcançou plena consciência do que significa a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida eclesial. Perdeu-se para muitos o sentido do “dia do senhor” e da conseqüente exigência eucarística. Persiste a pouca participação da comunidade cristã, e surge quem queira se apropriar da liturgia sem considerar seu verdadeiro sentido eclesial. Descuidou-se da séria e permanente formação litúrgica segundo as instruções e documentos do magistério (cf. Carta apostólica *Vicesimus quintus annus*, 4), em todos os níveis. Ainda não se dá atenção ao processo de uma sã inculturação da liturgia. Isto faz com que as celebrações sejam ainda, para muitos, algo ritualista e privado a ponto de não se fazerem conscientes da presença transformadora de Cristo e de seu Espírito nem de traduzirem-na em um compromisso solidário para a transformação do mundo.

44. A conseqüência de tudo isto é uma falta de coerência entre a fé e a vida em muitos católicos, incluídos, às vezes, nós mesmos ou alguns de nossos agentes pastorais. A falta de formação doutrinal e de profundidade na vida de fé faz de muitos católicos presa fácil do secula-

rismo, do hedonismo e do consumismo que invadem a cultura moderna e, em todo caso, os incapacita de evangelizá-la.

Linhas pastorais

45. A Nova Evangelização exige uma renovada espiritualidade que, iluminada pela fé que se proclama, anime, com a sabedoria de Deus, a autêntica promoção humana e seja o fermento de uma cultura cristã. Pensamos que é preciso continuar a acentuar a formação doutrinal e espiritual dos fiéis cristãos, e, em primeiro lugar, do clero, religiosos e religiosas, catequistas e agentes pastorais, destacando claramente a primazia da graça de Deus que salva por Jesus Cristo na Igreja, por meio da caridade vivida e através da eficácia dos sacramentos.

46. É preciso anunciar de tal maneira a Jesus que o encontro com Ele leve ao reconhecimento do pecado na própria vida e à conversão, em uma experiência profunda da graça do Espírito recebido no batismo e na confirmação. Isto supõe uma revalorização do sacramento da penitência, cuja pastoral deveria prolongar-se na direção espiritual de quem mostra maturidade suficiente para aproveitá-la.

47. Devemos zelar para que todos os membros do povo de Deus assumam a dimensão contemplativa de sua consagração batismal e “aprendam a orar”, imitando o exemplo de Jesus Cristo (cf. Lc 11,1), de maneira que a oração esteja sempre integrada com a missão apostólica da comunidade cristã e do mundo. Diante de muitos – inclusive cristãos – que buscam, em práticas alheias ao cristianismo, respostas às suas ânsias de vida interior, devemos saber oferecer a rica doutrina e a larga experiência que tem a Igreja.

48. Uma tal evangelização de Cristo e de sua vida divina em nós deve mostrar a exigência iniludível de acomodar a conduta ao modelo que Ele nos oferece. A coerência da vida dos cristãos com sua fé é condição da eficácia da Nova Evangelização. Para isso é necessário conhecer bem as situações concretas vividas pelo homem contemporâneo para oferecer-lhe a fé como elemento iluminador. Isto supõe também

uma clara pregação da moral crista que abrange tanto a conduta pessoal e familiar quanto a social. A prática de pequenas comunidades pastoralmente bem assistidas constitui um bom meio para aprender a viver a fé em estreita comunhão com a vida e com a perspectiva missionária. Neste campo é muito significativamente, também, a contribuição dos movimentos apostólicos.

49. A Nova Evangelização deve acentuar uma catequese querigmática e missionária. Requerem-se, para a vitalidade da comunidade eclesial, mais catequistas e agentes pastorais, dotados de sólido conhecimento da Bíblia, que os capacite para lê-la, à luz da Tradição e de Magistério da Igreja e para iluminar, a partir da Palavra de Deus, sua própria realidade pessoal, comunitária e social. Eles serão instrumentos especialmente eficazes da inculturação do Evangelho. Nossa catequese tem de ter um itinerário contínuo que vá desde a infância até à idade adulta, utilizando os meios mais adequados para cada idade e situação. Os catecismos são subsídios muito importantes para a catequese. São, ao mesmo tempo, caminho e fruto de um processo de inculturação da fé. O *Catecismo da Igreja católica*, já anunciado pelo Papa João Paulo II, orientará a elaboração de nossos futuros catecismos.

50. A função profética da Igreja, que anuncia Jesus Cristo, deve mostrar sempre os sinais da verdadeira “valentia” (*parresía*: cf. At 4,13; 1Ts 2,2) em total liberdade diante de qualquer poder deste mundo. Parte necessária de toda pregação e de toda catequese deve ser a Doutrina Social da Igreja, que constitui a base e o estímulo da autêntica opção preferencial pelos pobres.

51. Nossas Igrejas locais, que se expressam plenamente na liturgia e em primeiro lugar na Eucaristia, devem promover uma séria e permanentemente formação litúrgica do povo de Deus em todos os seus níveis, a fim de ele que possa viver a liturgia espiritual, consciente e ativamente. Esta formação deverá ter em conta a presença viva de Cristo na celebração, seu valor pascal e festivo, o papel ativo que cabe à Assembléia e seu dinamismo missionário. Uma preocupação especial deve ser promover e dar uma séria formação a quem esteja encarrega-

do de dirigir a oração e a celebração da Palavra na ausência do sacerdote. Parece-nos, enfim, que é urgente dar ao domingo, aos tempos litúrgicos e à celebração da Liturgia das Horas todo seu sentido e força evangelizadora.

52. A celebração comunitária deve ajudar a integrar em Cristo e em seu mistério os acontecimentos da própria vida, deve fazer crescer na fraternidade e na solidariedade, deve atrair a todos.

53. Temos de promover uma liturgia, que em total fidelidade ao espírito que o Concílio Vaticano II quis recuperar em toda sua pureza, busque, dentro das normas dadas pela Igreja, a adoção das formas, sinais e ações próprios das culturas da América Latina e Caribe. Nesta tarefa dever-se-á dar uma especial atenção à valorização da piedade popular, que encontra sua expressão especialmente na devoção à Santíssima Virgem, nas peregrinações aos santuários e nas festas religiosas, iluminadas pela Palavra de Deus. Se nós, os pastores, não nos empenhamos a fundo em acompanhar as expressões de nossa religiosidade popular, purificando-as e abrindo-as a novas situações, o secularismo impor-se-á mais fortemente em nosso povo latino-americano e a inculturação do Evangelho será mais difícil.

1.2. COMUNIDADES ECLESIAIS VIVAS E DINÂMICAS

54. “Que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, que eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste” (Jo 17,21). Esta é a oração de Jesus Cristo por sua Igreja. Ele pediu pra ela que viva a unidade, segundo o modelo da unidade trinitária (cf. *Gaudium et spes*, 24). Assim procuraram viver os primeiros cristãos em Jerusalém.

Conscientes de que o momento histórico que vivemos exige que delineemos “o rosto de uma Igreja viva e dinâmica que cresce na fé, se santifica, ama, sofre, se compromete e espera em seu Senhor” (João Paulo II, *Discurso inaugural*, 25), queremos voltar a descobrir o Senhor Ressuscitado que hoje vive em sua Igreja, se entrega a ela, santifica-a (cf. Ef 5,25-26) e a faz sinal da união de todos os homens

entre si e destes com Deus (cf. *Lumen gentium*, 1).

Queremos refletir este “rosto” em nossas Igrejas particulares, paróquias e demais comunidades cristãs. Buscamos dar impulso evangelizador a nossa Igreja a partir de uma vivência de comunhão e participação que já se experimenta em diversas formas de comunidades existentes em nosso continente.

1.2.1. A Igreja particular

55. As Igrejas particulares têm como missão prolongar para as diversas comunidades “a presença e a ação evangelizadora de Cristo (*Puebla*, 224) já que estão “formadas à imagem da Igreja universal nas quais e, a partir das quais, existe uma só e única Igreja Católica (*Lumen gentium*, 23).

A Igreja particular é chamada a viver o dinamismo de comunhão missão, “a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si; se compenetraram e se implicam mutuamente, ao ponto de a comunhão representar, ao mesmo tempo, a fonte e o fruto da missão... sempre o único e idêntico Espírito o que convoca e une a Igreja e o que a envia a pregar o Evangelho até os confins da terra” (*Christifideles laici*, 32),

A Igreja particular igualmente “comunhão orgânica... caracterizada pela simultânea presença da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos mistérios, dos carismas e das responsabilidades” (*Christifideles laici*, 20).

“Na unidade da Igreja local, que tem origem na Eucaristia, se encontra todo o Colégio episcopal com o Sucessor de Pedro à frente, como pertencendo à própria essência da Igreja particular. Em torno do Bispo e em perfeita comunhão com ele, devem florescer as paróquias e as comunidades cristãs como células vivas e pujantes de vida eclesial” (João Paulo II, *Discurso inaugural*, 25).

A Igreja particular, conforme o seu ser e a sua missão, por congregar

o povo de Deus de um lugar ou região, conhece de perto a vida, cultura, os problemas de seus integrantes e é chamada a gerar ali com todas as forças, sob a ação do Espírito, a Nova Evangelização, a promoção humana, a inculturação da fé (cf. *Redemptoris missio*, 54).

56. Em geral, nossas dioceses carecem de suficientes e qualificados agentes de pastoral. Muitas delas ainda não possuem um claro e verdadeiro planejamento pastoral. É urgente avançar no caminho da comunhão e participação, que, muitas vezes, é dificultado pela falta do sentido de Igreja e do autêntico espírito missionário.

57. Por isso é indispensável:

- Promover o aumento e a adequada formação dos agentes para os diversos campos da ação pastoral, conforme a eclesiologia do Vaticano II e o Magistério posterior.
- Impulsionar processos globais, orgânicos e planejados que facilitem e promovam a integração de todos os membros do povo de Deus, das comunidades e dos diversos carismas, e os oriente à Nova Evangelização, inclusive a missão “*ad gentes*”.

1.2.2. A paróquia

58. A paróquia, comunidade de comunidades e movimentos, acolhe as angústias e esperanças dos homens, anima e orienta a comunhão, participação e missão. “Não é principalmente uma estrutura, um território, nem edifício, é a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo Espírito de unidade”... “A paróquia se funda sobre uma realidade teológica porque ela é uma comunidade eucarística”... “A paróquia é comunidade de fé e uma comunidade orgânica... na qual o pároco, que representa o bispo diocesano, é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular” (*Christifideles laici*, 26).

Se a paróquia é a Igreja que se encontra entre as casas dos homens, então ela vive e trabalha profundamente inserida na sociedade humana e intimamente solidária com suas aspirações e dificuldades.

A paróquia tem a missão de evangelizar, de celebrar a liturgia, de fomentar a promoção humana, de fazer progredir a inculturação da fé nas famílias, nas CEBs, nos grupos e movimentos apostólicos, e através deles em toda a sociedade.

A paróquia, comunhão orgânica e missionária, é assim uma rede de comunidades.

59. Mas ainda é lento o processo de renovação da paróquia em seus agentes de pastoral e na participação dos fiéis leigos .

É urgente e indispensável dar solução às interrogações que apresentam às paróquias urbanas, para que estas possam responder aos desafios da Nova Evangelização. Há defasagem entre o ritmo da vida moderna e os critérios que ordinariamente animam

60. Temos que pôr em prática estas grandes linhas:

- Renovar as paróquias a partir de estruturas que permitam setorial a pastoral, mediante pequenas comunidades eclesiais nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos.
- Qualifica a formação e participa dos leigos, capacitando-os a-lho nas situações específicas onde vivem ou atuam.
- Nas Paróquias urbanas, se devem privilegiar planos de conjunto em zonas homogêneas para organizar serviços ágeis que facilitem a Nova Evangelização.
- Renovar sua capacidade de acolhida e seu dinamismo missionário com os fiéis marginalizados e multiplicar a presença física da paróquia mediante a criação de capelas e pequenas comunidades.

1.2.3. As Comunidades Eclesiais de Base

61. A Comunidade Eclesial de Base é célula viva da paróquia entendida esta como comunhão orgânica e missionária.

CEB, em si mesma, ordinariamente integrada por nucaas amplias, é chamada a viver como comunidade de fé, de culto e de amor, será animada por leigos, homens e mulheres adequadamente preparados no mesmo processo comunitário; os animadores estarão em comunhão com o pároco respectivo e o bispo. “As Comunidades Eclesiais de Base devem caracterizar-se, sempre, por uma decidida projeção universal e missionária que lhes inspire um renovado dinamismo apostólico” (João Paulo II, *Discurso inaugural*, 25). “São sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade fundada sobre a civilização do amor” (*Redemptoris missio*, 51).

62. Quando não existe uma clara fundamentação eclesiológica e uma busca sincera de comunhão, estas comunidades deixam de ser eclesiais e podem ser vítimas de manipulação ideológica e política.

63. Consideramos necessário:

- Ratificar a validade das Comunidades Eclesiais de Base, fomentando nelas um espírito missionário e solidário, e buscando sua integração com a paróquia, com a diocese e com a Igreja universal, em conformidade com os ensinamentos da *Evangelii Nuntiandi* (cf. n.º 58).
- Elaborar planos de ação pastoral que assegurem a preparação dos animadores leigos que assistem a estas comunidades, em íntima comunhão com o pároco e o bispo.

1.2.4. A família cristã

64. A família cristã é a “igreja doméstica”, primeira comunidade evangelizadora. “Apesar do problemas que em nossos dias afligem o matrimônio e a instituição familiar, esta, como célula primeira e vital da sociedade, pode gerar grandes energias que são necessárias para o bem da humanidade” (*Discurso inaugural*, 18). É necessário fazer da pastoral familiar uma prioridade básica, sentida, real e atuante. Básica, como fronteira da Nova Evangelização. Sentida, isto é, acolhida e

assumida por toda a comunidade diocesana. Real, porque será respaldada, concreta e decididamente no acompanhamento do bispo diocesano e seus párocos. Atuante significa que deve estar inserida numa pastoral orgânica. Esta pastoral deve estar em sincronia com instrumentos pastorais e científicos. Necessita ser acolhida a partir de seus próprios carismas pelas comunidades religiosas e os movimentos em geral.

1.3. NA UNIDADE DO ESPÍRITO E COM DIVERSIDADE DE MINISTÉRIOS E CARISMAS

65. O batismo nos constitui povo de Deus, membros vivos da Igreja. Pela ação do Espírito Santo participamos de todas as riquezas da graça que o Ressuscitado nos doa.

É o espírito que nos dá a possibilidade de reconhecer Jesus como Senhor e nos leva a construir a unidade da Igreja, a partir de distintos carismas que Ele nos confia para “proveito comum” (cf. 1Cor 12,3-11). Eis nossa grandeza e nossa responsabilidade. Ser portadores da mensagem salvadora para os demais.

66. Assim, o ministério salvífico de Cristo (cf. Mt 20,28; Jo 10,10) se atualiza através do serviço de cada um de nós. Existimos e servimos a uma Igreja rica em ministérios.

1.3.1. Os ministérios ordenados

67. O ministério dos bispos, em comunhão com o sucessor de Pedro, e o dos presbíteros e diáconos é essencial para que a Igreja responda ao desígnio salvífico de Deus pelo anúncio da palavra, pela celebração dos sacramentos e pela guia pastoral. O ministério ordenado é sempre um serviço à humanidade com vistas ao Reino. Recebemos “a força do Espírito Santo” (cf. At 1,8) para sermos testemunhas de Cristo e instrumentos de vida nova. Voltemos a escutar hoje a voz do Senhor que, com os desafios do momento atual, nos chama e envia; queremos permanecer fiéis ao Senhor e aos homens e mulheres, sobretudo os mais pobres, para cujo serviço fomos consagrados.

a) O desafio da unidade

68. O Concílio nos recordou a dimensão comunitária de nosso ministério: colegialidade episcopal, comunhão presbiteral, unidade entre os diáconos. A nível continental e em cada uma de nossas Igrejas particulares, já existem organismos de integração e coordenação. É notório o esforço de unidade com os religiosos que partilham os esforços pastorais em cada diocese. Reconhecemos, sem dúvida, causas de preocupação em nossas Igrejas particulares: divisões e conflitos que nem sempre refletem a unidade querida pelo Senhor.

Por outro lado, a escassez de ministros e a sobrecarga de trabalho que o exercício do ministério impõe a alguns fazem com que muitos permaneçam isolados.

Faz-se portanto necessário viver a reconciliação na Igreja, percorrer ainda o caminho de unidade e de comunhão de nós, os pastores, entre nós e com as pessoas e comunidades a nós confiadas.

69. Por isso nos propomos:

- Manter as estruturas a serviço da comunhão entre os ministros ordenados, prestando especial atenção aos respectivos papéis subsidiários, sem detrimento das competências próprias, em conformidade com o direito da Igreja. Segundo as necessidades e o que ensina a experiência, tais estruturas podem ser revistas e redimensionadas pelo esclarecimento de sua competência e natureza. Entre estas instâncias estão as conferências episcopais, as províncias e regiões eclesiais, os conselhos presbiterais e, em nível continental, o CELAM.
- Na formação inicial dos futuros pastores e na formação permanente dos bispos, presbíteros e diáconos queremos impulsionar, muito especialmente, o espírito de unidade e comunhão.

b) A exigência de uma vida espiritual profunda

70. O sacerdócio procede da profundidade do inefável mistério de Deus. Nossa existência sacerdotal nasce do amor do Pai, da graça de

Jesus Cristo e da ação santificadora e unificante do Espírito Santo; esta mesma existência se vai realizando para o serviço de uma comunidade, a fim de que todos se façam dóceis à ação salvadora de Cristo (cf. Mt 20,28, *Pastores dobo vobis*, 12).

O Sínodo Episcopal de 1990 e a exortação pós-sinodal *Pastores dobo vobis*, delinearão claramente as notas características de uma espiritualidade sacerdotal, insistindo profundamente sobre na caridade pastoral (cf. *Pastores dobo vobis*, 3).

71. Por estas razões nos propomos:

- Buscar em nossa oração litúrgica e particular e em nosso ministério uma permanente e profunda renovação espiritual para que nos lábios, no coração e na vida de cada um de nós Jesus Cristo esteja sempre presente.
- Crescer no testemunho de santidade de vida a que somos chamados com a ajuda dos meios que já temos em nossas mãos: “Os encontros de espiritualidade sacerdotal, como os exercícios espirituais, os dias de retiro ou de espiritualidade” (*Pastores dobo vobis*, 80) e outros recursos assinalados no Documento Pontifício pós-sinodal.

c) A urgência da formação permanente

72. São Paulo recomenda a seu discípulo que reavive o dom que recebeu pela imposição das mãos (cf. 2Tm 1,6). João Paulo II nos lembrou que a Igreja necessita apresentar modelos fidedignos de sacerdotes que sejam ministros convencidos e fervorosos da Nova Evangelização (cf. *Pastores dobo vobis*, 8 e 6).

Há uma consciência crescente de necessidade e integralidade da formação permanente, entendida e aceita como caminho de conversão e meio para a fidelidade. As implicações concretas desta formação para o compromisso do sacerdote com a Nova Evangelização exigem criar laços concretos que a possam assegurar. Cada vez aparece com mais

clareza a necessidade de acompanhar o processo de crescimento, tentando fazer com que os desafios, que o secularismo e a injustiça suscitem possam ser assimilados e respondidos a partir da caridade pastoral. Igual atenção temos de prestar aos sacerdotes idosos ou enfermos.

73. Consideramos importante:

- Elaborar projetos e programas de formação permanente para bispos, sacerdotes e diáconos, as comissões nacionais do clero e os conselhos presbiterais.
- Motivar e apoiar todos os ministros ordenados para uma formação permanente estruturada conforme as orientações do magistério pontifício.

d) A indispensável aproximação a nossas comunidades

74. O Bom Pastor conhece suas ovelhas e por elas é conhecido (cf. Jo 10,14). Servos da comunhão, queremos velar por nossas comunidades com entrega generosa, sendo modelos para o rebanho (cf. 1Pd 5,1-5). Queremos que nosso serviço humilde faça sentir a todos que fazemos presente a Cristo Cabeça, Bom Pastor e Esposo da Igreja (cf. *Pastores dobo vobis*, 10).

A aproximação com cada uma das pessoas permite aos pastores partilhar com elas as situações de dor e ignorância, de pobreza e marginalização, as aspirações de justiça e libertação. É todo um programa para viver melhor nossa condição de ministros da reconciliação (cf. 2Cor 5,18), dando a cada um motivos de esperança (cf. 1Pd 3,15), pelo anúncio salvador de Jesus Cristo (cf. G1 5,1).

- **75.** Nós, bispos, nos propomos organizar melhor uma pastoral de acompanhamento de nossos presbíteros e diáconos, para apoiar os que se encontram em ambientes especialmente difíceis.
- Todos os ministros queremos conservar uma presença humilde e acessível no meio de nossas comunidades, para que todos possam sentir a misericórdia de Deus. Queremos ser testemu-

nhas de solidariedade com nossos irmãos.

e) A atenção aos diáconos permanentes

76. O ministério dos diáconos é de importância para o serviço de comunhão na América Latina. Eles são, de forma muito privilegiada, sinais do Senhor Jesus “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28). Seu serviço será o testemunho evangélico diante de uma história em que a iniquidade se faz presente cada vez mais e se esfria a caridade (cf. Mt 24,12).

Para uma Nova Evangelização que, pelo serviço da Palavra e a Doutrina Social da Igreja, responda às necessidades de promoção humana e vá gerando uma cultura de solidariedade, o diácono permanente, por sua condição de ministro ordenado e inserido nas complexas situações humanas, tem um amplo campo de serviço em nosso Continente.

- **77.** Queremos reconhecer nossos diáconos mais pelo que são do que pelo que fazem.
- Queremos acompanhar a nossos diáconos no discernimento para que tenham uma formação inicial e permanente, adequada a sua condição.
- Continuaremos nossa reflexão sobre a espiritualidade própria dos diáconos, fundamentada em Cristo servo, para que vivam com profundo sentido de fé sua entrega à Igreja e sua integração com o presbitério diocesano.
- Queremos ajudar aos diáconos casados para que sejam fiéis a sua dupla sacramentalidade: a do matrimônio e a da ordem e para que suas esposas e filhos vivam e participem com eles na diaconia. A experiência de trabalho e seu papel de pais e esposos, constituem-nos colaboradores muito qualificados para abordar diversas realidades urgentes em nossas Igrejas particulares.
- Propomo-nos criar os espaços necessários para que os diáconos colaborem na cação dos serviços na Igreja, detectando e promovendo líderes, estimulando a co-responsabilidade de todos

para uma cultura da reconciliação e solidariedade. Há situações e lugares, principalmente nas zonas rurais distantes, e nas grandes áreas urbanas densamente povoadas, onde só através do diácono um ministro ordenado se faz presente.

1.3.2. As vocações ao ministério presbiteral e os seminários

78. “Naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus. Depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos” (Lc 6,12-13; Mc 3,13-14).

“Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36-38).

No marco de uma Igreja “comunhão para a missão”, o Senhor, que nos chia todos à santidade, chama todos à santidade, chama alguns para o serviço sacerdotal.

a) A pastoral vocacional uma prioridade

79. Estamos diante de fatos inegáveis: há um aumento das vocações sacerdotais, cresceu o interesse por uma pastoral que apresente aos jovens, com clareza, a possibilidade de um chamado do Senhor.

Mas os jovens chamados não podem escapar às mudanças familiares, culturais, econômicos e sociais do momento. A desintegração familiar pode impedir uma experiência de amor que prepara para a entrega generosa de toda a vida. O contágio de uma sociedade lesiva” e consumiste não favorece uma vida de austeridade e sacrifício. Pode acontecer que a motivação vocacional esteja, sem que o candidato o queira, viciada por razões não evangélicas.

88. Por isso apoderamos muito importante:

- Estruturar uma pastoral vocacional inserida na pastoral orgânica da diocese, em estreita vinculação com a pastoral familiar

e a da juventude. É agente preparar agentes e encontrar recursos para este campo de pastoral e apoiar o compromisso dos leigos na promoção de vocações consagradas.

- Fundamentar a pastoral vocacional na oração, na frequência dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência, na catequese da confirmação, na devoção mariana no acompanhamento com a direção espiritual e num compromisso missionário concreto: estes são os principais meios que auxiliarão os jovens em seu discernimento.
- Procurar estimular as vocações provenientes de todas as culturas presentes em nossas Igrejas particulares. O Papa nos convidou a prestar atenção de vocações indígenas (*Mensagem aos indígenas*, 6) e (*Mensagem aos afro-americanos*, 5).

81. Mantêm sua validade os seminários menores e centros afins devidamente adaptados às condições da época atual para os jovens dos últimos anos do curso médio, nos quais começa a manifestar-se um forte desejo de optar pelo sacerdócio. Em alguns países e em ambientes familiares deteriorados, são necessárias estas instituições para que os jovens cresçam em sua vivência cristã e possam fazer uma opção vocacional mais duradoura.

82. Ante o ressurgimento de vocações entre os adolescentes, é tarefa nossa uma adequada promoção, discernimento e formação.

- Em nossa pastoral vocacional teremos muito em conta as palavras do Santo Padre: “Condição indispensável para a Nova Evangelização é poder contar' com evangelizadores numerosos e qualificados. Por isso, a promoção das vocações sacerdotais e religiosas... há de ser uma prioridade dos bispos e um compromisso de todo o povo de Deus” (*Discurso inaugural*, 26).

b) Os seminários

83. Sinal de alegria e de esperança é o nascimento de seminários maiores em nosso continente e o aumento do número de alunos neles.

Em geral, trabalha-se por um ambiente favorável à direção espiritual e procura-se atualizar a formação, especialmente pastoral, dos futuros sacerdotes.

Preocupa, no entanto, a dificuldade para reunir a equipe de formadores adequada às necessidades de cada seminário, em detrimento da qualidade da formação.

Em muitos casos, o meio social do qual provêm os candidatos “os marca” com modos de vida muito secularizados ou os faz chegar ao seminário com limitações em sua formação humana ou intelectual quando não nos fundamentos de sua fé cristã.

84. Diante destas realidades nos propomos:

- Assumir plenamente as diretrizes da exortação pós-sinodal *Pastores dobo vobis* e rever, a partir dela, nossas “Normas básicas para a formação sacerdotal” (*Ratio fundamentalis*) em cada país.
- Selecionar e preparar formadores, aproveitando os cursos oferecidos pelo CELAM e outras instituições. Antes de abrir um seminário é necessário assegurar a presença da equipe de formadores.
- Rever a orientação da formação oferecida em cada um dos nossos seminários para que corresponda às exigências da Nova Evangelização, com suas conseqüências para a promoção humana e a inculturação do Evangelho. Sem atenuar as exigências de uma séria formação integral, dispensar particular interesse ao desafio representado pela formação sacerdotal daqueles candidatos provindos de culturas indígenas e afro-americanas.
- Procurar uma formação integral que desde o seminário disponha para a formação permanente do sacerdote.

1.3.3. A vida consagrada

85. A vida consagrada, que como dom do Espírito Santo, pertence à

vida íntima e santa da Igreja (*Lumen gentium*, 44; *Evangelii nuntian-di*, 69), é manifestada pelo testemunho heróico de muitos religiosos e religiosas que a partir de sua singular aliança com Deus fazem presente, em todas as situações, até as mais difíceis, a força do Evangelho.

Pela vivência fiel dos conselhos evangélicos, participam do mistério e da missão de Cristo, irradiam os valores do Reino, glorificam a Deus, animam a própria comunidade eclesial e interpelam à sociedade (cf. Lc 4,14-21; 9,1-6). Os conselhos evangélicos têm uma profunda dimensão pascal, já que supõem uma identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição (João Paulo II, *Os caminhos do Evangelho*, n. 7).

Por sua experiência testemunhal, a vida religiosa “há de ser sempre evangelizadora para que os necessitados da luz da fé acolham com alegria a Palavra da Salvação; para que os pobres e mais desprezados sintam a proximidade da solidariedade fraterna; para que os marginalizados e abandonados experimentem o clamor de Cristo; *para que os sem voz se sintam escutados; para que os tratados injustamente encontrem defesa e ajuda*” (João Paulo II, *Homilia na Catedral de Santo Domingo*, 10.10.1992, n. 8).

A Virgem Maria, que pertence tão profundamente à identidade cristã de nossos povos latino-americanos (cf. Puebla 283), é modelo de vida para os consagrados e apoio seguro de sua fidelidade.

Na base do Concílio Vaticano II e sob o impulso de Medellín e Puebla, houve um esforço de renovação dos religiosos, uma “volta às fontes” e à primitiva inspiração dos institutos (cf. *Perfectae Caritatis*, n. 2). As conferências de Superiores Maiores desempenham importante papel para a vida consagrada; respeitando o fim e o espírito de cada instituto, tratam de assuntos comuns e estabelecem a conveniente cooperação com os pastores da Igreja (cf. *Código de Direito Canônico*, 708).

A vida consagrada, dom peculiar de Deus à sua Igreja, é necessariamente eclesial e enriquece as Igrejas particulares. Os religiosos da América Latina renovam sua adesão ao Papa. A partir das disposições de *Mutuae relationes*, é preciso um esforço de maior conhecimento recíproco entre as diversas formas de vida consagrada nas Igrejas particulares.

86. De singular fecundidade evangelizadora e missionária é a vida contemplativa; ela dá testemunho com toda a sua vida da primazia do absoluto de Deus. Com alegria constatamos o aumento de suas vocações e o envio a outros países.

87. A experiência dos institutos seculares é significativa e eles estão em crescimento. Por sua consagração buscam harmonizar os valores autênticos do mundo contemporâneo com o seguimento de Jesus vivido a partir da secularidade; hão de ocupar, pois, um lugar de destaque no trabalho da Nova Evangelização para a promoção humana e a inculturação do Evangelho.

88. As sociedades de vida apostólica também contribuem generosamente com esta tarefa de evangelização e são chamadas a manter suas características específicas de vida apostólica.

89. Outra forma de consagração é a das virgens consagradas a Deus pelo bispo diocesano, esposas místicas de Jesus Cristo, que se entregam ao serviço da Igreja (cf. *Código de Direito Canônico*, 604,1).

90. A mulher consagrada contribui para impregnar de Evangelho nossos processos de promoção humana integral e dinamiza a pastoral da Igreja. Ela é freqüentemente encontrada nos lugares de missão que oferecem maior dificuldade e é especialmente sensível ao clamor dos pobres. Por isto é necessário dar-lhe mais responsabilidade na programação da ação pastoral e caritativa.

91. “A obra de evangelização (*Discurso inaugural* (disse o Papa) na América Latina tem sido, em grande parte, fruto do vosso serviço missionário... Também em nossos dias, os religiosos e religiosas re-

presentam uma força evangelizadora e apostólica primordial no continente latino-americano” (João Paulo II, *Os caminhos do Evangelho*, 29.6.1990, n. 2.3).

Em sua carta aos religiosos da América Latina (*Os caminhos do Evangelho*, 29.6.1990), o Santo Padre lhes apresenta os seguintes pontos: seguir “na vanguarda da pregação, dando sempre testemunho do Evangelho da Salvação” (n. 4). “Evangelizar a partir de uma profunda experiência de Deus “ (n. 5). “Manter vivos os carismas dos fundadores” (n. 6). “Evangelizar em estreita colaboração com os bispos, com os sacerdotes e com os leigos, dando exemplo de renovada comunhão” (cf. n. 27). Estar na vanguarda da evangelização das culturas (cf. n. 28). Responder à necessidade de evangelizar para além de nossas fronteiras.

Linhas pastorais

92. A respeito da vida consagrada, esta IV Conferência assinala os seguintes compromissos e linhas de ação pastoral:

- Reconhecer a vida consagrada como um dom para nossas Igrejas particulares.
- Fomentar a vocação à santidade nas religiosas e religiosos, valorizando sua vida por sua própria existência e testemunho. Por isso queremos respeitar e fomentar a fidelidade a cada carisma fundacional como contribuição à Igreja.
- Dialogar nas comissões mistas e em outros organismos previstos no Documento da Santa Sé *Mutuae relationes* para responder às diversas tensões e conflitos a partir da comunhão eclesial. Queremos que em nossos seminários se fomente o conhecimento da teologia da vida religiosa e que, nas casas de formação dos religiosos, se dê especial importância à teologia da Igreja particular presidida pelo bispo e, além disso, o conhecimento da espiritualidade específica do sacerdote diocesano.
- Queremos apoiar as iniciativas dos Superiores Maiores em favor de uma formação inicial e permanente e de um acompa-

nhamento espiritual dos religiosos e religiosas para que estes possam responder aos desafios da Nova Evangelização. Trataremos de estimular um espírito missionário que desperte nos religiosos o desejo de servir para além de “nossas fronteiras.”

- Apoiar e assumir o ser e a presença missionária dos religiosos na Igreja particular sobretudo quando sua opção pelos pobres os leva a postos de vanguarda de maior dificuldade ou de inserção mais comprometida.

93. Procurar que os religiosos e religiosas que se encontram trabalhando pastoralmente na Igreja particular o façam sempre em perfeita comunhão com o bispo e os presbíteros.

1.3.4. Os fiéis leigos na Igreja e no mundo

94. O Povo de Deus está constituído em sua maioria por fiéis leigos. Eles são chamados por Cristo como Igreja, agentes e destinatários da Boa Nova da Salvação, a exercer no mundo, vinha de Deus, uma tarefa evangelizadora indispensável. A eles se dirigem hoje as palavras do Senhor “Ide também vós para a vinha” (Mt 20, 3-4) e estas outras: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”(Mc 16,15; cf. *Christifideles laici*, 33).

Como consequência do batismo os fiéis estão inseridos em Cristo e são chamados a viver o tríplice ministério sacerdotal, profético e real. Esta vocação deve ser fomentada constantemente pelos pastores das Igrejas particulares.

a) Os leigos hoje em nossas Igrejas

95. Hoje, como sinal dos tempos, vemos um grande número de leigos comprometidos com a Igreja que exercem diversos ministérios, serviços e funções nas comunidades eclesiais de base ou atividades nos movimentos eclesiais. Cresce sempre mais a consciência de sua responsabilidade no mundo e na missão *ad gentes*. Os pobres evangeli-

zam os pobres.

Os fiéis leigos comprometidos manifestam uma sentida necessidade de formação e de espiritualidade.

96. Comprova-se, porém, que a maior parte dos batizados ainda não tomou plena consciência de sua pertença à Igreja. Sentem-se católicos, mas não Igreja. Poucos assumem os valores cristãos como elemento de sua identidade cultural, não sentindo a necessidade de um compromisso eclesial e evangelizador. Como consequência disto, o mundo do trabalho, da política, da economia, da ciência, da arte, da literatura e dos meios de comunicação social não são guiados por critérios evangélicos. Assim se explica a incoerência entre a fé que dizem professar e o compromisso real na vida (cf. Puebla 783).

Também se comprova que os leigos nem sempre são adequadamente acompanhados pelos Pastores no descobrimento e amadurecimento de sua própria vocação.

A persistência de certa mentalidade clerical nos numerosos agentes de pastoral, clérigos e inclusive leigos (cf. *Puebla*, 784), a dedicação preferencial de muitos leigos a tarefas intra-eclesiais e -uma deficiente formação, privam-nos de dar respostas eficazes aos desafios atuais da sociedade.

b) Os desafios para os leigos

97. As urgências do momento presente na América Latina e no Caribe reclamam:

Que todos os leigos sejam protagonistas da Nova Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura Cristã. É necessária a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem te dação ao intra-eclesial.

Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários

da Nova Evangelização. Esta só será efetivamente levada a cabo se os leigos, conscientes de seu batismo, responderem ao chamado de Cristo a que se convertam em protagonistas da Nova Evangelização.

No marco da comunhão eclesial, urge um esforço de favorecer, a busca de Santidade dos leigos e o exercício de sua missão.

c) Principais linhas pastorais

98. Incrementar uma vivência da Igreja-comunhão, que nos leve à coresponsabilidade na ação da Igreja. Fomentar a participação dos leigos nos Conselhos Pastorais, nos diversos níveis da estrutura eclesial. Evitar que os leigos reduzam sua ação ao âmbito intra-eclesial, impulsionando-os a penetrar os ambientes sócio culturais e a serem eles os protagonistas da transformação da sociedade à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja.

Promover os conselhos de leigos, em plena comunhão com os pastores e adequada autonomia, como lugares de encontro, diálogo e serviço, que contribuam ao fortalecimento da unidade, da espiritualidade e da organização do laicato. Estes conselhos de leigos também são espaços de formação e podem estabelecer-se em cada diocese na Igreja de cada país e abarcar tanto os movimentos de apostolado como os leigos que, estando comprometidos com a Evangelização, não estão integrados em grupos apostólicos.

99. Incentivar uma formação integral, gradual e permanente dos leigos mediante organismos que facilitem “a formação de formadores” e programem cursos e escolas diocesanas e nacionais, dispensando particular atenção à formação dos pobres (cf. *Christifideles laici*, 63).

Os pastores procuraremos, como objetivo pastoral imediato, fomentar a preparação de leigos que se sobressaiam no campo da educação, da política, dos meios de comunicação social, da cultura e do trabalho. Estimularemos uma pastoral específica para cada um destes campos, de maneira que os que nelas estiverem presentes sintam todo o respal-

do de seus pastores. Estarão incluídos também os militares a quem corresponde sempre estar a serviço da liberdade, da democracia e da paz dos povos (cf. *Gaudium et spes*, 79).

Tendo presente que a santidade é um chamado a todos os cristãos, os pastores procurarão os meios adequados que favoreçam aos leigos uma autêntica experiência de Deus. Incentivarão também publicações específicas de espiritualidade laical.

100. Favorecer a organização dos leigos em todos os níveis da estrutura pastoral, baseada nos critérios de comunhão e participação, respeitando “a liberdade de associação dos fiéis leigos na Igreja” (cf. *Christifideles laici*, 29-30)

d) Ministérios conferidos aos leigos

101. O documento de Puebla recolheu a experiência do Continente no que diz respeito aos ministérios conferidos aos leigos e deu orientações claras para que, de acordo com os carismas de cada pessoa e as necessidades de cada comunidade, se fomentasse “uma especial criatividade no estabelecimento de ministérios e serviços que possam ser exercidos por leigos, de acordo com as necessidades da evangelização” (P 833; cf. 804-805; 811-817).

O Sínodo dos Bispos em 1987 e a Exortação apostólica *Christifideles laici* têm insistido na importância de mostrar que estes ministérios “têm seu fundamento sacramental no batismo e na confirmação” (*Christifideles laici*, 23).

Fiéis às orientações do Santo Padre, queremos continuar fomentando estas experiências que dão ampla margem de participação aos leigos (cf. *Christifideles laici*, 21-23) e respondem às necessidades de muitas comunidades que, sem esta valiosa colaboração, careceriam de todo acompanhamento na catequese, na oração e na animação de seus compromissos sociais e caritativos.

Consideramos que “novas expressões e novos métodos” para nossa missão evangelizadora encontram amplos campos de realização em “ministérios, ofícios e funções” (*Christifideles laici*, 23) que possam desempenhar alguns leigos cuidadosamente escolhidos e preparados. Uma forma adequada poderia ser que a uma família completa se entregasse à tarefa pastoral de animar outras famílias, preparando-se devidamente para este ofício.

e) Os movimentos e associações de Igreja

102. Como resposta às situações de secularismo, ateísmo, indiferença religiosa e como fruto da aspiração e necessidade do religioso (cf. *Christifideles laici*, 4), o Espírito Santo tem impulsionado o nascimento de movimentos e associações de leigos que já têm produzido muitos frutos em nossas Igrejas.

Os movimentos dão importância fundamental à Palavra de Deus, à oração em comum e atenção especial à ação do Espírito. Há casos também em que a experiência de uma fé compartilhada segue sempre como uma necessidade de comunhão cristã de bens como primeiro passo para uma economia de solidariedade.

As associações de apostolado são legítimas e necessárias (cf. *Apostolicam Actuositatem*, 18); seguindo a orientação do Concílio, confere-se um lugar especial para a ação católica por sua vinculação profunda à Igreja particular (cf. *Apostolicam Actuositatem*, 20; *Christifideles laici*, 31).

Ante os riscos de alguns movimentos e associações que possam chegar a fecharem-se sobre si mesmos, é particularmente urgente ter em conta os “critérios de eclesialidade” indicados na exortação pós-sinodal *Christifideles laici* n.30. É necessário acompanhar os movimentos em um processo de inculturação mais definido e alentar a formação de movimentos com perfil mais latino-americano.

“A Igreja espera muito de todos os leigos que com entusiasmo e eficácia evangélica agem através dos novos movimentos apostólicos, que estejam sendo coordenados na pastoral de conjunto e que respondam

“à necessidade de uma maior presença da fé na vida social” (João Paulo II, *Discurso inaugural* 27).

f) Leigos, Linha pastoral prioritária

103. A importância da presença dos leigos na tarefa da Nova Evangelização que conduz à promoção humana e chega a informar todo o âmbito da cultura com a força do Ressuscitado, nos permite afirmar que uma linha prioritária de nossa pastoral, fruto desta IV Conferência, há de ser a de uma Igreja na qual os fiéis cristãos leigos sejam protagonistas. Um laicato, bem estruturado com uma formação permanente, maduro e comprometido, é o sinal de Igrejas particulares que têm tomado muito a sério o compromisso da Nova Evangelização

1.3.5. As mulheres

104. Em Cristo, plenitude dos tempos, a igualdade e complementaridade com que o homem e a mulher foram criados (cf. Gn 1,27) se faz possível, já que “não há homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus”(Gl 3, 26-29). Jesus acolheu as mulheres, lhes devolveu a dignidade e lhes confiou, depois de sua ressurreição, a missão de anunciá-lo. (cf. *Mulieris dignitatem* 16). Cristo, “nascido de mulher” (Gl 4,4) nos dá Maria que “precede a Igreja mostrando em forma eminente e singular o modelo de virgem e de mãe” (*Lumen gentium* 63). Ela é protagonista da história por sua cooperação livre, levada à máxima participação com Cristo (cf. P 283). Maria tem representado um papel muito importante na evangelização das mulheres latino-americanas e tem feito delas evangelizadoras eficazes, como esposas, mães, religiosas, trabalhadoras, camponesas, profissionais. Continuamente lhes inspira a fortaleza para dar a vida, debruçar-se ante a dor, resistir e dar esperança quando a vida está mais ameaçada, encontrar alternativas quando os caminhos se fecham, como companheira ativa, livre e animadora da sociedade.

1. Situação

105. Em nosso tempo, a sociedade e a Igreja têm crescido em consciência da igual dignidade e missão da mulher e do homem. Ainda que teoricamente se reconheça esta igualdade, na prática freqüentemente é ela desconhecida. A Nova Evangelização deve ser promotora decidida e ativa da dignidade da mulher. Isto supõe aprofundar o papel da mulher na Igreja e na Pastoral.

Hoje se difundem diversas posições reducionistas sobre a natureza e missão da mulher: nega-se sua específica dimensão feminina, reduz-se a mulher em sua dignidade e direitos, converte-se a mulher em objeto de prazer, com um papel secundário na vida social. Ante isto queremos propor a doutrina evangélica sobre a dignidade e vocação da mulher, sublinhando seu papel “como mãe, defensora da vida e educadora do lar” (cf. *Puebla*, 846).

106. Na família e na construção do mundo, hoje, ganha terreno uma maior solidariedade entre homens e mulheres, mas fazem falta passos mais concretos rumo à igualdade real e à descoberta de que ambos se realizam na reciprocidade.

Tanto na família como nas comunidades eclesiais e nas diversas organizações de um país, as mulheres são quem mais se comunicam, sustentam e promovem a vida, a fé e os valores. Elas têm sido durante séculos “o anjo da guarda da alma cristã do continente” (João Paulo II, *Homilia em S. Domingo*, 11.10.1992 n.9). Este reconhecimento se choca escandalosamente com a freqüente realidade de sua marginalização, dos perigos aos quais se submete sua dignidade, da violência da qual muitas vezes é objeto. Àquela que dá e defende a vida é negada uma vida digna. A Igreja se sente chamada a estar do lado da vida e defendê-la na mulher.

2. *Compromissos pastorais*

107. Consideramos urgentes estas linhas de ação:

- Denunciar abertamente as violações às mulheres latino-americanas e caribenhas, sobretudo as camponesas, indígenas,

afro-amencanas, migrantes e operárias, inclusive as violências que se cometem pelos meios de comunicação social contra sua dignidade. Promover a formação integral para que haja verdadeira conscientização da dignidade comum do homem e da mulher. Anunciar profeticamente o ser verdadeiro da mulher, retirando do Evangelho a luz e a esperança do que ela é em plenitude, sem reduzi-la a modalidades culturais transitórias. Criar espaços para que a mulher possa descobrir seus próprios valores, apreciá-los e oferecê-los abertamente à sociedade e à Igreja.

- **108.** Desenvolver a consciência dos sacerdotes e dirigentes leigos para que aceitem e valorizem a mulher na comunidade eclesial e na sociedade, não só pelo que elas fazem, mas, sobretudo, pelo que elas são. Fomentar uma atitude de análise crítica ante as mensagens dos meios de comunicação sobre os estereótipos que tais meios apresentam sobre a feminilidade. Discernir à luz do Evangelho de Jesus os movimentos que lutam pela mulher partindo de distintas perspectivas, para potenciar seus valores, iluminar o que pode parecer confuso e denunciar o que resulta contrário à dignidade humana. Ao ler as escrituras, anunciar com força o que o Evangelho significa para a mulher e desenvolver uma leitura da Palavra de Deus que descubra os traços que a vocação feminina confere ao plano da salvação.
- **109.** Criar na educação novos símbolos e linguagens que não reduzam ninguém à categoria de objeto, mas que resgatem o valor de cada um como pessoa, e evitar nos programas educativos conteúdos que discriminem a mulher, reduzindo sua dignidade e identidade. É importante pôr em prática programas de educação para o amor e educação sexual na perspectiva cristã, buscar caminhos para que se dêem entre o homem e a mulher relações interpessoais baseadas no mútuo respeito e apreço, o reconhecimento das diferenças, o diálogo e a reciprocidade. É preciso incorporar as mulheres no processo de decisões responsáveis em todos os âmbitos: na fama e na sociedade. Urge con-

tar com a liderança feminina e promover a presença da mulher na organização e animação da Nova Evangelização da América Latina e do Caribe. É necessário estimular uma pastoral que promova as mulheres indígenas no campo social, educativo e político.

- **110.** Denunciar tudo aquilo que atentando contra a vida afete a dignidade da mulher como o aborto, a esterilização, os programas antinatalistas, a violência nas relações sexuais; favorecer os meios que garantam uma vida digna para as mulheres mais expostas: empregadas domésticas, migrantes, camponesas, indígenas, afro-americanas, trabalhadoras humildes e exploradas; intensificar e renovar o acompanhamento pastoral a mulheres em situações difíceis: separadas, divorciadas, mães solteiras, meninas e mulheres prostituídas por causa da fome, do engano e do abandono.

1.3.6. Os adolescentes e os jovens

111. Jesus percorreu as etapas da vida de toda pessoa humana: infância, adolescência, juventude, idade adulta. Ele se revela como o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,S). Ao nascer assumiu a condição de menino pobre e submisso a seus pais, recém-nascido foi perseguido (Mt 2,13). Jesus, revelação do Pai que quer a vida em abundância (cf. Jo 10,10), devolve a vida a seu amigo Lázaro (Jo 11), ao jovem filho da viúva de Naim (cf. Lc 7,17) e à jovem filha de Jairo (cf. Mc 5,21-43). Ele continua hoje chamando os jovens para dar sentido a suas vidas.

A missão dos adolescentes e jovens na América Latina “que caminhem para o terceiro milênio cristão é preparar-se para ser os homens e mulheres do futuro, responsáveis e ativos nas estruturas sociais, culturais e eclesiais, para que incorporados pelo Espírito de Cristo e por seu talento em conseguir soluções originais, contribuam para a conquista de um desenvolvimento cada vez mais humano e mais cristão” (cf. *Homilia em Higuey*, 4).

1. Situação

112. Muitos jovens são vítimas do empobrecimento e da marginalização social, do desemprego e do subemprego, de uma educação que não responde às exigências de suas vidas, do narcotráfico, da guerrilha, das gangues, da prostituição, do alcoolismo, de abusos sexuais. Muitos vivem adormecidos pela propaganda dos meios de comunicação social e alienados por imposições culturais, e pelo pragmatismo imediatista que tem gerado novos problemas no processo de amadurecimento afetivo dos adolescentes e dos jovens.

Por outro lado, constatamos que há adolescentes e jovens que reagem ao consumismo imperante e se sensibilizam com as fraquezas das pessoas e com a dor dos mais pobres. Buscam inserir-se na sociedade, repudiando a corrupção e gerando espaços de participação genuinamente democráticos. Cada vez são mais os que se reúnem em grupos, movimentos e comunidades eclesiais para orar e realizar distintos serviços de ação missionária e apostólica. Os adolescentes e os jovens estão povoados de interrogações vitais e representam o desafio de montar um projeto de vida pessoal comunitário que dê sentido a suas vidas, para assim lograr a realização de suas capacidades. Encarnam o desafio de ser acompanhados em seus caminhos de crescimento na fé e trabalho eclesial e preocupações de transformação necessária da sociedade por meio de uma pastoral orgânica.

113. Na Igreja da América Latina, os jovens católicos organizados em grupos, pedem aos pastores acompanhamento espiritual e apoio em suas atividades, mas necessitam sobretudo em cada país de linhas pastorais claras que contribuam para uma pastoral juvenil orgânica.

2. Compromissos pastorais

114. Nós nos propomos executar as seguintes ações pastorais:

- Reafirmar a “opção preferencial” pelos jovens proclamada em Puebla, não só de modo afetivo mas também efetivamente; isto deve significar uma opção concreta por uma pastoral juvenil

orgânica, onde haja um acompanhamento e apoio real com diálogo mútuo entre jovens, pastores e comunidades. A efetiva opção pelos jovens exige maiores recursos pessoais e materiais por parte das paróquias e das dioceses. Esta pastoral juvenil deve ter sempre uma dimensão vocacional.

115. Para cumpri-la propomos uma ação pastoral:

- Que responda às necessidades de amadurecimento afetivo e à necessidade de acompanhar os adolescentes e jovens em todo o processo de formação humana e crescimento da fé. Será preciso dar especial importância ao sacramento da Confirmação, para que sua celebração leve os jovens ao compromisso apostólico e a ser evangelizadores de outros jovens.
- Que capacite para conhecer e responder criticamente aos impactos culturais, sociais que recebem e os ajude a comprometer-se na pastoral da Igreja, nas necessárias transformações da sociedade.
- **116.** Que dinamize uma espiritualidade do seguimento de Jesus que propicie o encontro entre a fé e a vida, que seja promotora da justiça, da solidariedade e que anime um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida.
- **117.** Que assuma as novas formas celebrativas da fé, próprias da cultura dos jovens; fomente a criatividade e a pedagogia dos sinais, respeitando sempre os elementos essenciais da liturgia.
- **118.** Que anuncie nos compromissos assumidos e na vida cotidiano que o Deus da vida ama aos jovens e quer para eles um futuro diferente sem frustrações nem marginalizações, onde a vida plena seja fruto acessível a todos.
- **119.** Que abra aos adolescentes e jovens espaços da participação na Igreja. Que o processo educativo se realize através de uma pedagogia experiencial, participativa e transformadora. Que promova o protagonismo através da metodologia do ver, julgar, agir, revisar e celebrar. Tal pedagogia tem de integrar o

crescimento da fé no processo de crescimento humano, tendo em conta os diversos elementos, como o esporte, a festa, a música, o teatro.

- Esta pastoral deve pretender fortalecer todos os processos orgânicos válidos e definidamente analisados pela Igreja, desde Puebla até hoje. Cuidará especialmente de dar relevância à pastoral juvenil de meios específicos, onde vivem e atuam os adolescentes e os jovens: camponeses, indígenas, afro-americanos, trabalhadores, estudantes, habitantes de periferias urbanas marginalizados, militares e jovens em situações críticas.
- A Igreja, com sua palavra e seu testemunho, deve antes de tudo apresentar Jesus Cristo aos adolescentes e aos jovens de modo atrativo e motivador, de modo que seja para eles o caminho, a verdade e a vida que responda a seus anseios de realização pessoal e a suas necessidades de encontrar sentido na mesma vida.
- **120.** Para responder à realidade cultural atual, a pastoral juvenil deverá apresentar, com força e de um modo atraente e acessível à vida dos jovens, os ideais evangélicos. Deverá favorecer a criação e animação de grupos, comunidades juvenis vigorosas e evangélicas, que assegurem a continuidade e perseverança dos processos educativos dos adolescentes e jovens, e os sensibilizem e comprometam a responder aos desafios da promoção humana, da solidariedade e da construção da civilização do amor.

1.4. PARA ANUNCIAR O REINO A TODOS OS POVOS

121. Cristo nos revela o Pai e nos introduz no Mistério da vida trinitária pelo Espírito. Tudo passa por Cristo, que se faz caminho, verdade e vida. Pelo batismo recebemos a filiação divina. Tendo sido feitos filhos de Deus, todos os povos da América Latina fomos feitos também irmãos entres nós.

Fomos introduzidos no Mistério da comunhão trinitária, porque Cristo se fez um de nós, assumindo a condição de servo e tudo o que a nossa

condição humana implica, menos o pecado, para transformá-la, vivificá-la, fazê-la cada vez mais humana e divina. Desta maneira, Cristo agora entra no coração de nossos povos, assume-os e transforma-os.

Ao incorporar-nos a Ele, comunica-nos sua vida amorosa, como a videira aos ramos, infundindo-nos seu Espírito, que nos faz capazes de perdoar, de amar a Deus sobre todas as coisas e a todos os irmãos sem distinção de raça, nação ou situação econômica. Jesus Cristo é assim a semente de uma nova humanidade reconciliada.

122. Na América Latina, são muitos os que vivem na pobreza, que com freqüência desce a níveis escandalosos. Entretanto, inseridos em situações-limite, somos capazes de amar-nos, de viver unidos apesar de nossas diferenças e de comunicar ao mundo inteiro nossa acendrada experiência de fraternidade.

123. Com alegria testemunhamos que em Jesus Cristo temos a libertação integral para cada um de nós e para nossos povos; libertação do pecado, da morte e da escravidão feita de perdão e reconciliação.

Jesus Cristo nos convoca em sua Igreja, que é sacramento de comunhão evangelizadora. Nela devemos viver a unidade de nossas Igrejas na caridade, comunicando e anunciando essa comunhão a todo o mundo com a Palavra, com a Eucaristia e com os demais sacramentos. A Igreja vive para evangelizar, sua vida e vocação se realizam quando se faz testemunho, quando provoca a conversão e conduz os homens e as mulheres à salvação (*cf. Evangelii nuntiandi* 15). “Assim, pois, desde o dia em que os Apóstolos receberam o Espírito Santo, a Igreja recebeu a tarefa de evangelização (*Discurso inaugural*2).

124. Jesus Cristo nos dá a vida para comunicá-la a todos. Nossa missão exige de nós, que, unidos a nossos povos, estejamos abertos para receber esta vida em plenitude, para comunicá-la abundantemente às Igrejas a nós encomendadas, e também além de nossas fronteiras. Pedimos perdão por nossas fragilidades e imploramos a graça do Senhor, para cumprir, mais eficazmente, a missão que recebemos. Convidamos a todos para que, renovados no Espírito, anunciem também a

Jesus Cristo e se convertam em missionários da vida e da esperança para todos nossos irmãos.

A Nova Evangelização tem que ser capaz de despertar um novo fervor missionário em uma Igreja cada vez mais arraigada “na força e no poder perene de Pentecostes” (*cf. Evangelii nuntiandi*, 41).

1.4.1. Que se lance à missão “ad gentes”

125. Nascida do amor salvífico do Pai, a missão do Filho com a força do Espírito Santo (cf. Lc 4,18), essência da Igreja (cf. *Ad gentes*, 2) e objeto fundamental desta IV Conferência, é para nós nosso principal objetivo.

João Paulo II, em sua encíclica missionária, levou-nos a discernir três modos de realizar essa missão: a atenção pastoral em situações de fé viva, a Nova Evangelização e a ação missionária “ad gentes” (cf. *Redemptoris missio* 33).

Renovamos este último sentido da missão, sabendo que não pode haver Nova Evangelização sem projeção para o mundo não cristão, pois, como nota o Papa: “A Nova Evangelização dos povos cristãos encontrará inspiração e apoio no compromisso pela missão universal” (*Redemptoris missio* 2).

Podemos dizer com satisfação que o desafio da missão “ad gentes”, proposta por Puebla, foi assumido a partir de nossa pobreza, compartilhando a riqueza da fé com que o Senhor nos tem abençoado. Reconhecemos, porém, que a consciência missionária “ad gentes” ainda é insuficiente ou &agil.

Os Congressos Missionários Latino-americanos (COMTAS), os Congressos missionários nacionais, os grupos e movimentos missionários e a ajuda de Igrejas irmãs, têm sido um incentivo para tomar consciência desta exigência evangélica.

Desafios pastorais

- **126.** Não se tem insistido o suficiente em que sejamos melhores evangelizadores.
- Nós nos fechamos em nossos próprios problemas locais, esquecendo nosso compromisso apostólico com o mundo não cristão.
- Descarregamos nosso compromisso missionário em alguns de nossos irmãos e irmãs, que os cumprem por nós.

127. Causa do que se descreveu é a carência de um explícito programa de formação missionária na maioria dos seminários e casas de formação.

Linhas pastorais

128. Convidamos cada Igreja particular do continente latino-americano para que:

- Introduza em sua pastoral ordinária a animação missionária, apoiada em um centro missionário diocesano, sustentado por uma equipe missionária, movido por uma espiritualidade viva para uma ação missionária, criativa e generosa.
- Estabeleça uma relação positiva com as Obras Missionárias Pontifícias, que devem ter um responsável eficaz e o apoio da Igreja particular.
- Promova a cooperação missionária de todo o Povo de Deus, traduzida em oração, sacrifício, testemunho de vida cristã e ajuda econômica.
- Integre nos programas de formação sacerdotal e religiosa cursos específicos de missiologia e instrua os candidatos ao sacerdócio sobre a importância da inculturação do Evangelho. – Forme agentes de pastoral autóctones, com espírito missionário na linha assinalada pela Encíclica *Redemptoris Missio*.
- Assuma com valentia o envio missionário, tanto de sacerdotes como de religiosos e leigos. Coordene os recursos humanos e materiais que fortaleçam os processos de formação, envio, acompanhamento e re-inserção dos missionários.

1.4.2. Que vivifique a fé dos batizados afastados

129. Nosso Deus é o Pai rico em misericórdia. Ele respeita a liberdade de seus filhos e filhas e espera o tempo do retorno saindo ao encontro daqueles que se afastaram de sua casa (cf. Lc 15).

Desafios pastorais

130. Na América Latina e no Caribe, numerosos batizados não orientam sua vida segundo o Evangelho.

Muitos deles se afastam da Igreja, ou não se identificam com ela. Entre esses, ainda que não exclusivamente, há muitos jovens e pessoas mais críticas da ação da Igreja. Há outros que, tendo imigrado de suas regiões de origem, se desenraizam de seu ambiente religioso.

Linhas pastorais

131. Como pastores da Igreja isto nos preocupa. Ao mesmo tempo nos dói ver como muitos de nossos fiéis não são capazes de comunicar aos demais a alegria de sua fé. Jesus Cristo nos pede que sejamos o sal da terra, o fermento na massa. Por isso, a Igreja, pastores e fiéis, sem descuidar da atenção aos mais próximos, deve sair ao encontro dos que estão afastados.

Muitas portas destes irmãos afastados esperam o chamado do Senhor (cf. Ap 3,20) através dos cristãos que, assumindo missionariamente seu batismo e confirmação, saem ao encontro daqueles que se afastaram da casa do Pai. Por isso sugerimos:

- Promover um novo impulso missionário em direção a estes fiéis, indo-lhes ao encontro. A Igreja não deve ficar tranqüila com os que a aceitam e a seguem com maior facilidade.
- Pregar-lhes o querigma de uma forma viva e alegre.
- Organizar campanhas missionárias que descubram a novidade sempre atual de Jesus Cristo, dentre as quais podem-se destacar

as visitas domiciliares e as missões populares.

- Aproveitar os momentos de contato que os batizados mantêm com a Igreja, tais como o batismo de seus filhos, a primeira comunhão, a confirmação, a enfermidade, o matrimônio, as exéquias, para manifestar-lhes a novidade sempre atual de Jesus Cristo.
- Buscar através dos meios de comunicação social proximidade com aqueles que não podem ser alcançados diretamente.
- Motivar e animar as comunidades e movimentos eclesiais para que redobrem seu serviço evangelizador dentro da orientação pastoral da Igreja local.

1.4.3. Que reúne a todos os irmãos em Cristo

132. “Pai, que todos sejam um como Tu e eu somos um, para que o mundo creia que Tu me enviaste” (Jo 17,21). Esta súplica de Cristo justifica a denúncia do concílio Vaticano II, ao apontar o escândalo da divisão dos cristãos (cf. UR 1), e exige que encontremos os caminhos mais eficazes para alcançar a unidade na verdade.

Desafios pastorais

- **133.** O grande desafio em que nos encontramos é a divisão entre os cristãos, divisão que se agravou por diversos motivos ao longo da história.
- A existência de uma confusão sobre este tema, fruto de uma deficiente formação religiosa e de outros fatores.
- O fundamentalismo proselitista de grupos cristãos sectários que dificultam o são caminho do ecumenismo.
- **134.** Em situação similar à dos cristãos separados, podemos situar todo o povo judeu. Também com eles o diálogo é desafio para a nossa Igreja.

Linhas pastorais

135. Por isso também nós, com o Papa João Paulo II, dizemos: “O ecumenismo é uma prioridade na pastoral da Igreja do nosso tempo”. Para dar uma resposta adequada a este desafio sugerimos:

- Consolidar o espírito e o trabalho ecumênico na verdade, na justiça e na caridade.
- Aprofundar as relações de convergência e diálogo com as Igrejas que rezam conosco o Credo Niceno-Constantinopolitano, partilham dos mesmos sacramentos e da veneração por Santa Maria, a Mãe de Deus, ainda que não reconheçam o primado do Romano Pontífice.
- Intensificar o diálogo teológico ecumênico.
- Avivar a oração em comum pela unidade dos cristãos e, de modo particular, a semana de oração pela unidade dos que crêem.
- Promover a formação ecumênica em cursos de formação para agentes de pastoral, principalmente nos seminários.
- Estimular o estudo da Bíblia entre os teólogos e estudiosos da Igreja e das denominações cristãs.
- Manter e reforçar programas e iniciativas de cooperação conjunta no campo social e na promoção dos valores comuns.
- Valorizar a seção de Ecumenismo do CELAM (SECUM) e colaborar com suas iniciativas.

1.4.4. Diálogo com as religiões não-cristãs

136. “Deus, num diálogo que dura ao longo dos séculos, ofereceu e continua oferecendo a salvação à humanidade. Para ser fiel à iniciativa divina, a Igreja deve entrar no diálogo da salvação com todos” (Diálogo e Anúncio, 38). Ao promover esse diálogo, a Igreja sabe bem que ele tem um caráter de testemunho dentro do respeito à pessoa humana e à identidade do interlocutor (cf. P 1114)).

Desafios pastorais

- **137.** A importância de aprofundar um diálogo com as religiões não-cristãs presentes em nosso continente, particularmente as indígenas e afro-americanas, durante muito tempo ignoradas ou

marginalizadas.

- A existência de preconceitos e incompreensões como obstáculo para o diálogo.

Linhas pastorais

138. Para intensificar o diálogo inter-religioso consideramos importante:

- Levar a cabo uma mudança de atitude de nossa parte, deixando para trás preconceitos históricos, para criar um clima de confiança e proximidade.
- Promover o diálogo com judeus e muçulmanos, em que pesem as dificuldades que sofre a Igreja nos países onde essas religiões são majoritárias.
- Aprofundar nos agentes de pastoral o conhecimento do judaísmo e do islamismo.
- Favorecer nos agentes de pastoral o conhecimento das outras religiões e formas religiosas presentes no Continente.
- Promover ações em favor da paz, da promoção e defesa da dignidade humana, bem como a cooperação em defesa da criação e do equilíbrio ecológico, como uma forma de encontro com outras religiões.
- Buscar ocasiões de diálogo com as religiões afro-americanas e dos povos indígenas, atentos a descobrir nelas as “sementes do Verbo”, com verdadeiro discernimento cristão, oferecendo-lhes o anúncio integral do Evangelho e evitando qualquer forma de sincretismo religioso.

1.4.5. As seitas fundamentalistas

139. O problema das seitas adquiriu proporções dramáticas e chega a ser verdadeiramente preocupante sobretudo pelo crescente proselitismo.

140. As seitas fundamentalistas são grupos religiosos que insistem que somente a fé em Jesus Cristo salva e que a única base da fé é a

Sagrada Escritura, interpretada de modo pessoal e fundamentalista, com exclusão da Igreja, portanto, e insistência na iminência do fim do mundo e juízo próximo.

Caracterizam-se por seu afã proselitista mediante insistentes visitas domiciliares, grande difusão de Bíblias, revistas e livros; a presença e ajuda oportunista em momentos críticos da vida das pessoas ou da Família e uma grande capacidade técnica no uso dos meios de comunicação social. Contam com uma poderosa ajuda financeira proveniente do estrangeiro e do dízimo obrigatoriamente pago por todos os adeptos.

Distinguem-se por um moralismo rigoroso, por reuniões de oração com um culto participativo e emotivo, baseado na Bíblia, e por sua agressividade contra a Igreja, valendo-se freqüentemente da calúnia e do suborno. Ainda que seu compromisso com o temporal seja débil, orientam-se para a participação política em vista à tomada do poder.

A presença dessas seitas religiosas fundamentalistas na América Latina aumentou de maneira extraordinária de Puebla até os nossos dias.

Desafios pastorais

141. Dar uma resposta pastoral eficaz ante o avanço das seitas, tornando mais presente a ação evangelizadora da Igreja nos setores mais vulneráveis, como migrantes, populações sem atenção sacerdotal e com grande ignorância religiosa, pessoas simples ou com problemas materiais e familiares.

Linhas pastorais

142. Que a Igreja seja cada vez mais comunitária e participativa, e com comunidades eclesiais, grupos de famílias, círculos bíblicos, movimentos e associações eclesiais, fazendo da paróquia uma comunidade de comunidades.

- Provocar nos católicos a adesão pessoal a Cristo e à Igreja pelo

anúncio do Senhor ressuscitado.

- Desenvolver uma catequese que instrua devidamente o povo, explicando o mistério da Igreja, sacramento de salvação e comunhão, a mediação da Virgem Maria e dos santos e a missão da hierarquia.
- Promover uma Igreja ministerial com o aumento de ministros ordenados e a promoção de ministros leigos devidamente formados para impulsionar o serviço evangelizador em todos os setores do Povo de Deus.
- **143.** Garantir a identidade da Igreja, cultivando aspectos que lhe são característicos como:
 - a) A devoção ao Mistério da Eucaristia, sacrifício e banquete pas-cal;
 - b) A devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja;
 - c) A comunhão e a obediência ao Romano Pontífice e ao próprio bispo;
 - d) A devoção à Palavra de Deus lida na Igreja.
- **144.** Procurar que em todos os planos de pastoral a dimensão contemplativa e a santidade sejam prioridade, a fim de que a Igreja possa fazer-se presença de Deus para o homem contemporâneo que tem tanta sede dele.
- **145.** Criar condições para que todos os ministros do Povo de Deus dêem testemunho de vida e caridade, espírito de serviço, capacidade de acolhida, sobretudo em momentos de dor e de crise.
- Promover uma liturgia viva, participativa e com repercussão na vida.
- **146.** Instruir o povo amplamente, com serenidade e objetivida-

de, sobre as características e diferenças das diversas seitas e sobre as respostas às injustas acusações contra a Igreja.

- Promover visitas familiares com leigos preparados e organizar a pastoral do retorno para acolher os católicos que regressam à Igreja.

1.4.6. Novos movimentos religiosos ou movimentos religiosos livres

147. Fenomenologicamente, trata-se de fatos sócio-culturais protagonizados por setores marginalizados e também camadas médias e abastadas na América Latina, que através de formas religiosas geralmente sincréticas conseguem expressar sua identidade e aspirações humanas. Do ponto de vista da fé católica, esses fenômenos podem ser considerados como sinais dos tempos, e também como advertência de que existem ambientes humanos dos quais a Igreja está ausente e onde deve rearticular sua ação evangelizadora.

Cabe distinguir várias correntes ou tipos de fenômeno:

- formas paracristãs ou semicristãs, como Testemunhas de Jeová e Mórmons. Cada um destes movimentos tem suas características, mas em comum manifestam um proselitismo, um milenarismo e traços organizativos empresariais;
- formas esotéricas que buscam uma iluminação especial e compartilham conhecimentos secretos e um ocultismo religioso. Tal é o caso de correntes espíritas, Rosas-cruzes, gnósticos, teósofos, etc.;
- filosofias e cultos com facetas orientais mas que rapidamente estão adequando-se ao nosso continente, tais como Hare Krishna, a Luz Divina, Ananda Marga e outros, que trazem um misticismo e uma experiência de comunhão;
- grupos derivados das grandes religiões asiáticas, quer seja do budismo (seicho no iê, etc.), do hinduísmo (yoga, etc.) ou do islã (baha'i) que não só atingem migrantes da Ásia, mas também plantam raízes em setores de nossa sociedade;
- empresas sócio-religiosas, como a seita Moon ou a Nova Acrópolis, que têm objetivos ideológicos e políticos bem precisos,

junto com suas expressões religiosas, levadas a cabo mediante meios de comunicação e campanhas proselitistas, que contam com apoio ou inspiração do primeiro mundo, e que religiosamente insistem na conversão imediata e na cura; é onde estão as chamadas “igrejas eletrônicas”;

- uma multidão de centros de “cura divina” ou atendimento aos mal-estares espirituais e físicos de gente com problemas e de pobres. Esses cultos terapêuticos atendem individualmente a seus clientes.

148. Diante da multiplicidade de novos movimentos religiosos, com expressões muito diversas entre si, queremos centrar nossa atenção sobre as causas de seu crescimento (cf. *Puebla*, 1122) e os desafios pastorais que levantam.

149. São muitas e variadas as causas que explicam o interesse que despertam em alguns. Entre elas se devem assinalar:

- A permanente e progressiva crise social que suscita certa angústia coletiva, a perda de identidade e o desenraizamento das pessoas.
- A capacidade destes movimentos para adaptar-se às circunstâncias sociais e para satisfazer, momentaneamente, algumas necessidades da população. Em tudo isto não deixa de ter certa presença a curiosidade pelo inédito.
- O distanciamento da Igreja de setores – populares ou abastados – que buscam novos canais de expressão religiosa, nos quais não se deve descartar uma evasão dos compromissos da fé. Sua habilidade para oferecer aparente solução aos desejos de “cura” por parte dos atribulados.

Desafios pastorais

- **150.** Nosso maior desafio está em avaliar a ação evangelizadora da Igreja e em determinar desse modo a quais ambientes humanos chega ou não essa ação.
- Como dar uma resposta adequada às perguntas que as pessoas

se fazem sobre o sentido de sua vida, sobre o sentido da relação com Deus, em meio à permanente e progressiva crise social.

- Adquirir um maior conhecimento das identidades e culturas dos nossos povos.

Linhas pastorais

151. Diante desses desafios propomos estas linhas pastorais:

- Ajudar no discernimento dos problemas da vida à luz da fé. Nesse sentido, é preciso revalorizar o sacramento da penitência e a orientação espiritual.
- Procurar adaptar nossa evangelização e celebrações de fé às culturas e necessidades subjetivas dos fiéis, sem falsear o Evangelho.
- Fazer uma revisão profunda de nosso trabalho pastoral, a fim de melhorar a qualidade de nossos meios e de nosso testemunho.
- Dar um tratamento diferenciado aos movimentos religiosos, segundo sua índole e suas atitudes para com a Igreja.
- **152.** Promover uma liturgia viva, na qual os fiéis se introduzam no mistério.
- Apresentar uma antropologia cristã que dê o sentido da potencialidade humana, o sentido da ressurreição e o sentido das relações com o universo (horóscopos). Não esquecer que o indiferentismo deve ser combatido através de uma apresentação adequada do sentido último do homem, ao que muito ajudará a apresentação dos novíssimos.

1.4.7 Chamado aos sem Deus e aos indiferentes

153. O fenômeno da descrença cresce na América Latina e no Caribe hoje e preocupa a Igreja sobretudo por aqueles que vivem como se não fossem batizados (*cf. Evangelii nuntiandi* 56).

Uma modalidade é o “secularismo” que nega a Deus, ou porque sus-

tenta que todas as realidades se explicam por si mesmas sem recorrer a Deus, ou porque se considera a Deus como inimigo, alienação do homem. Esta posição secularista deve-se distinguir do processo chamado “secularização”. Este sustenta legitimamente que as realidades materiais da natureza e do homem são em si “boas”, e suas leis devem ser respeitadas, e que a liberdade é para a auto-realização humana e é respeitada por Deus (cf. *Gaudium et spes*, 36).

O outro é o “indiferentismo” daqueles que ou repelem toda religião porque a consideram inútil e nociva para a vida humana e por isso não se interessam por ela, ou sustentam que todas as religiões se equivalem e, portanto, nenhuma pode apresentar-se como única e verdadeira.

Desafios pastorais

154. O secularismo é um sério desafio à Nova Evangelização por considerar a Deus incompatível com a liberdade humana (*Discurso inaugural* 11) e a religião como atitude anti-humana e alienante, porque separa o homem de sua atividade. Além disso, negando a dependência do Criador, conduz às idolatrias do ter, do poder e do prazer, e faz perder o sentido da vida, reduzindo o ser humano somente ao valor material.

- O indiferentismo oferece também um desafio à Nova Evangelização porque suprime pela raiz a relação da criatura com Deus, ou seja, nega todo o interesse pela religião e com isso o compromisso da fé, ou porque reduz a figura de Cristo a um mestre de moral ou um fundador de religiões entre outras igualmente válidas, negando-lhe o caráter de salvador único, universal e definitivo dos homens.
- Ademais, tanto o indiferentismo como o secularismo minam a moral porque deixam o comportamento humano sem fundamento para seu valor ético, e, por isso, facilmente caem no relativismo e permissivismo que caracterizam a sociedade atual.

155. Muitos movimentos pseudo-religiosos de caráter orientalista e

ocultista, adivinhação e espiritismo minam a fé e causam desconcerto nas mentes, dando soluções falsas para as grandes interrogações do homem, seu destino, sua liberdade e o sentido da vida.

Linhas pastorais

156. A Nova Evangelização exige de nós:

- Que nos formemos em uma fé que se faça vida, iniciando-a com o anúncio do querigma aos que estão no mundo descristianizado (cf. *Evangelii nuntiandi*, 51 e 52) e promovendo-a com o testemunho alegre de autênticas comunidades de fé, nas quais nossos leigos vivam o significado dos sacramentos.
- Que cultivemos uma sólida consciência moral para que, nas complexas circunstâncias da vida moderna, nossos fiéis saibam interpretar acertadamente a voz de Deus em matéria moral e desenvolvam um evangélico sentido do pecado.
- Que eduquemos os cristãos para ver a Deus em sua própria pessoa, na natureza, na história global, no trabalho, na cultura, em todo o secular, descobrindo a harmonia que, no plano de Deus, deve haver entre a ordem da criação e a da redenção.
- Que desenvolvamos um estilo de celebração da liturgia que integre a vida dos homens numa profunda e respeitosa experiência do insondável mistério divino da riqueza inefável.
- Que impulsionemos uma pastoral adequada para evangelizar os ambientes universitários, onde se formam os que irão plasmar decisivamente a cultura.

CAPÍTULO 2

A PROMOÇÃO HUMANA

157. “Entre evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da Criação do plano da Redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços da ordem eminentemente evangélica, qual seja a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem?” (*Evangelii nuntiandi*, 31).

O sentido último do compromisso da Igreja com a promoção humana, reiteradamente pregado em seu magistério social, está na firme convicção de que “a verdadeira união social externa decorre da união dos espíritos e dos corações, isto é, da fé e da caridade” (G.S. 42). “Com

a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e criadora do desenvolvimento, exatamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos” (*Redemptoris missio*, 59), “mantendo sempre firme a prioridade das realidades transcendentais e espirituais, premissas da salvação escatológica” (*Redemptoris missio*, 20). Assim procedendo, a Igreja oferece a sua participação específica à promoção humana, dever de todos.

158. A doutrina social da Igreja é o ensinamento do Magistério em matéria social e contém princípios, critérios e orientações para a atuação do crente na tarefa de transformar o mundo segundo o projeto de Deus. O ensino do pensamento social da Igreja “faz arte da missão evangelizadora (*Sollicitudo rei socialis*, 41) e tem “o valor de um instrumento de evangelização” (*Centesimus annus*, 54), porque ilumina a vivência concreta de nossa fé.

2.1. A PROMOÇÃO HUMANA, DIMENSÃO PRIVILEGIADA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

159. Jesus ordenou a seus discípulos que distribuíssem o pão multiplicado à multidão necessitada, de modo que “todos comeram e ficaram saciados” (cf Mc 6,34-44). Curou ou os enfermos, passou a vida fazendo o bem (At 10,38 . No final dos tempos, nos julgará no amor (cf. Mt 25).

Jesus é o bom samaritano (Lc 10, 25-37) que encarna a caridade e não só se comove, mas se transforma em ajuda eficaz, Sua ação é motivada pela dignidade de todo homem, cujo fundamento está em Jesus Cristo como Verbo criador (Jo 1,3), encarnado (cf. Jo 1,14). Como indicava *a Gaudium et Spes*: “O mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor Cristo manifesta Plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação” (*Gaudium et spes*,

22).

Dignidade que não se perdeu pela ferida do pecado, mas que foi exaltada pela compaixão de Deus, que se revela no coração de Jesus Cristo (cf. Mc 6,34). A solidariedade cristã é certamente serviço aos necessitados, mas é, sobretudo, fidelidade a Deus. Isto fundamenta a relação entre a evangelização e a promoção humana (*Evangelii nuntiandi*, 31).

160. Nossa fé no Deus de Jesus Cristo e o amor aos irmãos têm de traduzir-se em obras concretas. O seguimento de Cristo significa comprometer-se a viver segundo seu estilo. Esta preocupação de coerência entre a fé e a vida sempre esteve presente nas comunidades cristãs. Já o apóstolo Tiago escrevia: “Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos’, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento. Com efeito, como o corpo sem o sopro da vida é morto, assim também é morta a fé sem obras” (Tg 2,14-17.26).

161. A falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiano é uma das várias causas que geram pobreza em nossos países, porque os cristãos não souberam encontrar na fé a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis pela liderança ideológica e pela organização da convivência social, econômica e política de nossos povos. “Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça” (*Puebla*, 437).

162. A promoção, como indica a Doutrina Social da Igreja, deve levar o homem e a mulher a passar de condições menos humanas para condições cada vez mais humanas, até chegar ao pleno conhecimento de Jesus Cristo (*Populorum Progressio*, 14-15). Em sua raiz, descobrimos, pois, que se trata de um verdadeiro canto à vida, de toda vida,

desde o não-nascido até o abandonado.

163. Maria, a mulher solícita ante a necessidade surgida nas bodas de Caná, é modelo e figura da Igreja ante toda forma de necessidade humana (cf. Jo 2,3s). À Igreja, assim como a Maria, Jesus lhe recomenda preocupar-se pelo cuidado maternal da humanidade, sobretudo dos que sofrem (cf. Jo 19,26-27).

2.2. OS NOVOS SINAIS DOS TEMPOS NO CAMPO DA PROMOÇÃO HUMANA

2.2.1. Direitos humanos

164. A igualdade entre os seres humanos em sua dignidade, por serem criados à imagem e semelhança de Deus, se afirma e aperfeiçoa em Cristo. Desde a Encarnação, ao assumir o Verbo nossa natureza e sobretudo sua ação redentora na cruz, mostra o valor de cada pessoa. Por isso mesmo Cristo, Deus e homem, é a fonte mais profunda que garante a dignidade da pessoa e de seus direitos. Toda violação dos direitos humanos contradiz o Plano de Deus e é pecado.

165. A Igreja, ao proclamar o evangelho, raiz profunda dos direitos humanos, não se arroga uma tarefa alheia à sua missão, mas, ao moral utilitarista e individualista. Postula a aceitação do princípio do destino universal dos bens da criação e a promoção da justiça e solidariedade como valores indispensáveis.

Desafios pastorais

166. A consciência dos direitos humanos progrediu sensivelmente desde Puebla, junto com ações significativas da Igreja neste campo. Mas, ao mesmo tempo, cresceu o problema da violação de alguns direitos; incrementaram-se condições sociais e políticas adversas. Igualmente se obscureceu a concepção dos direitos por interpretações

ideologizadas e a manipulação de grupos, enquanto aparece uma maior necessidade de mecanismos jurídicos e de participação civil.

167. Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, repressão, assassinatos, mas também pela existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades. A intolerância política e o indiferentismo diante da situação de empobrecimento generalizado mostram desprezo pela vida humana concreta que não podemos calar.

Merecem uma denúncia especial as violências contra os direitos das crianças, da mulher e dos grupos mais pobres da sociedade: camponeses, indígenas e afro-americanos. É necessário denunciar também o comércio do narcotráfico.

Linhas pastorais

- **168.** Promover de modo mais eficaz e corajoso os direitos humanos, a partir do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, com a palavra, a ação e a colaboração, comprometendo-se na defesa dos direitos individuais e sociais do homem, dos povos, das culturas e dos setores marginalizados, bem como dos desprotegidos e dos presos.
- Comprometer-se com a defesa da vida desde o primeiro momento da concepção até seu último alento.
- Participar com discernimento dos organismos de diálogo e mediação e também em instituições de apoio às aos diversos tipos de vítimas, com a condição de que sejam sérios e que não se deixem instrumentalizar por ideologias incompatíveis com a Doutrina Social da Igreja.
- Empenhar-se firmemente, à luz dos valores evangélicos, na supressão de toda injusta discriminação por razão de raças, nacionalismos, culturas, sexos e credos, procurando eliminar todo ódio, ressentimento e espírito de vingança, promovendo a reconciliação e a justiça.

2.2.2. *Ecologia*

169. A criação é obra da Palavra do Senhor e da presença do Espírito, que, desde o início, pairava sobre tudo o que foi criado (Gn 1-2). Esta foi a primeira aliança de Deus conosco. Quando o ser humano, chamado a entrar nesta aliança de amor, se nega, o pecado do homem afeta sua relação com Deus e com toda a criação.

Desafios pastorais

- A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, celebrada no Rio de Janeiro, pôs em relevo mundial a gravidade da crise ecológica.
- Na América Latina e Caribe, as grandes cidades estão doentes em suas zonas centrais deterioradas e sobretudo em suas periferias. No campo, as populações indígenas e camponesas são despojadas de suas terras ou confinadas em terras menos produtivas enquanto se continua derrubando e queimando as florestas na Amazônia e em outras partes do continente. Diante desta crise, vem-se propondo como saída o desenvolvimento sustentado, que pretende responder às necessidades e aspirações do presente, sem comprometer as possibilidades de atendê-las no futuro. Quer-se com isso conjugar crescimento econômico com limites ecológicos.

Diante desta proposta, temos de nos perguntar se todas essas aspirações são legítimas e quem paga os custos de tal desenvolvimento; e a quem se destinam seus benefícios. Não pode ser um desenvolvimento que privilegie minorias em detrimento das grandes maiorias empobrecidas do mundo.

- As propostas de desenvolvimento têm de estar subordinadas a critérios éticos. Uma ética ecológica implica o abandono de uma moral utilitarista e individualista. Postula a aceitação do princípio do destino universal dos bens da criação e a promoção da justiça e solidariedade como valores indispensáveis.

Linhas pastorais:

- Os cristãos, como integrantes da sociedade, não estão isentos de responsabilidade em relação aos modelos de desenvolvimento, que provocaram os atuais desastres ambientais e sociais.
- Partindo das crianças e dos jovens, empreender uma tarefa de reeducação de todos diante do valor da vida e da interdependência dos diversos ecossistemas.
- Cultivar uma espiritualidade que recupere o sentido de Deus, sempre presente na natureza. Explicitar a nova relação estabelecida pelo mistério da encarnação, pela qual Cristo assumiu tudo o que foi criado.
- Valorizar a nova plataforma de diálogo que a crise ecológica criou, e questionar a riqueza e o desperdício.
- Aprender dos pobres a viver com sobriedade e a partilhar e valorizar a sabedoria dos povos indígenas no tocante à preservação da natureza como ambiente de vida para todos.
- **170.** Aprofundar as mensagens do Santo Padre por ocasião da jornada mundial da paz, especialmente dentro de uma configuração de “ecologia humana”.
- Levar os cristãos a assumir o diálogo com o Norte através dos canais da Igreja católica, assim como de outros movimentos ecológicos e ecumênicos.
- São Francisco de Assis, em seu amor aos pobres e à natureza, pode inspirar este caminho de reconciliação com a criação e com todos os homens entre si, caminho de justiça e de paz.

2.2.3. A terra: dom de Deus

171. Os cristãos não olham o universo, somente como natureza considerada em si mesma, mas como criação e primeiro dom do amor do Senhor por nós.

“De Iahweh é a terra e o que nela existe, o mundo e seus habitantes” (Sl 24,1) é a afirmação de fé que percorre toda a Bíblia e confirma a

crença de nossos povos de que a terra é o primeiro sinal da Aliança de Deus com o homem. De fato, a revelação bíblica nos ensina que, quando Deus criou o homem, o colocou no jardim do Éden para que o cultivasse e o cuidasse (Gn 2,15) e dele fizesse uso (Gn 2,16), indicando-lhe `alguns limites (Gn 2,17) que recordariam sempre ao homem que Deus é o Senhor e criador, e dele é a terra e tudo que nela existe” e que ele a pode usar, não como dono absoluto, mas como administrador.

Estes limites no uso da terra buscam preservar a justiça e o direito de todos de aceder aos bens da criação, que Deus destinou ao serviço de todo homem que vem a este mundo.

172. Em nosso continente deve-se considerar duas mentalidades opostas com relação à terra, ambas distintas da visão cristã:

- a) A terra, dentro do conjunto de elementos que formam a comunidade indígena, é vida, é lugar sagrado, centro integrador de vida da comunidade. Nela vivem e com ela convivem, através dela se sentem em comunhão com seus antepassados e em harmonia com Deus; por isso mesmo a terra, sua terra, forma parte substancial de sua experiência religiosa de seu próprio projeto histórico. Nos indígenas existe um sentido natural de respeito pela terra; ela é a mãe terra, que alimenta a seus filhos, por isso há que cuidá-la, pedir permissão para cultivá-la e não matá-la.
- b) A visão mercantilista: considera a terra numa relação exclusiva com a exploração e o lucro, chegando até ao desalojamento e à expulsão de seus legítimos donos.

Esse mesmo mercantilismo leva à especulação do solo urbano, tornando a terra inacessível à habitação dos pobres, cada vez mais numerosos em nossas grandes cidades.

Além dos tipos anteriores, não podemos esquecer a situação dos camponeses que trabalham sua terra e ganham o sustento de sua família com tecnologias tradicionais.

173. A mentalidade própria da visão cristã tem seu fundamento na Sagrada Escritura que considera sempre a terra e os elementos da natureza antes de tudo como aliados do povo de Deus e instrumentos de nossa salvação. A ressurreição de Jesus Cristo ressitua a humanidade, em face da missão de libertar toda a criação, que há de ser transformada em novo céu e em nova terra, onde a justiça tenha sua morada (cf. 2Pd 3,13).

Desafios pastorais:

- **174.** Desafia-nos a situação problemática da terra na América Latina e no Caribe, já que “cinco séculos de presença do Evangelho... não instauraram ainda uma eqüitativa distribui o dos bens da terra”, que “infelizmente ainda está nas mãos de uma minoria”. Os antigos aborígines foram, em geral, despojados de suas terras e os afro-americanos tiveram dificuldades por causa da legislação que dá acesso à propriedade da terra. Os atuais camponeses sofrem o peso da desordem institucional e as conseqüências das crises econômicas.
- Nos últimos anos esta crise se fez sentir com mais força onde a modernização de nossas sociedades trouxe a expansão do comércio agrícola internacional, a crescente integração de países, o maior uso da tecnologia e a presença transnacional. Isto, não poucas vezes, favorece os setores econômicos fortes, mas à custa dos pequenos produtores e trabalhadores.

175. A situação da apropriação, administração e utilização da terra na América Latina e no Caribe é um dos apelos mais urgentes à Promoção Humana.

Linhas pastorais:

- **176.** Promover transformação da mentalidade sobre o valor da terra com base na cosmovisão cristã, que se liga às tradições culturais dos setores pobres e camponeses.

- Recordar aos fiéis leigos que devem influir nas políticas agrárias dos governos (sobretudo nas de modernização) e nas organizações de camponeses e indígenas, visando formas justas, mais comunitárias e participativas no uso da terra.
- **177.** Apoiar todas as pessoas e instituições que estão buscando seja da parte dos governos, seja dos que possuem os meios de produção, a criação de uma justa e humana reforma e política agrária, que legisle, programe e acompanhe uma distribuição mais justa da terra e sua utilização eficaz.
- Dar apoio solidário às organizações de camponeses e indígenas que lutam, por meios justos e legítimos, para conservar ou readquirir suas terras.
- Promover progressos técnicos indispensáveis para que a terra produza, tendo em conta também as condições do mercado, e para tanto, a necessidade de fomentar a consciência da importância da tecnologia.
- Favorecer uma reflexão teológica em torno da problemática da terra, dando ênfase à inculturação e a uma presença efetiva dos agentes de pastoral nas comunidades de camponeses.
- Apoiar a organização de grupos intermédios, por exemplo, cooperativas, que sejam instância de defesa dos direitos humanos, de participação democrática e de educação comunitária.

2.2.4. Empobrecimento e solidariedade

178. Evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez, quando mostrou na sinagoga que veio para “evangelizar” os pobres (cf. Lc 4,18-19). Ele “se fez pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com sua pobreza” (2 Cor 8,9). Ele nos desafia a dar testemunho autêntico de pobreza evangélica em nosso estilo de vida e em nossas estruturas eclesiais, tal qual Ele fez.

Esta é a fundamentação que nos compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente, tão solenemente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla. Sob a luz desta opção preferencial, a exemplo de Je-

sus, nos inspiramos para toda ação evangelizadora comunitária e pessoal (cf. *Sollicitudo rei socialis*, 42; *Redemptoris misio*, 14; João Paulo II, *Discurso inaugural*, 16). Com o “potencial evangelizador dos pobres” (*Puebla*, 1147), a Igreja pobre quer impulsionar a evangelização de nossas comunidades.

Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Na fé encontramos os rostos desfigurados pela fome, conseqüência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; os rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; os rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossas pontes; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente (cf. CELAM, *Documento de trabalho*, 163). O amor misericordioso é também voltar-se para os que se encontram em carência espiritual, moral, social e cultural.

Desafios pastorais:

- **179.** O crescente empobrecimento a que estão submetidos milhões de irmãos nossos, que chega a intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e Caribe. Assim o denunciemos tanto em Medellín como em Puebla e hoje voltamos a fazê-lo com preocupação e angústia. – As estatísticas mostram com eloqüência que na última década as situações de pobreza cresceram tanto em números absolutos como em relativos. A nós, pastores, comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concre-

- tas e irredutíveis que vêem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida.
- Vemos o empobrecimento de nosso povo não só como um fenômeno econômico e social, registrado e quantificado pelas ciências sociais. Nós o vemos dentro da experiência de muita gente com quem compartilhamos, como pastores, sua luta cotidiana pela vida.
 - A política de corte neoliberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as conseqüências negativas destes mecanismos. Ao desregular indiscriminadamente o mercado, eliminar partes importantes da legislação trabalhista e despedir empregados, ao reduzir os gastos sociais que protegem as famílias dos trabalhadores, foram aumentadas ainda mais as distâncias na sociedade.
 - Temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla (cf. P 31-39), todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos.
 - Por outro lado, comprovamos com alegria os múltiplos esforços que diversos grupos e instituições da América Latina e do Caribe estão fazendo a fim de transformar esta realidade. A Igreja, chamada a ser cada vez mais fiel à sua opção preferencial pelos pobres, tem tido crescente participação nos mesmos. Damos graças a Deus por isto e convocamos a alargar o caminho já aberto, porque muito mais são os que ainda têm de caminhar por ele.

Linhas pastorais

- **180.** Assumir com decisão renovada a evangélica opção preferencial pelos pobres, seguindo o exemplo e as palavras do Senhor Jesus, com plena confiança em Deus, austeridade de vida e partilha de bens.
- Privilegiar o serviço fraterno aos mais pobres entre os pobres e

ajudar as instituições que cuidam deles: os deficientes, enfermos, idosos solitários, crianças abandonadas, presos, aidéticos e todos aqueles que requerem a proximidade misericordiosa do “bom samaritano”.

- Corrigir atitudes e comportamentos pessoais e comunitários, bem como as estruturas e métodos pastorais, a fim de que não afastem os pobres, mas que propiciem a proximidade e a partilha com eles.
- Promover a participação social junto ao Estado, pleiteando leis que defendam os direitos dos pobres.
- **181.** Fazer de nossas paróquias um espaço para a solidariedade.
- Apoiar e estimular as organizações de economia solidária com as quais nossos povos tratam de responder às angustiantes situações de pobreza.
- Urgir respostas dos Estados para as difíceis situações agravadas pelo modelo econômico neoliberal, que afeta principalmente os mais pobres. Entre estas situações é importante destacar os milhões de latino-americanos que lutam para sobreviver na economia informal.

2.2.5. O trabalho

182. Uma das realidades que mais nos preocupa em nossa ação pastoral é o mundo do trabalho, por sua significação humanizadora e salvífica, que tem sua origem na vocação co-criadora do homem como “filho de Deus” (Gn 1,26) e que foi resgatado e elevado por Jesus, trabalhador e “filho de carpinteiro” (Mt 13,55 e Mc 6,3).

A Igreja como depositária e servidora da mensagem de Jesus, , sempre via o homem como sujeito que dignifica o trabalho realizando-se a si mesmo e aperfeiçoando a obra de Deus, para fazer dela um louvor ao Criador e um serviço aos irmãos.

O permanente ensino do magistério da Igreja sobre o trabalho como

“chave da questão social” tem sido confirmado e desenvolvido nas recentes encíclicas sociais de João Paulo II (*Laborem exercens*; *Sollicitudo rei socialis*; *Centesimus annus*). E de modo especial sublinha “a dimensão subjetiva do trabalho” (*Laborem exercens* 6) que é a expressão mais eloqüente da dignidade do trabalhador.

Desafios pastorais:

- **183.** A realidade desafia uma cultura do trabalho e da solidariedade, partindo da fé em Deus Pai, que nos faz irmãos em Jesus Cristo. No que se refere ao mundo dos trabalhadores, alerta-se para uma deteriorização em suas condições de vida e no respeito aos seus direitos; um escasso ou nulo cumprimento de normas estabelecidas para os setores mais débeis (p.ex. crianças, aposentados...); uma perda de autonomia por parte das organizações de trabalhadores devido a dependências ou auto-dependências de diversos gêneros; abuso do capital que desconhece ou nega a primazia do trabalho; poucas ou nulas oportunidades de trabalho para os jovens. Alerta-se para a alarmante falta de trabalho ou desemprego com toda a insegurança econômica e social que isso implica. O mundo do trabalho reclama o crescimento da economia e o aumento da produtividade, de modo a tornar possível, mediante uma justa e eqüitativa distribuição, o maior bem-estar do homem e de sua família.
- **184.** Os direitos do trabalhador são um patrimônio moral da sociedade que deve ser tutelado por uma adequada legislação social e sua necessária instância judicial, que assegure a continuidade confiável nas relações de trabalho.

Linhas pastorais:

- **185.** Impulsionar e sustentar uma pastoral do trabalho em todas as nossas dioceses, a fim de promover e defender o valor humano do trabalho.
- Apoiar as organizações próprias dos homens do trabalho para a

defesa de seus legítimos direitos, em especial de um salário suficiente e de uma justa proteção social para a velhice, a doença e o desemprego (cf. CA 34 e 35).

- Favorecer a formação de trabalhadores, empresários e governantes em seus direitos e em seus deveres, e propiciar espaços de encontro e mútua colaboração.

2.2.6. Migrações e turismo

186. O Verbo de Deus se faz carne para reunir em um só povo os que andavam dispersos e para fazer deles cidadãos do céu (F1 3,20; Hb 11,13-16).

Assim o Filho de Deus se faz peregrino, passa pela experiência dos que não têm lugar (cf. Mt 2,13-23), como migrante radicado numa insignificante aldeia (cf. Jo 1,46). Educa a seus discípulos para serem missionários, fazendo-os passar pela experiência do que migra a fim de confiar somente no amor de Deus, de cuja boa nova são portadores (cf. Mc 6,6b-12).

Desafios pastorais:

- **187.** Tem havido, nos últimos anos, um forte incremento da migração para os grandes países no Norte, e também- ainda que em menor escala – para outros países latino-americanos mais ricos. Surgem também fenômenos como a repatriação voluntária e a deportação dos que não obtêm visto de permanência. O auge das viagens e o turismo, e inclusive as peregrinações religiosas e dos que vivem do mar, interpelam a solicitude especial da Igreja.
- Nos países com especiais problemas de migração por causas sócio-econômicas existe em geral ausência de medidas sociais para detê-la; e nos países receptores, uma tendência a impedir seu ingresso. Isto traz graves conseqüências de desintegração familiar e dispersão de forças produtivas em nossos povos, junto com o desenraizamento, a insegurança, a discriminação e a

degradação moral e religiosa dos migrantes. Não obstante, em alguns casos, conseguem inserir-se em comunidades católicas e ainda as revitalizam.

Linhas pastorais:

- **188.**Reforçar a pastoral da mobilidade humana reunindo esforços entre dioceses e conferências episcopais das regiões afetadas, e cuidando que, na acolhida e demais serviços em favor dos migrantes, se respeitem suas riquezas espirituais e religiosas.
- Conscientizar os setores públicos sobre o problema das migrações, tendo em vista a equidade das leis sobre o trabalho e a seguridade social, e o cumprimento de convênios internacionais.
- **189.** Oferecer aos migrantes uma catequese adaptada a sua cultura e assessoria legal para proteger seus direitos.
- Apresentar alternativas aos camponeses para que não se sintam obrigados a migrar para a cidade.

2.2.7. A ordem democrática

190. – Cristo, o Senhor, enviado pelo Pai para a redenção do mundo, veio para anunciar a boa notícia e iniciar o Reino e, mediante a conversão das pessoas, obter uma nova vida segundo Deus e um novo tipo de convivência e relação social. À Igreja, fiel à missão que lhe outorgou seu fundador, corresponde constituir a comunidade dos filhos de Deus e ajudar na construção de uma sociedade onde primam os valores cristãos evangélicos.

A Igreja respeita a legítima autonomia da ordem temporal e não tem um modelo específico de regime político. “A Igreja encara com simpatia o sistema da democracia, à medida que assegura a participação dos cidadãos nas opções políticas e garante aos governados a possibilidade quer de eleger e controlar os próprios governantes, quer de os substituir pacificamente, quando tal se torne oportuno” (*Centesimus*

annus, 46).

Durante os últimos anos deste processo, a Igreja tem desempenhado na América Latina um papel de protagonista. Em muitos países sua ação assentou as bases para uma convivência baseada no diálogo e no respeito à pessoa humana. Apoiada no magistério de sua doutrina social, a Igreja vem acompanhando o povo em suas lutas e anseios de uma maior participação e pelo estado de direito.

191. A liberdade, inerente à pessoa humana e posta em relevo pela modernidade, vem sendo conquistada pelo povo em nosso continente e tem possibilitado a instauração da democracia como o sistema de governo mais aceito, ainda que seu exercício seja mais formal que real.

Desafios pastorais:

192. – A convivência democrática, que se afirmou depois de Puebla, em alguns países, vem-se deteriorando, entre outros fatores, pelos seguintes: corrupção administrativa, distanciamento das lideranças partidárias com relação aos interesses das bases e às reais necessidades da comunidade; vazios programáticos e desatenção do social e ético-cultural da parte das organizações partidárias; governos eleitos pelo povo que não se orientam eficazmente para o bem comum; muito clientelismo político e populismo, porém pouca participação.

Linhas pastorais:

- **193.** Proclamar insistentemente à sociedade civil os valores de uma genuína democracia pluralista, justa e participativa.
- Iluminar e animar o povo para um real protagonismo.
- Criar as condições para que os leigos se formem segundo a Doutrina Social da Igreja, em ordem a uma atuação política dirigida ao saneamento e ao aperfeiçoamento da democracia, e ao serviço efetivo da comunidade.
- Orientar a família, a escola e as diversas instâncias eclesiais,

para que eduquem nos valores que fundam uma autêntica democracia: responsabilidade, co-responsabilidade, participação, respeito da dignidade das pessoas, diálogo, bem comum.

2.2.8. *Nova ordem econômica*

194. Consciente da gestação de uma nova ordem econômica mundial que afeta a América Latina, a Igreja a partir de sua perspectiva é obrigada a fazer um sério esforço de discernimento. Temos de nos perguntar: até onde deve chegar a liberdade de mercado? Que características deve ter para que sirva ao desenvolvimento das grandes maiorias?

195. Segundo o recente ensinamento de João Paulo II (cf. *Centesimus annus*), é lícita a livre atividade dos indivíduos no mercado. Isto não significa que o mercado possa oferecer todos os bens que requer a sociedade nem que esta possa pagar muitos bens necessários. A economia de mercado deve ter em conta estes limites.

Por isso os ensinamentos do Santo Padre assinalam a necessidade de ações concretas dos poderes públicos para que a economia de mercado não se converta em algo absoluto ao qual se sacrifique tudo, acentuando a desigualdade e a marginalizado das grandes maiorias. Não pode haver uma economia de mercado criativa e ao mesmo tempo socialmente justa, sem um sólido compromisso de toda a sociedade e seus atores com a solidariedade através de um marco jurídico que assegure o valor da pessoa, a honra, o respeito à vida e a justiça distributiva, e a preocupação efetiva com os mais pobres.

196. Os ajustes econômicos, ainda que possam ser benéficos a longo prazo, ao frear a inflação e estabilizar a economia, costumam produzir uma grave deterioração do nível de vida dos pobres. Por isso, o Estado é obrigado, na medida do possível, porém sincera e generosamente, a compensar os custos sociais dos mais pobres.

197. O problema da dívida externa não é só, nem principalmente,

econômico, mas humano, porque leva a um empobrecimento cada vez maior e impede o desenvolvimento e retarda a promoção dos mais pobres. Perguntamo-nos por sua validade quando por seu pagamento a sobrevivência dos povos corre sério perigo, quando a população não foi consultada antes de contrair a dívida, e quando esta foi usada para fins nem sempre licitas. Por isso, como pastores, fazemos nossa a preocupação de João Paulo II quando afirma que “é necessário encontrar modalidades para mitigar, re-escalonar ou até cancelar a dívida, compatíveis com o direito fundamental dos povos à subsistência e o progresso” (*Centesimus annus*, 35).

Desafios pastorais:

- **198.** Os anos oitenta se caracterizaram pelo flagelo da inflação agravado pelo déficit fiscal, pelo peso da dívida externa e pela desordem monetária, pela destruição das economias estatais em razão da perda de recursos fiscais, da inflação e da corrupção, pela queda das inversões tanto nacionais quanto estrangeiras, entre outros fenômenos.
- A relação dos preços, em nível internacional, entre as matérias-primas e os produtos manufaturados, tornou-se cada vez mais desigual e discriminatória, afetando muito desfavoravelmente a economia de nossos países. Esta situação persiste e tende a se agravar.
- **199.** O empobrecimento e a agudização da brecha entre ricos e pobres golpeiam de modo grave as grandes majorias de nossos povos devido à inflação, à redução dos salários reais e à falta de acesso a serviços básicos, ao desemprego e ao aumento da economia informal e da dependência científico-tecnológica.
- Difunde-se uma mentalidade e um estilo de vida consumista e egoísta, amplamente divulgados pelos meios de comunicação social. Isto dificulta ou impede uma organização social mais justa e digna.
- Diante da crise de sistemas econômicos que conduziram a fracassos e frustrações, costuma apresentar-se como solução uma

economia de livre mercado, assumida por não poucos sob o rótulo de neoliberalismo e com um alcance que vai além do puro campo econômico, e que parte de interpretações estreitas ou reducionistas da pessoa e da sociedade.

Linhas pastorais:

- **200.** Robustecer o conhecimento, difusão e prática da Doutrina Social da Igreja nos distintos ambientes.
- Impulsionar nos diversos níveis e setores da Igreja uma pastoral social que parta da opção evangélica preferencial pelos pobres, atuando nas frentes do anúncio, da denúncia e do testemunho, promovendo iniciativas de cooperação, no contexto de uma economia de mercado.
- Educar nos valores da laboriosidade e da partilha, da honestidade e da austeridade, do sentido ético-religioso da vida, para que desde a família – primeira escola – se formem homens novos para uma sociedade mais fraterna, onde se viva a destinação universal dos bens em contexto de desenvolvimento integral.
- **201.** Assentar as bases de uma economia solidária, real e eficiente, sem esquecer a correspondente criação de modelos sócio-econômicos em nível local e nacional.
- Fomentar a busca e implementação de modelos sócio-econômicos que conjuguem a livre iniciativa, a criatividade de pessoas e grupos, a função moderadora do Estado, sem deixar de dar atenção especial aos setores mais necessitados. Tudo isto, orientado para a realização de uma economia da solidariedade e da participação, expressa em diversas formas de propriedade.
- **202.** Promover relações econômicas internacionais que facilitem a transferência da tecnologia em um ambiente de reciprocidade social.
- Denunciar os mecanismos da economia de mercado que preju-

dicam fundamentalmente os pobres. Não podemos estar ausentes numa hora na qual não há quem vele por seus interesses.

- **203.** Constatar que a economia informal obedece a uma necessidade de sobrevivência, ainda que seja susceptível de naufrágio em caso de enfermidades, inflação, etc.
- Recordar aos fiéis leigos que devem influir para que o Estado alcance uma maior estabilidade das políticas econômicas, elimine a corrupção administrativa e aumente a descentralização administrativa, econômica e educacional.
- Reconhecer o papel fundamental da empresa, do mercado, da propriedade privada e da conseqüente responsabilidade para com os meios de produção, da criatividade humana, no marco jurídico de uma justiça social (*Centesimus annus*, 42).

2.2.9. Integração latino-americana

204. A experiência nos tem mostrado que nenhuma nação pode viver e desenvolver-se com solidez de maneira isolada. Todos sentimos a urgência de integrar o disperso e de unir esforços para que a interdependência se torne solidariedade e esta possa transformar-se em fraternidade. Por isto destacamos estes valores ao falar da realidade econômica e social do mundo e dos anseios de humanização nelas latentes.

Os cristãos encontram motivações muito profundas para continuar este esforço. Jesus Cristo tornou presente o Reino de Deus, um reino de justiça, de amor e de paz. Realizou a fraternidade de todos fazendo-se irmão nosso e ensinando-nos a nos reconhecermos como filhos de um mesmo Pai (cf. Mc 14,36). Ele mesmo nos chamou à unidade: “Que todos sejam um como Eu e o Pai somos um” (Jo 17,21).

A Igreja tem consciência de seu singular protagonismo e de seu papel orientador quanto à formação de uma mentalidade de pertença à humanidade e ao fomento de uma cultura solidária e de reconciliação.

205. A necessária interdependência das pessoas e das nações para

uma autêntica solidariedade são características humanas. Também constatamos o dinamismo mundial das nações, que se associam, como sinal dos tempos, ainda na América Latina e Caribe.

206. João Paulo II tem insistido na necessidade de transformar as estruturas que não respondem às necessidades dos ovos e antes “ P de tudo em que as nações mais fortes devem oferecer às mais débeis oportunidade de inserção na vida internacional” (*Centesimus annus*, 35). Ante o espetáculo de países cada vez mais ricos junto a outros cada vez mais pobres, expressou: “São necessárias soluções em nível mundial, instaurando uma verdadeira economia de comunhão e participação de bens, tanto na ordem internacional como nacional. A este respeito, um fato que pode contribuir notavelmente para superar os problemas angustiantes que afetam hoje este continente é a integração latino-americana. É grave responsabilidade dos governantes favorecer o já iniciado processo de integração de alguns povos cuja mesma geografia, a fé cristã, a língua e a cultura uniram definitivamente no caminho da história (*Discurso inaugural* 15).

Desafios pastorais:

- **207.** Experimentam-se um isolamento e uma fragmentação de nossas nações, ao mesmo tempo em que se incrementa uma globalização da economia planetária junto à formação e/ou reformulação de grandes blocos.
- **208.** A formação de grandes blocos que ameaçam deixar isolado a todo o continente, enquanto não responde a seus interesses econômicos.
- Dá-se uma desintegração no interior de nossos países como efeito de discriminações raciais ou grupais e do predomínio econômico-político-cultural de interesses particulares, que dificultam também uma abertura a espaços mais amplos.
- A própria falta de comunhão entre as Igrejas particulares de uma nação com as de outra, ou entre nações vizinhas do continente, debilita a força integradora da própria Igreja.

Linhas pastorais:

- **209.** Fomentar e acompanhar os esforços em prol da integração latino-americana como “pátria grande”, partindo de uma perspectiva de solidariedade que exige, além disso, uma nova ordem internacional.
- Promover a justiça e a participação no interior de nossas nações, educando nestes valores, denunciando situações que os contradizem e dando testemunho de relação fraterna.
- Animar iniciativas e fortalecer as estruturas e organismos de colaboração intra-eclesial que sejam necessários ou úteis, respeitando as diversas competência. Assumir neste sentido a sugestão do Santo Padre relativa a um encontro dos Episcopados de todo o continente americano.

2.3. A FAMÍLIA E A VIDA: DESAFIOS DE ESPECIAL URGÊNCIA NA PROMOÇÃO HUMANA

2.3.1. A Família santuário da vida

210. A Igreja anuncia com alegria e convicção a Boa Nova sobre a família na qual se forja o futuro da humanidade e se concretiza a fronteira decisiva da Nova Evangelização. Assim o proclamamos, aqui na América Latina e no Caribe, num momento histórico em que a família é vítima de muitas forças que buscam destruí-la ou deformá-la.

É certo que o lugar mais indicado para falar da família é aquele em que se trata da Igreja particular, paróquia e comunidades eclesiais, uma vez que a família é a Igreja doméstica. Porém, por causa dos tremendos problemas que hoje afetam a vida humana, incluímos este tema na parte que trata da Promoção Humana.

Evidentemente reconhecemos a diversidade de famílias rurais e urbanas, cada uma dentro de seu contexto cultural; mas em todas as partes a família é fermento e sinal do amor divino e da Igreja e, portanto,

deve estar aberta ao plano de Deus.

211. O matrimônio e a família no projeto original de Deus são instituições de origem divina e não produtos da vontade humana. Quando o Senhor disse “no começo não foi assim” (Mt 19,8) se refere à verdade sobre o matrimônio, que, segundo o plano de Deus, exclui o divórcio.

212. O homem e a mulher, sendo imagem e semelhança de Deus (Gn 2,16), que é amor, são chamados a viver no matrimônio, o mistério da comunhão e relação trinitária. “Deus inscreve na pessoa humana a vocação e conseqüentemente a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão” (*Familiaris consortio*, 11). Homem e mulher são chamados ao amor na totalidade de seu corpo e espírito.

213. Jesus Cristo é a Nova Aliança, nele o matrimônio adquire sua verdadeira dimensão. Por sua Encarnação e por sua vida em família por Maria e José no lar de Nazaré se constitui um modelo de toda família. O amor dos esposos por Cristo chega a ser como o dele: total, exclusivo, fiel e fecundo. A partir de Cristo e por sua vontade, proclamada pelo Apóstolo, o matrimônio não só volta à perfeição primeira mas se enriquece com novos conteúdos (Ef 5,25-33). O matrimônio cristão é um sacramento em que o amor humano é santificante e comunica a vida divina por obra de Cristo; um sacramento em que os esposos significam e realizam o amor de Cristo e de sua Igreja, amor que passa pelo caminho da cruz, das limitações, do perdão e dos defeitos para chegar à alegria da ressurreição. É necessário ter presente que “entre batizados não pode haver contrato matrimonial válido, senão por esse mesmo sacramento” (*Código de Direito Canônico*, 1055,2).

214. No plano de Deus Criador e Redentor a família descobre não só sua identidade senão também sua missão: cuidar, revelar e comunicar o amor e a vida, através de quatro atos fundamentais (*Familiaris consortio*, 17):

a) A missão da família é viver, crescer e aperfeiçoar-se como comuni-

dade de pessoas que se caracteriza pela unidade e indissolubilidade. A família é o lugar privilegiado para a realização pessoal junto com os seres amados.

- b) Ser “como o santuário da vida” (*Centesimus annus*, 39), serva da vida, já que o direito à vida é a base de todos os direitos humanos. Este serviço não se reduz só à procriação, é antes auxílio eficaz para transmitir e educar em valores autenticamente humanos e cristãos.
- c) Ser “célula primeira e vital da sociedade” (*Familiaris consortio*, 42). Por sua natureza e vocação, a família deve ser promotora do desenvolvimento, protagonista de uma autêntica política familiar.
- d) Ser “Igreja doméstica” que acolhe, vive, celebra e anuncia a Palavra de Deus, é santuário onde se edifica a santidade e a partir de onde a Igreja e o mundo podem ser santificados (*Familiaris consortio*, 55).

Não obstante as graves crises da família, constatamos que muitas famílias latino-americanas e do Caribe se esforçam e vivem cheias de esperança e com fidelidade o projeto de Deus Criador e Redentor, a fidelidade, a abertura à vida, a educação cristã dos filhos e o compromisso com a Igreja e o mundo.

215. Deus é o Senhor da vida. A vida é dom seu. O homem não é, nem pode ser árbitro ou dono da vida. O filho deve ser responsabilmente acolhido na família como dom preciosíssimo e irrepetível de Deus. A criança, concebida, não nascida é o ser mais pobre, vulnerável e indefeso que se há de defender e tutelar. Vê-se hoje, com maior clareza, a relação tão estreita, subjetiva e objetiva entre anticoncepção e aborto. Separa-se de modo drástico o significado unitivo do procriativo no ato conjugal, o que vem a ser traição do próprio sentido da vida.

2.3.2 Os desafios d família e à vida hoje

- **216.** A mudança histórico-cultural tem causado impacto na imagem tradicional da família. Cada vez são mais numerosas as uniões consensuais livres, os divórcios e os abortos. A novidade é que estes problemas familiares se tornaram um problema de ordem ético-política, e uma mentalidade “laicizante” e os meios de comunicação social têm contribuído para isto.
- **217.** Com demasiada freqüência, se desconhece que o matrimônio e a família são um projeto de Deus, que convida o homem e a mulher criados por amor a realizar seu projeto de amor em fidelidade até a morte, devido ao secularismo reinante, à imaturidade psicológica e a causas sócio-econômicas e políticas, que levam a quebrantar os valores morais e éticos da família. Disso resultam a dolorosa realidade de famílias incompletas, casais em situação irregular e o crescente matrimônio civil sem celebração sacramental e uniões consensuais.
- **218.** Um número crescente de famílias da América Latina e do Caribe interpela governos, sociedade e organismos internacionais, partindo de sua situação de miséria e fome em razão do desemprego, da carência da vida digna, de serviços educativos e sanitários, de salários baixos; a partir do abandono das idosas e do crescente número de mães solteiras.
- **219.** A cultura da morte nos desafia. Com tristeza humana e preocupação cristã, somos testemunhas das campanhas anti-vida, que se difundem na América Latina e no Caribe, perturbando a mentalidade do nosso povo com uma cultura da morte. O egoísmo, o medo ao sacrifício e à cruz unidos às dificuldades da vida moderna geram uma rejeição do filho que não é responsável e alegremente acolhido na família, mas considerado como um agressor. Atemorizam-se as pessoas com um verdadeiro “terrorismo demográfico” que exagera o perigo que pode representar o crescimento da população &ente à qualidade de vida.

Existe uma distribuição massiva de anticoncepcionais, em sua grande maioria abortivos. Imensos setores de mulheres são vítimas de programas de esterilizações massivas. Também os homens sucumbem ante estas ameaças. Nosso continente sofre as causa do “imperialismo contraceptivo, que consiste em impor a povos e culturas toda forma de contracepção, esterilização e aborto, que se considera efetiva sem respeito às tradições religiosas, étnicas e familiares de um povo ou cultura” (*Carta da Santa Sé à Reunião da OMS em Bangcoc*).

Cada dia é maior o massacre do aborto que produz milhões de vítimas em nossos povos latino-americanos. A mentalidade anti-vida, além da eutanásia pré-natal, leva à eliminação de crianças recém-nascidas e dos anciãos e enfermos estimados como inúteis, defeituosos, ou “carga” para a sociedade. Outras expressões de anti-cultura da morte são a eutanásia, a guerra, a guerrilha, o seqüestro, o terrorismo, o narcotráfico.

- **220.** Os fiéis cristãos se sentem perplexos ante as contradições e falta de coerência dos agentes de pastoral familiar, quando não seguem o Magistério da Igreja (*Humanae vitae; Familiaris consortio; Reconciliatio et poenitentia*).
- **221.** A América Latina e o Caribe têm uma população infantil crescente. As crianças, adolescentes e jovens são mais da metade da população do continente (55%). Esta “emergência silenciosa” vivida pela América Latina e Caribe é desafiante não só do ponto de vista numérico mas muito especialmente do ponto de vista humano e pastoral. Com efeito, em muitas cidades têm aumentado os “meninos de rua” que perambulam dia e noite sem lugar nem futuro. Em alguns países têm sido vítimas de campanhas de extermínio, realizadas por organismos policiais e privados; crianças sem família, sem amor, sem acesso à educação, isto é, crianças em extrema miséria física e moral, muitas vezes consequência da desintegração familiar. Detecta-se, inclusive, um aberrante comércio de meninos e meninas, tráfico

de órgãos e até utilização de crianças em cultos satânicos. Do ponto de vista da educação da fé, se percebe um forte descuido quanto à recepção de sacramentos e à catequese.

2.3.3. *Linhas pastorais*

222. 1. Enfatizar a prioridade e centralidade da pastoral familiar na Igreja diocesana. Para isto é necessário capacitar agentes. Os movimentos apostólicos que têm por objetivo o matrimônio e a família podem oferecer apreciável cooperação às Igrejas particulares, dentro de um plano orgânico integral.

- A pastoral familiar não pode limitar-se a uma atitude meramente protetora, deve ser provisora, audaz e positiva. Há de discernir com sabedoria evangélica os desafios que as mudanças culturais apresentam à família. Há de denunciar as violações contra a justiça e a dignidade da família. Há de acompanhar às famílias dos setores mais pobres, rurais e urbanos, promovendo a solidariedade.
- A pastoral familiar há de cuidar da formação dos futuros esposos e o acompanhamento dos cônjuges, sobretudo, nos primeiros anos de sua vida matrimonial. Como preparação imediata têm reconhecido valor os cursos para noivos antes da celebração sacramental.

223. 2. Proclamar que Deus é o único Senhor da vida, que o homem não é, nem pode ser amo ou árbitro da vida humana. Condenar e rejeitar qualquer violação exercida por autoridades em favor da anticoncepção, a eutanásia, a esterilização e o aborto provocado. Igualmente, as políticas de alguns governos e organismos internacionais que condicionam a ajuda econômica aos programas contra a vida.

224. Buscar, seguindo o exemplo do Bom Pastor, caminhos e formas para conseguir uma pastoral orientada a casais em situações irregulares, especialmente os divorciados e pessoas que de novo se casaram civilmente.

225. Fortalecer a vida da Igreja e da sociedade a partir da família: enriquecê-la a partir da catequese familiar, a oração no lar, a Eucaristia, a participação no sacramento da Reconciliação, o conhecimento da Palavra de Deus, para ser fermento na Igreja e na sociedade.

226. 3. Convidar os teólogos, cientistas e casais cristãos a colaborar com o magistério hierárquico para iluminar melhor os fundamentos bíblicos, as motivações éticas e as razões científicas para a paternidade responsável, para a decisão livre, de acordo com uma consciência bem formada, segundo os princípios da moral, q to no que tange ao número de filhos que se pode educar, quanto aos métodos segundo uma autêntica paternidade responsável. O fruto desses trabalhos será a promoção de programas e serviços que difundem os métodos naturais de planejamento e elaborem manuais de educação para a sexualidade e o amor, dirigidos a crianças, adolescentes e jovens.

- Ante os equívocos de alguns programas “demográficos”, temos de recordar as palavras do Papa no seu *Discurso inaugural* dessa Conferência: “O que é preciso é aumentar os meios e distribuir com maior justiça a riqueza, para que todos possam participar equitativamente dos bens da criação” (n. 15).

227. 4. Exercer o ministério profético da Igreja: denunciando toda violação contra as crianças nascidas e não-nascidas. Difundir e exigir o cumprimento da “convenção dos direitos da criança” com as observações da Santa Sé, e ainda a carta da Santa Sé sobre os direitos da família. Orientar os leigos para que promovam nos diversos países legislações que tutelem os direitos das crianças e urgir seu cumprimento. Acompanhar e apoiar efetivamente os pais de família, educadores, catequistas e institutos religiosos que se dedicam à educação da infância, prestando especial atenção ao crescimento na fé. Fomentar a mística pelo trabalho a favor das crianças e promover a pastoral da infância, através de ações proféticas e caritativas que testemunhem o amor de Cristo pelas crianças mais pobres e abandonadas.

CAPÍTULO 3

A CULTURA CRISTÃ

INTRODUÇÃO

228. A vinda do Espírito Santo em Pentecostes (cf. At 2,1-11) põe de manifesto a universalidade do mandato evangelizador: pretende chegar a toda cultura. Manifesta também a diversidade cultural dos fiéis, quando ouviam falar cada um dos apóstolos na sua própria língua.

Nasce a cultura com o mandato inicial de Deus aos seres humanos: crescer e multiplicar-se, encher a terra e submetê-la (Gn 1,28-30). Dessa maneira a cultura é cultivo e expressão de todo o humano em relação amorosa com a natureza e na dimensão comunitária dos povos.

Quando Jesus Cristo, na encarnação, assume e exprime todo o humano, exceto o pecado, então o Verbo de Deus entra na cultura. Assim, Jesus Cristo é a medida de todo o humano e portanto também da cultura. Ele, que se encarnou na cultura de seu povo, traz para cada cultura histórica o dom da purificação e da plenitude. Todos os valores e

expressões culturais que possam dirigir-se a Cristo promovem o autêntico humano. O que não passa pelo Cristo não poderá ficar redimido.

229. Por nossa adesão radical a Cristo no batismo, comprometemo-nos a fazer com que a fé, plenamente anunciada, pensada e vivida, chegue a fazer-se cultura. Assim, podemos falar de uma cultura cristã quando o sentir comum da vida de um povo tem sido penetrado interiormente, até “situar a mensagem evangélica na base de seu pensamento, nos seus princípios fundamentais de vida, nos seus critérios de juízo, nas suas normas de ação” (*Discurso inaugural*, 24) e dali “projeta-se *no ethos* de um povo... nas suas instituições e em todas as estruturas” (ibid. 19).

Esta evangelização da cultura, que a invade até seu núcleo dinâmico, manifesta-se no processo de inculturação, que João Paulo II chamou de “centro, meio e objetivo da Nova Evangelização” (*Discurso inaugural ao Conselho Internacional de Catequese*, 26.9.1992). Os autênticos valores culturais, discernidos e assumidos pela fé, são necessários para encarnar nessa mesma cultura a mensagem evangélica e a reflexão e práxis da Igreja.

A Virgem Maria acompanha os apóstolos quando o Espírito de Jesus ressuscitado penetra e transforma os povos das diversas culturas. Maria, que é modelo da Igreja, também é modelo da evangelização da cultura. É a mulher judia que representa o povo da Antiga Aliança com toda sua realidade cultural. Mas abre-se à novidade do Evangelho e está presente nas nossas terras como Mãe comum, tanto dos aborígenes como daqueles que para cá vieram, propiciando desde o princípio a nova síntese cultural que é a América Latina e do Caribe.

Inculturação do Evangelho

230. Posto que “hoje em dia estamos diante de uma crise cultural de proporções inimagináveis” (*Discurso inaugural*, 21) na qual vão desaparecendo valores evangélicos e ainda humanos fundamentais,

apresenta-se à Igreja um desafio gigantesco para uma nova evangelização, ao qual se pretende responder com o esforço da inculturação do Evangelho. É necessário inculturar o Evangelho à luz dos três grandes mistérios da salvação: a Natividade, que mostra o caminho da Encarnação e move o evangelizador a partilhar sua vida com o evangelizado; a Páscoa, que conduz através do sofrimento à purificação dos pecados, para que sejam redimidos; e Pentecostes, que pela força do Espírito possibilita a todos entender, na sua própria língua, as maravilhas de Deus.

A inculturação do Evangelho é um processo que supõe reconhecimento dos valores evangélicos que se têm mantido mais ou menos puros na atual cultura; e o reconhecimento de novos valores que coincidem com a mensagem de Cristo. Mediante a inculturação, busca-se que a sociedade descubra o caráter cristão desses valores, os aprecie e os mantenha como tais. Além disso, pretende a incorporação de valores evangélicos que estão ausentes da cultura, ou porque se tenham obscurecido ou porque tenham chegado a desaparecer. “Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro” (*Redemptoris missio*, 52). A fé, ao se encarnar nessas culturas, deve corrigir seus erros e evitar sincretismos. A tarefa da inculturação da fé é própria das Igrejas particulares sob a direção dos seus pastores, com a participação de todo o povo de Deus. Os critérios fundamentais neste processo são a sintonia com as exigências objetivas da fé e a abertura à comunhão com a Igreja universal (cf. *Redemptoris missio*, 54).

3.1 VALORES CULTURAIS: CRISTO, MEDIDA DE NOSSA CONDUTA MORAL

- **231.** Criados à imagem de Deus, temos a medida de nossa conduta moral em Cristo, Verbo encarnado, plenitude do homem. Já a conduta ética natural, essencialmente ligada à dignidade humana e seus direitos, constitui a base para um diálogo com

os não-crentes.

Pelo batismo nascemos a uma vida nova e recebemos a capacidade de nos aproximarmos do modelo que é Cristo. Caminhar em direção a Ele é a moral cristã; é a forma de vida própria do homem de fé, que com a ajuda da graça sacramental segue a Jesus Cristo, vive a alegria da salvação e abunda em frutos de caridade para a vida do mundo (cf. Jo 15; *Optatam totius*, 16).

- Consciente da necessidade de seguir este caminho, o cristão se empenha na formação da própria consciência. Desta formação, tanto individual como coletiva, da maturidade de mentalidade, do seu sentido de responsabilidade e da pureza dos costumes depende o desenvolvimento e a riqueza dos povos (cf. *Discurso inaugural*, 19). A moral cristã só se entende dentro da Igreja e se planifica na Eucaristia. Tudo o que nela podemos oferecer é vida; o que não se pode oferecer é o pecado.

Desafios pastorais

- **232.** Graças a Deus, na América Latina e no Caribe, há muita gente que segue com fidelidade a Jesus Cristo, mesmo em circunstâncias adversas. Todavia, observa-se na nossa realidade social o crescente desajuste ético-moral, em especial a deformação da consciência, a ética permissiva e uma sensível queda do sentido do pecado. Decresce o influxo da fé, perde-se o valor religioso, desconhece-se a Deus como sumo bem e último juiz. Diminui a prática do sacramento da reconciliação. É deficiente a apresentação do magistério moral da Igreja.
- **233.** A corrupção tem-se generalizado. Há um mau emprego dos recursos econômicos públicos; progridem a demagogia, o populismo, a “mentira política” nas promessas eleitorais; burla-se a justiça, generaliza-se a impunidade e a comunidade se sente impotente e indefesa diante do delito. Com tudo isso, fomenta-se a insensibilidade social e o cepticismo ante a falta de apli-

cação da justiça, emitem-se leis contrárias aos valores humanos e cristãos fundamentais. Não há uma equitativa distribuição dos bens da terra, abusa-se da natureza e se danifica o ecossistema.

- **234.** Fomentam-se a mentalidade e as ações contra a vida mediante campanhas antinatalistas, de manipulação genética, do abominável crime do aborto e da eutanásia. Muda-se o sentido da vida como conquista do forte sobre o fraco, que propicia ações de ódio e destruição, e impede a construção e o crescimento do homem.
- **235.** Assiste-se assim à crescente deterioração da dignidade humana. Crescem a cultura da morte, a violência e o terrorismo, a toxicomania e o narcotráfico. Desnaturaliza-se a dimensão integral da sexualidade humana, faz-se de homens e mulheres, inclusive de crianças, uma indústria de pornografia e prostituição; no âmbito da permissividade e promiscuidade sexual cresce o terrível mal da AIDS e aumentam as doenças venéreas.
- **236.** Introduce-se como norma de moralidade a chamada “ética civil ou cidadã”, na base de um consenso mínimo de todos com a cultura reinante, sem necessidade de respeitar a moral natural e as normas cristãs. Observa-se uma “moral de situação” segundo a qual algo mau em si deixaria de sê-lo segundo as pessoas, circunstâncias e interesses em jogo. Frequentemente os meios de comunicação social se fazem eco de todos estes critérios e os difundem.

Linhas pastorais

- **237.** Trabalhar na formação cristã das consciências e resgatar os valores perdidos da moral cristã. Voltar a tomar consciência do pecado (do pecado original e dos pecados pessoais) e da graça de Deus como força para poder seguir nossa consciência cristã. Despertar em todos a experiência do amor que o Espírito

Santo derrama nos corações, como força de toda Moral cristã.

- **238.** Zelar para que os meios de comunicação social nem manipulem nem sejam manipulados ao transmitir, sob pretexto de pluralismo, o que destrói o povo latino-americano. Fortalecer a unidade da família e sua influência na formação da consciência cristã.
- **239.** Apresentar a vida moral como um seguimento de Cristo, frisando a vivência das Bem-aventuranças e a frequente prática dos sacramentos. Difundir as virtudes morais e sociais que nos convertam em homens novos, criadores de uma nova humanidade. Este anúncio tem que ser vital e querigmático, especialmente onde mais se houver introduzido o secularismo, apresentando na catequese a conduta cristã como o autêntico seguimento de Cristo. Cuidar que, no campo moral, a justa aplicação de critérios de gradualidade não diminua as exigências peremptórias da conversão.
- **240.** Favorecer a formação permanente dos bispos e presbíteros, dos diáconos, dos religiosos, religiosas e leigos, especialmente dos agentes de pastoral segundo o ensinamento do Magistério. A liturgia deve expressar mais claramente os compromissos morais que comporta. A religiosidade popular, especialmente nos Santuários, deve voltar-se para a conversão. É mister fomentar e facilitar o acesso ao sacramento da reconciliação.
- **241.** Quanto ao problema da droga, implementar ações de prevenção na sociedade e de atenção e cura dos toxicômanos; denunciar com coragem os males que o vício e o tráfico da droga produzem em nossos povos, e o gravíssimo pecado que significa a sua produção, comercialização e consumo. Chamar especialmente a atenção sobre a responsabilidade dos poderosos mercados consumidores. Promover a solidariedade e a cooperação nacional e internacional no combate a este flagelo.

- **242.** Orientar e acompanhar pastoralmente os construtores da sociedade na formação de uma consciência moral em suas tarefas e na atuação política.

Estar sempre abertos ao diálogo com aqueles que guiam suas vidas por caminhos diferentes da ética cristã. Comprometer-nos efetivamente na consecução da justiça e da paz dos nossos povos.

3.2. UNIDADE E PLURALIDADE DAS CULTURAS INDÍGENAS, AFRO-AMERICANAS E MISTIÇAS

Iluminação teológica

- **243.** A ação de Deus, através do seu Espírito, dá-se permanentemente no interior de todas as culturas. Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho Jesus Cristo, que assumiu as condições sociais e culturais dos povos e se fez “em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15; cf. *Gaudium et spes*, 22).
- A analogia entre a encarnação e a presença cristã no contexto sócio-cultural e histórico dos povos suscita para nós o problema teológico da inculturação. Esta inculturação é um processo que vai do Evangelho ao coração de cada povo e comunidade com a mediação da linguagem e dos símbolos compreensíveis e apropriados segundo o juízo da Igreja.
- Uma meta da Evangelização inculturada será sempre a salvação e libertação integral de um determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico, contrapondo-se aos poderes da morte, adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou a vida de todos partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora. A Igreja defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força esmagadora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna.

Desafios pastorais

- **244.** A América Latina e o Caribe configuram um continente multiétnico e pluricultural. Nele convivem, em geral, povos aborígenes, afro-americanos, mestiços e descendentes de europeus e asiáticos, cada qual com sua própria cultura que os situa em sua respectiva identidade social, segundo a cosmovisão de cada povo. Eles buscam, porém, uma unidade a partir da identidade católica.
- **245.** Os povos indígenas de hoje cultivam valores humanos de grande significação. Eles têm, nas palavras de João Paulo II, a certeza de que o mal se identifica com a morte e o bem com a vida” (João Paulo II, *Mensagem aos indígenas*, 2). Estes valores e convicções são fruto das “sementes do Verbo” que estavam já presentes e atuastes nos seus antepassados, para que fossem descobrindo a presença do Criador em todas suas criações: o sol, a lua, a mãe terra etc. (cf. *ibid.*).

A Igreja, ao se encontrar com estes povos nativos, desde o princípio tratou de acompanhá-los na luta pela própria sobrevivência, ensinando-lhes o caminho de Cristo Salvador, a partir da injusta situação de povos vencidos, invadidos e tratados como escravos. Na primeira evangelização, junto a enormes sofrimentos, houve grandes acertos e intenções pastorais valiosas, cujos frutos perduram até os nossos dias.

- **246.** As culturas afro-americanas, presentes na América Latina e no Caribe, estão marcadas por uma constante resistência à escravidão. Estes povos, que somam milhões de pessoas, têm também nas suas culturas valores humanos que expressam a presença do Deus criador.

Durante os quatro séculos passados, é indubitável que vários milhões de africanos negros foram transportados como escravos, violentamente arrancados de suas terras, separados de suas famílias e vendidos como mercadoria. A escravidão dos negros e a matança dos índios foram o maior pecado da expansão co-

lonial do Ocidente. Infelizmente, no que se refere à escravidão, ao racismo e à discriminação, houve batizados que não se mantiveram alheios a essa situação.

- **247.** Como o assinalou vigorosamente o Documento de Puebla, nos povos que são fruto da mestiçagem racial, tem-se desenvolvido uma cultura “mestiça” particular, na qual está muito vigente a religiosidade popular, como forma inculturada do catolicismo. Coexistem, no entanto, o descumprimento de deveres cristãos ao lado de admiráveis exemplos de vida cristã e um desconhecimento da doutrina ao lado de vivências católicas enraizadas nos princípios do Evangelho.

Nas expressões culturais e religiosas de camponeses e de habitantes das periferias urbanas, reconhece-se grande parte do patrimônio cristão do continente e uma fé arraigada dos valores do Reino de Deus.

Linhas pastorais: evangelização incultura

- **248.** Depois de ter pedido perdão com o Papa aos nossos irmãos indígenas e afro-americanos “perante a infinita santidade de Deus, pelos fatos marcados pelo pecado, pela injustiça e pela violência” (Audiência geral, quarta feira 21 de outubro de 1991), queremos desenvolver uma evangelização inculturada:

1. Para com nossos irmãos indígenas:

- Oferecer o evangelho de Jesus com o testemunho de uma atitude humilde, compreensiva e profética, valorizando sua palavra através de um diálogo respeitoso, franco e fraterno e esforçar-nos por conhecer suas próprias línguas.
- Crescer no conhecimento crítico de suas culturas para apreciá-las à luz do Evangelho.
- Promover uma inculturação da liturgia, acolhendo com apreço seus símbolos, ritos e expressões religiosas compatíveis com o claro sentido da fé, mantendo o valor dos símbolos universais e

- em harmonia com a disciplina geral da Igreja.
- Acompanhar sua reflexão teológica, respeitando suas formulações culturais, que os auxiliem a dar razão de sua fé e de sua esperança.
 - Crescer no conhecimento de sua cosmovisão, que faz da globalidade de Deus, homem e mundo, uma unidade que impregna todas as relações humanas, espirituais e transcendentais.
 - Promover nos povos indígenas seus valores culturais autóctones mediante uma inculturação da Igreja, para atingir uma maior realização do Reino.

2. Para com nossos irmãos afro-americanos:

249. Conscientes do problema da marginalização e do racismo que pesa sobre a população negra, a Igreja, na sua missão evangelizadora, quer participar dos seus sofrimentos e acompanhá-los em suas legítimas aspirações em busca de uma vida mais justa e digna para todos (cf. *ibid.*).

- Pela mesma razão, a Igreja na América Latina e no Caribe quer apoiar os povos afro-americanos na defesa de sua identidade e no reconhecimento de seus próprios valores; como também ajudá-los a manter vivos seus usos e costumes compatíveis com a doutrina cristã (Cf. João Paulo II, *Mensagem aos Afro-americanos* em Santo Domingo).
- Da mesma forma, comprometemo-nos a dedicar especial atenção à causa das comunidades afro-americanas no campo pastoral, favorecendo a manifestação das expressões religiosas próprias de suas culturas (*ibid.*).

250. *3. Desenvolver a consciência da mestiçagem*, não só a nível racial mas também cultural, que caracteriza as grandes maiorias em muitos dos nossos povos, pois está vinculada à inculturação do Evangelho.

Promoção humana das etnias

251. Para uma autêntica promoção humana, a Igreja quer apoiar os

esforços que estes povos fazem para ser reconhecidos como tais pelas leis nacionais e internacionais, com pleno direito à terra, às suas próprias organizações e vivências culturais, a fim de garantir o direito que têm de viver segundo sua identidade, sua própria língua e seus costumes ancestrais, e de se relacionar com plena igualdade com todos os povos da terra.

Portanto assumimos os seguintes compromissos:

- Superar a mentalidade e a práxis do desenvolvimento induzido do exterior, em favor do auto-desenvolvimento, a fim de que estes povos sejam artífices do seu próprio destino.
- Contribuir eficazmente para deter e erradicar as políticas tendentes a fazer desaparecer as culturas autóctones como meios de forçada integração; ou pelo contrário, políticas que queiram manter os indígenas isolados e marginalizados da realidade nacional.
- Impulsionar a plena vigência dos direitos humanos dos indígenas e afro-americanos, incluindo a legítima defesa de suas terras.
- Como um gesto concreto de solidariedade em favor dos camponeses, indígenas e afro-americanos, apoiar a Fundação *Populorum Progressio*, instituída pelo Santo Padre.
- Rever completamente nossos sistemas educacionais, para eliminar definitivamente todo aspecto discriminatório no que diz respeito a métodos educativos, volume e investimento de recursos.
- Fazer o possível para que se garanta aos indígenas e afro-americanos uma educação adequada a suas respectivas culturas, começando inclusive com a alfabetização bilíngüe.

3.3 NOVA CULTURA

3.3.1 Cultura moderna

Situação

- **252.** Embora realidade pluricultural, a América Latina e o Caribe estão profundamente marcados pela cultura ocidental, cuja memória, consciência e projeto se apresentam sempre no nosso predominante estilo de vida comum. Daí o impacto que a cultura moderna e as possibilidades a nós oferecidas por seu período pós-moderno produziram em nossa maneira de ser.
- A cultura moderna se caracteriza pela centralidade do homem; os valores da personalização, da dimensão social e da convivência; a absolutização da razão, cujas conquistas científicas e tecnológicas e informáticas têm satisfeito muitas das necessidades do homem, ao mesmo tempo que têm buscado uma autonomia em relação à natureza, a qual domina; em relação à história, cuja construção ele assume; e inclusive em relação a Deus, do qual se desinteressa ou relega à consciência pessoal, privilegiando exclusivamente a ordem temporal.
- A pós-modernidade é o resultado do fracasso da pretensão reducionista da razão moderna, que leva o homem a questionar tanto alguns êxitos da modernidade como a confiança no progresso indefinido, embora reconheça, como o faz também a Igreja (*Gaudium et spes*, 57), seus valores.
- Tanto a modernidade, com seus valores e contravalores, como a pós-modernidade enquanto espaço aberto à transcendência, apresentam sérios desafios à evangelização da cultura.

Desafios pastorais

- **253.** Ruptura entre fé e cultura, conseqüência do fechamento do homem moderno à transcendência, e da excessiva especialização que impede a visão de conjunto.
- Escassa consciência da necessidade de uma verdadeira inculturação como caminho para a evangelização da cultura.
- Incoerência entre os valores do povo, inspirados em princípios cristãos, e as estruturas sociais geradoras de injustiças, que impedem o exercício dos direitos humanos.
- O vazio ético e o individualismo reinante, que reduzem a fun-

- damentação dos valores a meros consensos sociais subjetivos.
- O poder massivo dos meios de comunicação social, com frequência a serviço de contravalores.
 - A escassa presença da Igreja no campo das expressões dominantes da arte, do pensamento filosófico e antropológico-social, no universo da educação.
 - A nova cultura urbana, com seus valores, expressões e estruturas características, com seu espaço aberto e, ao mesmo tempo, diversificado, com sua mobilidade, em que predominam as relações funcionais.

Linhas pastorais

- **254.** Apresentar Jesus Cristo como paradigma de toda atitude pessoal e social, e como resposta aos problemas que afligem às culturas modernas: o mal, a morte, a falta de amor.
- Intensificar o diálogo entre fé e ciência, fé e expressões, fé e instituições, que são grandes âmbitos da cultura moderna.
- Cuidar dos sinais e da linguagem cultural que assinala a presença cristã e permite introduzir a originalidade da mensagem evangélica no coração das culturas, especialmente no campo da liturgia.
- Promover e formar o laicato para exercer no mundo sua tríplice função: a profética, no campo da Palavra, do pensamento, de sua expressão e valores; a sacerdotal no mundo da celebração e do sacramento, enriquecida pelas expressões da arte, e da comunicação; a régia no universo das estruturas sociais, políticas, econômicas.
- Promover o conhecimento e discernimento da cultura moderna visando a uma adequada inculturação.

3.3.2 A cidade

Desafios pastorais

- **255.** A América Latina e o Caribe acham-se hoje num processo acelerado de urbanização. A cidade pós-industrial não repre-

senta só uma variante do tradicional habitat humano, mas constitui, de fato, a passagem da cultura rural à cultura urbana, sede e motor da nova civilização universal (cf. *Puebla*, 429). Nella altera-se a forma com a qual num grupo social, num povo, numa nação, os homens cultivam sua relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus.

- Na cidade, as relações com a natureza se limitam, quase sempre e pelo próprio ser da cidade, ao processo de produção de bens de consumo. As relações entre as pessoas se tornam amplamente funcionais e as relações com Deus passam por uma acentuada crise, porque falta a mediação da natureza tão importante na religiosidade rural e porque a modernidade tende a fechar o homem dentro da imanência do mundo. As relações do homem urbano com ele mesmo também mudam, porque a cultura moderna faz com que valorize principalmente sua liberdade, sua autonomia, a racionalidade científico-tecnológica e, de modo geral, sua subjetividade, sua dignidade humana e seus direitos. Com efeito, na cidade encontram-se os grandes centros geradores da ciência e tecnologia moderna.
- Nossas metrópoles latino-americanas têm também como característica atual periferias de pobreza e miséria, que quase sempre constituem a maioria da população, fruto de modelos econômicos exploradores e excludentes. Até o campo se urbaniza pela multiplicação das comunicações e transportes.
- Por sua vez, o homem urbano atual apresenta um tipo diverso do homem rural: confia na ciência e na tecnologia; é influenciado pelos grandes meios de comunicação social; é dinâmico e projetado em direção do novo; consumiste, audiovisual, anônimo na massa e desarraigado.

Linhas pastorais

- **256.** Realizar uma pastoral urbanamente inculturada com relação à catequese, à liturgia, e à organização da Igreja. A Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano, discernir seus valores e anti-valores; captar sua linguagem e

seus símbolos. O processo de inculturação abrange o anúncio, a assimilação e a re-expressão da fé.

- **257.** Re-programar a paróquia urbana. A Igreja na cidade deve reorganizar as suas estruturas pastorais. A paróquia urbana deve ser mais aberta, flexível e missionária, permitindo uma ação pastoral trans-paroquial e supra-paroquial. Além disso, a estrutura da cidade exige uma pastoral especialmente pensada para essa realidade. Lugares privilegiados da missão deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novas formas de cultura e comunicação.
 - **258.** Promover a formação de leigos para a pastoral urbana, com formação bíblica e espiritual; criar ministérios conferidos aos leigos para a evangelização das grandes cidades.
 - **259.** Multiplicar as pequenas comunidades, *os grupos* e movimentos eclesiais, e as comunidades eclesiais de base. Iniciar a chamada “pastoral dos edifícios”, mediante a ação de leigos comprometidos que vivam neles.
 - **260.** Programar uma pastoral ambiental e funcional, diferenciada segundo os espaços da cidade. Uma pastoral de acolhida, dado o fenômeno das migrações. Uma pastoral para os grupos marginalizados. Assegurar a assistência religiosa aos habitantes das grandes cidades durante os meses de verão e férias; dispensar atenção pastoral aos que passam habitualmente os fins de semana fora da cidade, onde não têm possibilidade de cumprir o preceito dominical.
 - **261.** Incentivar a evangelização dos grupos de influência e dos responsáveis da cidade, no sentido de fazer da mesma, principalmente nos bairros populares, um habitat digno do homem.
- 262.** Promover no âmbito continental (CELAM), nacional e regional, encontros e cursos sobre evangelização das grandes metrópoles.

3.4 A AÇÃO EDUCATIVA DA IGREJA

Iluminação teológica

- **263.** Reafirmamos o que dissemos em Medellín e Puebla (cf. *Documento de educação*, Medellín, Puebla) e a partir dali assinalamos alguns aspectos importantes para a educação católica nos nossos dias.
- A educação é a assimilação da cultura. A educação cristã é a assimilação da cultura cristã. F a inculturação do Evangelho na própria cultura. Seus níveis são bem diversos, podem ser escolares ou não escolares, elementares ou superiores, formais ou não-formais. Em todo caso, a educação é um processo dinâmico que dura a vida toda da pessoa e dos povos. Recolhe a memória do passado, ensina a viver hoje e se projeta para o futuro. Por isto, a educação cristã é indispensável na nova evangelização.
- **264.** A educação cristã desenvolve e assegura a cada cristão a sua vida de fé e faz com que verdadeiramente nele sua vida seja Cristo (cf. Fl 1,21). Por ela, ecoam no homem as “palavras de vida eterna” (Jo 6,68), realiza-se em cada pessoa a “nova criatura” (2 Cor 5,17) e se leva a cabo o projeto do Pai de “recapitular em Cristo todas as coisas” (Et 1,10). Assim a educação cristã se funda numa verdadeira antropologia cristã que significa a abertura do homem para Deus como Criador e Pai, para os outros como seus irmãos, e para o mundo como àquilo que lhe foi entregue para potenciar suas virtualidades e não para exercer sobre ele um domínio despótico que destrua a natureza.
- **265.** Nenhum mestre educa sem saber para que educa e em que direção educa. Há um projeto de homem encerrado em qualquer projeto educativo; e este projeto vale ou não segundo construa ou destrua o educando. Este é o valor educativo. Quando falamos de uma educação cristã, queremos dizer que o mestre educa para um projeto de homem no qual viva Jesus Cristo. Há

muitos aspectos nos quais educar e muitos que constam do projeto educativo do homem; há muitos valores; mas estes valores nunca estão sós, sempre formam uma constelação ordenada explícita ou implicitamente. Se a estruturação tem como fundamento e termo a Cristo, tal educação recapitulará tudo em Cristo e será uma verdadeira educação cristã; caso contrário, pode falar de Cristo, mas não é educação cristã.

- O mestre cristão deve ser considerado como sujeito eclesial que evangeliza, que catequiza e educa cristãmente. Tem uma identidade definida na comunidade eclesial. Seu papel deve ser reconhecido na Igreja.
- **266.** – Na situação atual encontramos uma pluralidade de valores que nos interpelam e que são ambivalentes. Daí surge a necessidade de confrontar os novos valores educacionais com Cristo revelador do mistério do homem. Na nova educação, trata-se de fazer crescer e amadurecer a pessoa segundo as exigências dos novos valores; a isto deve agregar-se a harmonização com a tipologia própria do contexto latino-americano.
- Geralmente nos pedem, com base em critérios secularistas, que eduquemos o homem técnico, o homem apto para dominar seu mundo e viver num intercâmbio de bens produzidos sob certas normas políticas; as mínimas. Esta realidade nos interpela fortemente para podermos ser conscientes de todos os valores que estão nela e podê-los recapitular em Cristo; interpela-nos para continuar a linha da Encarnação do Verbo na nossa educação cristã, e para chegar ao projeto de vida para todo homem, que é Cristo morto e ressuscitado.

Desafios pastorais

- **267.** A partir de outros aspectos a realidade latino-americana nos interpela pela exclusão de muita gente da educação escolar, mesmo a básica, pelo grande analfabetismo que existe em vários dos nossos países; interpela-nos pela crise da família, a primeira educadora, pelo divórcio existente entre o Evangelho e

a cultura; pelas diferenças sociais e econômicas que fazem com que para muitos seja dispendiosa a educação católica, especialmente nos níveis superiores. Interpela-nos também a educação informal que se recebe através de tantos comunicadores não propriamente cristãos, p.ex., na televisão.

- **268.** Um grande desafio é a Universidade católica e a Universidade de inspiração cristã, já que o seu papel é especialmente o de realizar um projeto cristão de homem e portanto, tem de estar em diálogo vivo, contínuo e progressivo com o Humanismo e com a cultura técnica, de maneira que saiba ensinar a autêntica Sabedoria cristã pela qual o modelo de “homem trabalhador”, aliado ao de “homem sábio”, culmine em Jesus Cristo. Só assim poderá apontar soluções para os complexos problemas não resolvidos da cultura emergente e para as novas estruturas sociais, como a dignidade da pessoa humana, os direitos invioláveis da vida, a liberdade religiosa, a família como primeiro espaço para o compromisso social, a solidariedade nos seus distintos níveis, o compromisso próprio de uma sociedade democrática, a complexa problemática econômico-social, o fenômeno das seitas, a velocidade da mudança cultural.
- **269.** No campo escolar, outro desafio é o que representa em vários países o espinhoso problema das relações entre a educação estatal e a educação cristã. Embora em outras nações se tenha produzido uma maior viabilidade das mesmas, há países em que ainda não se compreende que a educação católica é um direito inalienável dos pais católicos e dos seus filhos e neles não se recebem os recursos necessários para ela, ou simplesmente é proibida.
- **270.** Outros desafios significativos são a ignorância religiosa da juventude, a educação extra-escolar e a educação informal. Também é um desafio a educação adequada às diferentes culturas, em especial às culturas indígenas e afro-americanas; não só no sentido de que não se adapta à sua maneira de ser, mas no

de não marginalizá-las nem excluí-las do progresso, da igualdade de oportunidades e da capacidade de construir a unidade nacional.

Linhas pastorais

- **271.** Nossos compromissos no campo educacional se resumem, sem dúvida, à linha pastoral da inculturação: a educação é a mediação metodológica para a evangelização da cultura. Portanto pronunciamos-nos por uma educação cristã desde e para a vida no âmbito individual, familiar e comunitário e no âmbito do ecossistema; que fomente a dignidade da pessoa humana e a verdadeira solidariedade; educação a ser integrada por um processo de formação cívico-social inspirado no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. Comprometemo-nos com uma educação evangelizadora.
- **272.** Apoiamos os pais de família para que decidam de acordo com suas convicções o tipo de educação para seus filhos e denunciemos todas as intromissões do poder civil que coarte este direito natural. Deve garantir-se o direito da formação religiosa para cada pessoa, e, portanto, o do ensino religioso nas escolas em todos os níveis.
- **273.** Apoiamos os educadores cristãos que trabalham em instituições da Igreja, as congregações que se dedicam ao trabalho educativo e os professores católicos que trabalham em instituições não católicas. Devemos promover a formação permanente dos educadores católicos no que concerne ao crescimento de sua fé e à capacidade de comunicá-la como verdadeira Sabedoria, especialmente na educação católica.
- **274.** Urge uma verdadeira formação cristã sobre a vida, o amor, a sexualidade, que corrija os desvios de certas informações que se recebem nas escolas. Urge uma educação para a liberdade, um dos valores fundamentais da pessoa. É também

necessário que a educação cristã se preocupe de educar para o trabalho, especialmente nas circunstâncias da cultura atual.

- **275.** Os carismas das ordens e congregações religiosas, postos a serviço da educação católica nas diversas igrejas particulares do nosso Continente, nos auxiliam sobremodo a cumprir o mandato recebido do Senhor de ir e ensinar a todas as gentes (Mt 28,1820), especialmente na evangelização da cultura. Conclamamos os religiosos e religiosas que abandonaram este campo tão importante da educação católica a que se reincorporem à sua tarefa; recordando que a opção preferencial pelos pobres inclui a opção preferencial pelos meios a que as pessoas saiam da sua miséria, e um dos meios privilegiados para isto é a educação católica. A opção preferencial pelos pobres se manifesta também em que os religiosos educadores continuem seu trabalho educativo em tantas regiões rurais tão afastadas como necessitadas.
- **276.** Devemos também nos esforçar para que a educação católica escolar em todos seus níveis esteja ao alcance de todos e não se veja restrita a alguns, mesmo em vista dos problemas econômicos que isso implica. Deve-se promover a responsabilidade da comunidade paroquial na escola e sua gestão. Pedimos que se garantam os recursos públicos destinados à educação católica.

Cremos particularmente que a universidade católica, a partir da Constituição apostólica *Ex corde Ecclesiae*, é chamada a uma importante missão de diálogo entre o Evangelho e as culturas e de promoção humana na América Latina e Caribe.

- **277.** Cientes da extensão planetária da cultura atual formaremos a partir da educação católica e em todo nível uma consciência crítica diante dos meios de comunicação social. Urge dotar a família de critérios de verdade para capacitá-la para o uso da TV, da imprensa e do rádio.

- **278.** Transformar a escola católica numa comunidade que seja centro de irradiação evangelizadora, mediante alunos, pais e mestres. Empenhamo-nos em fortalecer a comunidade educativa e nela um processo de formação cívico-social, inspirado no Evangelho e no magistério social da Igreja que responda às verdadeiras necessidades do povo. Reforçar-se-á outrossim a organização dos estudantes, docentes, pais de alunos e ex-alunos, como método de educação cívico-social e política que possibilite a formação democrática das pessoas. Solicitamos aos governos que sigam em seus esforços para promover cada vez mais a democratização da educação.

3.5. COMUNICAÇÃO SOCIAL E CULTURA

Iluminação teológica

- **279.** A evangelização, anúncio do Reino, é comunicação, para que vivamos em comunhão (cf. *Puebla*, 1063): “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1 Jo 1,3). Cada pessoa e cada grupo humano desenvolve sua identidade no encontro com os outros (alteridade). Esta comunicação é caminho necessário para chegar à comunhão (comunidade). A razão é que o homem foi feito à imagem de Deus Uno e Trino, e no coração da Revelação encontramos seu mistério trinitário como a comunicação eternamente inter-pessoal, cuja palavra se faz diálogo, entra na história por obra do Espírito e inaugura assim um mundo de novos encontros, intercâmbios, comunicação e comunhão. Esta comunicação é importante não só com o mundo, mas também ao interior da Igreja.
- -No gesto de comunicação do Pai, através do Verbo feito carne, “a palavra se faz libertadora e redentora para toda a humanidade na pregação e na ação de Jesus. Este ato de amor pelo qual Deus se revela, associado à resposta de fé da humanidade, gera

um diálogo profundo” (*Ætatis novæ*, 6). Assim Cristo é o modelo de comunicador, nEle, Deus, o totalmente Outro, sai ao nosso encontro e espera nossa resposta livre. Este encontro de comunhão com Ele é sempre crescimento. É o caminho da santidade.

- Assim dá-se uma relação muito íntima entre evangelização, promoção humana e cultura, fundada na comunicação, o que impõe à Igreja tarefas e desafios concretos no campo da comunicação social. Disse-o o Papa no *Discurso inaugural* desta Conferência: “Intensificar a presença da Igreja no mundo da comunicação há de ser certamente uma das vossas prioridades” (*Discurso inaugural*, 23).
- Sabemos que nos encontramos na nova cultura da imagem, e que a Mensagem evangélica deve inculturar-se nessa cultura, levando-a a ser expressão de Cristo, a máxima comunicação. Compreendemos a importância dos inumeráveis meios eletrônicos que agora estão ao nosso alcance para anunciar o Evangelho. Damos graças a Deus por este novo dom que nos deu na cultura atual.

Desafios pastorais

- **280.** O desenvolvimento tecnológico em matéria de comunicações, especialmente na televisão oferece à evangelização amplas perspectivas de comunicação nos mais diversos níveis e facilita à sociedade, em geral, uma inter-relação também planetária. Este é um fato positivo, mas também no contexto atual apresenta desafios muito sérios pela orientação secularista de muitas programações.
- Damo-nos conta do desenvolvimento da indústria da comunicação na América Latina e Caribe que mostra o crescimento de grupos econômicos e políticos que concentram cada vez mais em poucas mãos e com enorme poder a propriedade dos diferentes meios e chegam a manipular a comunicação, impondo uma cultura que estimula o hedonismo e o consumismo e atropela nossas culturas com os seus valores e identidades.

- Vemos como a publicidade freqüentemente introduz falsas expectativas e cria necessidades fictícias; vemos também como especialmente na programação televisiva sobejam a violência e a pornografia que penetram agressivamente no seio das famílias. Também constatamos que as seitas fazem uso cada vez mais intensivo e extensivo dos meios de comunicação.
- Por outro lado, a presença da Igreja no sistema de meios é ainda insuficiente e se carece de suficientes agentes com a preparação devida para enfrentar o desafio; além disso, falta por parte dos diferentes episcopados um adequado planejamento da pastoral das comunicações.

A telemática e a informática são novos desafios para a integração da Igreja no seu mundo.

Linhas pastorais

- **281.** Apoiar e estimular os esforços daqueles que, com o uso dos meios defendem a identidade cultural, assumem o desafio do encontro com realidades novas e distintas e procuram que se dê lugar a um diálogo autêntico. Articular a comunicação massiva com a comunitária e grupai. Esforçar-se para ter meios próprios e ao menos uma produtora de vídeo a serviço da América Latina e do Caribe.
- **282.** Ajudar a discernir e orientar as políticas e estratégias da comunicação, que devem encaminhar-se a criar condições para o encontro entre as pessoas, para a vigência de uma autêntica e responsável liberdade de expressão, para fomentar os valores culturais próprios e para buscar a integração latino-americana.
- **283.** Dar aos profissionais católicos da comunicação o apoio suficiente para cumprir sua missão. Procurar uma crescente relação de comunhão eclesial com as organizações internacionais (OCIC-AL, UNDA-AL, UCLAP) “cujos membros podem ser colaboradores valiosos e competentes das Conferências episcopais e dos diferentes bispos” (AN 17). As comissões episcopais

de comunicação de cada país e o próprio DECOS-CELAM e o SERTAL não de aumentar e melhorar sua presença neste campo.

- **284.** Deve-se pôr todo empenho na formação técnica, doutrinal e moral de todos os agentes de pastoral que trabalham em e com os meios de comunicação social. Ao mesmo tempo, é necessário um Plano de educação orientado para a percepção crítica, especialmente nos lares, como para a capacidade de utilizar ativa e criativamente os meios e sua linguagem, empregando os símbolos culturais do nosso povo.
- **285.** É necessário levar as Universidades católicas a oferecer formação do melhor nível humano, acadêmico e profissional em comunicação social. Nos seminários e casas de formação religiosa se ensinarão as linguagens e técnicas de comunicação, que garantam uma preparação sistemática suficiente.

Hoje é imprescindível usar a informática para otimizar nossos recursos evangelizadores. Deve-se avançar na instalação da rede de informática da Igreja nas diferentes Conferências episcopais.

286. Que as editoras católicas ajam coordenadamente dentro da pastoral orgânica.

Terceira parte

JESUS CRISTO, VIDA E ESPERANÇA DA AMÉRICA LATINA

LINHAS PASTORAIS PRIORITÁRIAS

287. De nossas igrejas particulares viemos a Santo Domingo. Éramos portadores das “alegrias e das esperança, das tristezas e das angústias” (*Gaudium et spes*, 1) dos nossos povos Acompanharam-nos os anseios de vida e esperança para o Continente.

Nosso encontro com o Santo Padre nos confirmou na fé, na esperança e no amor ao Senhor e à Igreja. A companhia espiritual de tantos irmãos que oraram por nós e nos ofereceram seu apoio, nos deu fortaleza.

A celebração diária da Eucaristia, a meditação da Palavra de Deus e o trabalho comum realizado com a confiança posta no Senhor, permitiram-nos uma autêntica experiência da presença de “Jesus no meio de nós” (Mt 18,20) e na ação do Espírito. “Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre” fez-nos sentir que Ele faz de nós “criaturas novas” (2 Cor 5,17); que nos dá “vida abundante” (Jo 10,10); que nos promete

“vida eterna” (Jo 6,54). Ele é “nossa esperança” (1Tm 1,1).

Agora regressamos aos diferentes campos do nosso ministério. Anunciaremos o Evangelho da vida. Continuaremos dando “razão dessa mesma esperança” (1Pd 3,15) a cada uma das pessoas que o Senhor colocar em nossos caminhos.

288. – Ao finalizar nossas reflexões, com o coração agradecido a Deus, voltamos nosso olhar ao trabalho realizado para identificar as principais linhas pastorais que encontramos e para continuar caminhando guiados pelos três temas que o Santo Padre nos convidou a estudar, aprofundar e aplicar a partir desta IV Conferência.

Revedo nosso caminho proclamamos com novo ardor nossa fé em Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, única razão da nossa vida e fonte da nossa missão. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Ele nos dá a vida que desejamos comunicar plenamente a nossos povos para que tenham todos um espírito de solidariedade, reconciliação e esperança.

289. Fazemos esta profissão de fé sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira da América Latina, que esteve conosco neste encontro episcopal e que nos acompanha sempre na missão que o Senhor nos confia.

290. Renovamos nossa intenção de levar adiante as orientações pastorais do Concílio Vaticano II, aplicadas nas Conferências Gerais de Medellín e Puebla, atualizando-as através das linhas pastorais traçadas na presente Conferência.

291. Os três temas propostos pelo Santo Padre constituem para nós três grandes linhas pastorais que assumimos para nossas Igrejas. Cada Igreja Particular e cada Conferência Episcopal poderá encontrar, nas orientações de Santo Domingo, os desafios e as linhas pastorais que mais respondam a suas exigências concretas.

292. Em nome de nossas Igrejas particulares da América Latina e do

Caribe comprometemo-nos a trabalhar em:

1. Uma nova evangelização dos nossos povos.
2. Uma promoção integral dos povos latino-americanos e caribenhos.
3. Uma Evangelização inculturada.
 - -Neste sentido, ressaltamos os elementos que durante a Conferência foram indicados com especial ênfase e aprovados para impulsionar e concretizar as três linhas pastorais principais.

1. UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO DOS NOSSOS POVOS

293. 1.1 *O compromisso é de todos a partir de comunidades vivas.* Um especial protagonismo corresponde aos leigos em continuidade com as orientações da Exortação apostólica *Christifideles laici*. Entre eles, seguindo o convite constante do Papa, convocamos mais uma vez os jovens para que sejam força renovadora da Igreja e esperança do mundo.

A fim de suscitar presbíteros, diáconos permanentes, religiosos religiosas e membros dos Institutos seculares para a nova evangelização, impulsionaremos uma vigorosa pastoral de vocações.

294.

1.2 *Somos todos chamados à santidade* (cf. *Lumen gentium*, 39-42). Numa Igreja, comunidade missionária, nos urge um decidido empenho pela continua educação da fé, por meio da catequese, que tem seu fundamento na Palavra de Deus e o Magistério da Igreja, e permite aos católicos dar razão de sua esperança em toda ocasião e frente às seitas e aos novos movimentos religiosos.

A celebração da fé na liturgia, cume da vida da Igreja, há de realizar-se com alegria e de forma a permitir uma participação mais viva, ativa e comprometida na realidade dos nossos povos.

295. 1.3 *É a hora missionária da América.* Dirigimos a todos um anúncio forte e entusiasta para a Evangelização, não só no seio de nossas igrejas, mas para além de nossas fronteiras. Esta será a resposta segundo o exemplo dos missionários que de outras partes chegaram à América, para nos comunicar sua fé e será também fonte de generosidade para nossos jovens e bênção para nossas igrejas.

2. PROMOÇÃO HUMANA INTEGRAL DOS POVOS LATINO AMERICANOS E CARIBENHOS

296. 2.1 *Fazemos nosso o clamor dos pobres.* Assumimos com renovado ardor a opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla. Esta opção não exclusiva nem excludente, iluminará, à imitação de Jesus Cristo, toda nossa ação evangelizadora.

A essa luz convidamos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme à dignidade de todas e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todas elas horizontes de eternidade.

297. 2.2 *Dizemos sim à vida e à família.* Diante das graves agressões à vida e à família, agravadas nos últimos anos, propomos uma decidida ação para defender e promover a vida e a família, Igreja doméstica, e santuário da vida, desde sua concepção até o final natural de sua etapa temporal. Toda vida humana é sagrada.

3. UMA EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA

É o terceiro compromisso que assumimos na perspectiva de novos métodos e expressões para viver hoje a mensagem evangélica.

298. 3.1 *As grandes cidades da América Latina e do Caribe,* com os seus múltiplos problemas, têm-nos interpelado. Atenderemos à evangelização desses novos centros onde vive a maior parte da nossa população. Nossa solicitude dirigir-se-á também às áreas rurais; nelas já

se sente o impacto das mudanças culturais.

299. 3.2 *Queremos aproximar nos dos povos indígenas e afro-americanos*, a fim de que o Evangelho encarnado em suas culturas manifeste toda a sua vitalidade e entrem eles em diálogo de comunhão com as demais comunidades cristãs para o mútuo enriquecimento.

300. 3.3 *Buscaremos também impulsionar uma eficaz ação educativa* e um decidido empenho por uma moderna comunicação.

301. Colocamo-nos sob a ação do Espírito Santo que desde Pentecostes conduz a Igreja no amor. Ele nos concedeu a graça do Concílio Vaticano II e de nossas Conferências Gerais do Rio de Janeiro, Medellín e Puebla.

Estamos certos de que não nos há de faltar seu auxílio para continuarmos, a partir de São Domingos, mais unidos entre nós sob a orientação e guia do Santo Padre, sucessor de Pedro e, apesar dos nossos limites, possamos impulsionar com entusiasmo na América Latina e Caribe o anúncio de Jesus Cristo e do seu Reino.

302. A Igreja na América Latina e Caribe proclama sua fé:

“Jesus Cristo: ontem, hoje e sempre” (cf Hb 13,8)

*Nossas Igrejas particulares, unidas na esperança e no amor,
sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe,
em comunhão com o Santo Padre
e em continuidade com as orientações pastorais
das Conferências Gerais de Medellín e Puebla,
comprometem-se a trabalhar em:*

1. UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO DE NOSSOS POVOS

- À qual **TODOS** estão chamados
- Com ênfase na **PASTORAL VOCACIONAL** com especial protagonismo dos **LEIGOS** e, entre eles, dos **JOVENS**

- mediante a educação contínua da fé e sua celebração” a CATEQUESE e a LITURGIA
- Para além de nossas próprias fronteiras: AMÉRICA LATINA MISSIONÁRIA.

2. UMA PROMOÇÃO INTEGRAL DO POVO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO

- A partir de uma evangélica e renovada opção pelos POBRES
- A serviço da VIDA e da FAMÍLIA

3. UMA EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA

- Que penetre os ambientes marcados pela CULTURA URBANA
- Que se encarne nas CULTURAS INDÍGENAS e AFRO-AMERICANAS
- Com uma eficaz AÇÃO EDUCATIVA e uma MODERNA COMUNICAÇÃO

ORAÇÃO

303. Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo,
Bom Pastor e irmão nosso,
nossa única opção é por Ti.

Unidos no amor e na esperança
sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe,
Estrela da Evangelização,
pedimos o Teu Espírito.

Dá-nos a graça,
em continuidade com Medellín e Puebla,
de nos empenhar numa Nova Evangelização,

à qual todos somos chamados,
com o especial protagonismo dos leigos, particularmente dos jovens,
comprometendo-nos numa educação contínua da fé,
celebrando teu louvor,
e anunciando-te para além das nossas próprias fronteiras,
numa igreja decididamente missionária.
Aumenta nossas vocações para que não falem operários na tua mes-
se.

Anima-nos a nos comprometer
numa promoção integral
do povo latino-americano e caribenho,
a partir de uma evangélica e renovada
opção preferencial pelos pobres
e a serviço da vida e da família.

Ajuda-nos a trabalhar
por uma evangelização inculturada
que penetre os ambientes de nossas cidades,
que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas
por meio de uma eficaz ação educativa
e de uma moderna comunicação.
Amém.

MENSAGEM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II AOS INDÍGENAS DA AMÉRICA

Amadíssimos irmãos e irmãs indígenas do Continente americano.

1. No contexto da comemoração do V Centenário do início da evangelização do Novo Mundo, lugar preferencial no coração e no afeto do Papa ocupam os descendentes dos homens e das mulheres que povoavam este continente, quando a cruz de Cristo foi plantada naquele 12 de outubro de 1492.

Da República Dominicana, onde tive a alegria de me encontrar com alguns dos vossos representantes, dirijo a minha mensagem de paz e amor a todas as pessoas e grupos étnicos indígenas, desde a península do Alasca até à Terra do Fogo. Sois continuadores dos povos tupi-guarani, aimara, meia, Quechua, chibcha, nahuatl, mixtecas, araucano, yanomami, guajiro, inuit, apache e muitíssimos outros que se distinguiram pela sua nobreza de espírito, que se evidenciaram nos seus valores autóctones culturais, como as civilizações asteca, ince e meia, e que podem gloriar-se de possuir uma visão da vida que reconhece a sacralidade do mundo e do ser humano. A simplicidade, a humildade,

o amor à liberdade, a hospitalidade, a solidariedade, o apego à família, a proximidade à terra e o sentido da contemplação são outros tantos valores, que a memória indígena da América conservou até aos nossos dias e constituem um contributo que se sente na alma latino-americana.

2. Faz agora 500 anos que o Evangelho de Jesus Cristo chegou aos vossos povos. Mas já antes, e sem que talvez o imaginassem, o Deus vivo e verdadeiro estava presente iluminando os seus caminhos. O apóstolo São João diz-nos que o Verbo, o Filho de Deus, “é a luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todo o homem ilumina” (Jo 1,9). Com efeito, as “sementes do Verbo” estavam já presentes e iluminavam o coração dos vossos antepassados, para que fossem descobrindo os vestígios do Deus Criador em todas as suas criaturas: o sol, a lua, a mãe terra, os vulcões e as selvas, as lagoas e os rios.

Mas, à luz da Boa Nova, eles descobriram que todas aquelas maravilhas da criação não eram senão um pálido reflexo do seu Autor, e que a pessoa humana, por ser imagem e semelhança do Criador, é muito superior ao mundo material e está chamada a um destino transcendente e eterno. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus feito homem, com a sua morte e ressurreição, libertou-nos do pecado, tornando-nos filhos adotivos de Deus e abrindo-nos o caminho para a vida que não tem fim. A mensagem de Jesus Cristo fez-lhes ver que todos os homens são irmãos, porque têm um Pai comum: Deus. E todos estão chamados a fazer parte da única Igreja, que o Senhor fundou com o seu sangue (cf. At 20,28).

À luz da revelação cristã, as virtudes ancestrais dos vossos antepassados, como a hospitalidade, a solidariedade, o espírito generoso, encontraram a sua plenitude no grande mandamento do amor, que deve ser a suprema lei do cristão. A persuasão de que o mal se identifica com a morte e o bem com a vida abriu-lhes o coração para Jesus, que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Tudo isto, a que os Padres da Igreja chamam as “sementes do Verbo”, foi purificado, aprofundado e completado pela mensagem cristã, que

proclama a fraternidade universal e defende a justiça. Jesus chamou bem-aventurados aos que têm sede de justiça (cf. Mt 5,6). Que outro motivo, senão a pregação dos ideais evangélicos, moveu tantos missionários a denunciar as violações cometidas contra os índios, à chegada dos colonizadores? Estão a demonstrá-lo a ação apostólica e os escritos de intrépidos evangelizadores espanhóis como Bartolomeu de Las Casas, Frei Antônio de Montesinos, Vasco de Queiroga, João dal Valle, Julião Garcés, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, e de tantos outros homens e mulheres, que dedicaram generosamente a sua vida aos nativos. A Igreja que, com os seus religiosos, sacerdotes e bispos, esteve sempre ao lado dos indígenas, como poderia esquecer neste V Centenário os enormes sofrimentos infligidos aos povoadores deste Continente durante a época da conquista e da colonização? Deve-se reconhecer com toda a verdade os abusos cometidos, devido à falta de amor daquelas pessoas que não souberam ver nos indígenas irmãos e filhos do mesmo Deus Pai.

3. Nesta comemoração do V Centenário, desejo repetir o que vos disse durante a minha primeira viagem pastoral à América Latina: “ O Papa e a Igreja estão convosco e amam-vos; amam as vossas pessoas, a vossa cultura, as vossas tradições; admiram o vosso maravilhoso passado, animam-vos no presente e muito esperam do futuro” (*Discurso inaugural* em Cuilapan, 29.1.1979, n. 5). Por isso, quero também fazer-me eco e porta-voz dos vossos mais profundos anelos.

Sei que quereis ser respeitados como pessoas e como cidadãos. Por sua vez, a Igreja faz sua esta legítima aspiração, já que a vossa dignidade não é menor que a de qualquer outra pessoa ou raça. Todo o homem ou mulher foi criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27). E Jesus que mostrou sempre a sua predileção pelos pobres e abandonados, diz-nos que tudo o que fizermos ou deixarmos de fazer “a um destes meus irmãos mais pequeninos”, a Ele mesmo o fizemos (cf. Mt 25,40). Ninguém que se honre do nome de cristão pode desprezar ou discriminar por motivos de raça ou cultura. O apóstolo Paulo admoesta-nos quanto a isto. Foi num só Espírito que todos nós fomos batizados, a fim de formarmos um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres” (1Cor 12,13).

A fé, queridos irmãos e irmãs, supera as diferenças entre os homens. A fé e o batismo dão vida a um novo povo: o povo dos filhos de Deus. Contudo, mesmo superando as diferenças, a fé não as destrói mas respeita-as. A unidade de todos nós em Cristo não significa, sob o ponto de vista humano, uniformidade. Pelo contrário, as comunidades eclesiais sentem-se enriquecidas, ao acolher a múltíplice diversidade e variedade de todos os seus membros.

4. Por isso, a Igreja anima os indígenas a conservarem e promoverem, com legítimo orgulho, a cultura dos seus povos: as sãs tradições e costumes, o idioma e os valores próprios. Ao defender a vossa identidade, não só exerceis um direito, mas cumpris também o dever de transmitir a vossa cultura às gerações vindouras, enriquecendo deste modo toda a sociedade. Esta dimensão cultural, em ordem à evangelização, será uma das prioridades da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que se realiza em Santo Domingo e que tive a alegria de inaugurar, como ato preeminente da minha viagem, por ocasião do V Centenário.

A tutela e o respeito das culturas, valorizando tudo o que de positivo há nelas, não significam, entretanto, que a Igreja renuncia à sua missão de elevar os costumes, rejeitando tudo aquilo que se opõe ou contradiz a moral evangélica. “A Igreja – afirma o Documento de Puebla – tem a missão de dar testemunho do “verdadeiro Deus e único Senhor”. Não se pode considerar como violação a evangelização que é um convite a que se abandonem as falsas concepções de Deus, procedimentos antinaturais e manipulações aberrantes do homem, feitas pelo homem” (*Puebla*. 405-406).

Elemento central nas culturas indígenas é o apego e a proximidade à mãe terra. Amais a terra e quereis permanecer em contato com a natureza. Uno a minha voz à de quantos pedem a aplicação de estratégias e meios eficazes para proteger e conservar a natureza criada por Deus. O respeito devido ao meio ambiente deve ser sempre tutelado, acima de interesses exclusivamente econômicos ou da abusiva explo-

ração de recursos em terras e mares.

5. Entre os problemas que preocupam muitas das comunidades indígenas, estão os relacionados com a posse da terra. Consta-me que os Pastores da Igreja, a partir das exigências do Evangelho e em consonância com o magistério social, não têm deixado de apoiar os vossos legítimos direitos, favorecendo adequadas reformas agrárias e exortando à solidariedade como caminho que conduz à justiça. Também conheço as dificuldades que deveis enfrentar em temas como a segurança social, o direito de associação, a capacidade agrícola, a participação na vida nacional, a formação integral dos vossos filhos, a educação, a saúde, a moradia e tantas outras questões que vos preocupam. A este propósito, vêm-me à mente as palavras que, há alguns anos, dirigi aos indígenas no inesquecível encontro de Quetzaltenango: “A Igreja conhece, queridos filhos, a marginalização que sofreis; as injustiças que suportais; as sérias dificuldades que tendes para defender as vossas terras e os vossos direitos; a freqüente falta de respeito pelos vossos costumes e pelas vossas tradições. Por isso, ao cumprir a sua obra de evangelização, ela quer estar junto de vós e elevar a sua voz de condenação, quando é violada a vossa dignidade de seres humanos e filhos de Deus; quer acompanhar-vos pacificamente como o exige o Evangelho, mas com decisão e energia, na obtenção do reconhecimento e da promoção da vossa dignidade e dos vossos direitos como pessoas humanas” (*Discurso* em Quetzaltenango, 7 de março de 1983 n. 4).

Dentro da missão religiosa que lhe é própria, a Igreja não poupará esforços para continuar a fomentar todas aquelas iniciativas, que têm em vista promover o bem comum e o desenvolvimento integral das vossas comunidades, assim como favorecer legislações que respeitem e tutelem adequadamente os valores autênticos e os direitos indígenas. Demonstração desta decidida vontade de colaboração e assistência é a recente ereção, por parte da Santa Sé, da Fundação “*Populorum Progressio*”, que dispõe de um fundo de ajuda para os grupos indígenas e populações rurais menos favorecidas da América Latina.

Encorajo-vos, pois, a um renovado empenho a serdes também protagonistas da vossa própria elevação espiritual e humana, mediante o trabalho digno e constante, a fidelidade às vossas melhores tradições, a prática das virtudes. Para isto contaís com os genuínos valores da vossa cultura, acrisolada ao longo das gerações que vos precederam nesta abençoada terra. Mas, sobretudo, contaís com a maior riqueza que, pela graça de Deus, recebestes: a vossa fé católica. Cumprindo os ensinamentos do Evangelho, conseguireis que os vossos povos, fiéis às suas legítimas tradições, progridam tanto material como espiritualmente. Iluminados pela fé em Jesus Cristo, vereis nos demais homens, para além de qualquer diferença de raça ou cultura, irmãos vossos. A fé ampliará o vosso coração, para que se abriguem nele todos os vossos concidadãos. E essa mesma fé levará os outros a amar-vos, a respeitar a vossa idiosincrasia e a unir-se convosco na construção de um futuro, no qual todos sejam parte ativa e responsável, como corresponde à dignidade cristã.

6. Acerca do lugar que vos corresponde na Igreja, exorto todos a fomentarem aquelas iniciativas pastorais, que favoreçam uma maior integração e participação das comunidades indígenas na vida eclesial. Para isto, dever-se-á fazer um renovado esforço no que se refere à inculturação do Evangelho, pois “uma fé que não se torna cultura é uma fé não de modo pleno acolhida, não inteiramente pensada nem com fidelidade vivida” (*Discurso ao mundo da cultura*, Lima, 15.5.1988). Trata-se, em definitivo, de conseguir que os católicos indígenas se convertam em protagonistas da sua própria promoção e evangelização. E isto, em todos os setores, incluídos os diversos ministérios. Que imensa alegria no dia em que as vossas comunidades puderem ser servidas por missionários e missionárias, por sacerdotes e bispos que tenham saído das vossas próprias famílias e vos guiem na adoração a Deus “em espírito e verdade” (Jo 4,23).

A mensagem que hoje vos entrego em terras americanas, come morando cinco séculos de presença do Evangelho no meio de vós ver ser um apelo à esperança e ao perdão. Na oração que Jesus Cristo nos ensinou dizemos. Pai nosso... perdoai-nos *as nossas* ofensas assim

como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Jo 6,68); Ele conhece “o interior de cada homem” (cf. Jo 2,25). Em nome de Jesus Cristo, como Pastor da Igreja peço-vos que “perdoeis a todos aqueles que, durante estes quinhentos anos, foram causa de dor e sofrimento para os vossos antepassados e para vós. Quando perdoamos, colocamos nas mãos de Deus as “ofensas” que o homem fez, sabendo que o Senhor é a Justiça mais santa e a Misericórdia mais justa. Ele é o único senhor da história, criador do mundo e redentor do homem. Ao perdoar, nós mesmos nos renovamos no espírito e a nossa vontade fortalece-se. O mundo precisa sempre do perdão e da reconciliação entre as pessoas e entre os povos. Uma sociedade mais justa e fraterna só se poderá construir sobre estes fundamentos. Por isso, neste solene Centenário, e em nome do Senhor Jesus, vos dirijo o meu premente apelo a perdoar “a quem vos tem ofendido” – como dizemos no Pai nosso – todas as ofensas e injustiças que vos tenham sido feitas, muitas das quais só Deus conhece.

A Igreja, que durante estes quinhentos anos vos acompanhou no vosso caminhar, fará tudo o que estiver ao seu alcance para que os descendentes dos antigos povoadores da América ocupem, na sociedade e nas comunidades eclesiais, o lugar que lhes corresponde. Estou consciente dos graves problemas e dificuldades com que vos deveis enfrentar. Mas estai certos de que nunca vos há de faltar o auxílio de Deus e a proteção da sua Mãe Santíssima, como um dia, na colina do Tepeyac foi prometido ao índio Juan Diego, um insigne filho do vosso mesmo sangue, o qual tive a alegria de elevar à honra dos altares: “Ouve e presta atenção, filho meu mais pequeno, é nada o que te assusta e aflige; não se turve o teu coração. Não temas essa enfermidade, nem outra enfermidade ou angústia. Não estou eu aqui, que sou tua Mãe? Não estás sob a minha sombra? Não sou eu a tua saúde? Não estás porventura no meu regaço?” (*Nican Mopohua*).

Nossa Senhora de Guadalupe proteja todos vós, enquanto vos abençoar de coração, no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dado em Santo Domingo, no dia 12 de outubro de 1992, II Centenário da Evangelização da América.

Joannes Paulus PP. II

MENSAGEM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II AOS AFRO-AMERICANOS

Amadíssimos irmãos e irmãs afro-americanos.

1. O V Centenário da Evangelização do Novo Mundo é ocasião propícia para vos dirigir, da cidade de Santo Domingo, a minha mensagem de encorajamento que aumente a vossa esperança e sustenha o vosso empenho cristão em dar renovada vitalidade às vossas comunidades, às quais, como Sucessor de Pedro, envio uma saudação cordial e afetuosa com as palavras do apóstolo São Paulo: “Graça e paz da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 1,3).

A evangelização da América é motivo de profunda ação de graças a Deus que, na sua infinita misericórdia, quis que a mensagem de salva-

ção chegasse aos habitantes destas abençoadas terras, fecundadas pela cruz de Cristo, a qual marcou a vida e a história das suas gentes, e que tão abundantes frutos de santidade e de virtudes produziu no decorrer destes cinco séculos.

A data de 12 de outubro de 1492 assinala o início do encontro de raças e culturas, que configurariam a história destes quinhentos anos, nos quais a penetrante visão cristã nos permite descobrir a intervenção amorosa de Deus, apesar das limitações e infidelidade dos homens. Com efeito, no sulco da história verifica-se uma confluência misteriosa de pecado e de graça, mas, ao longo da mesma, a graça triunfa sobre o poder do pecado. Como nos diz São Paulo: “Onde, porém, abundou o pecado, superabundou a graça (*Redemptoris missio*, 5,20).

2. Nas celebrações deste V Centenário não podia faltar a minha mensagem, de aproximação e vivo afeto, às populações afro-americanas, que representam uma parte relevante no conjunto do continente e que, com os seus valores humanos e cristãos, e também com a sua cultura, enriquecem a Igreja e a sociedade em tantos países. A este propósito, vêm-me à mente aquelas palavras de Simão Bolívar, afirmando que “a América é o resultado da união da Europa e da África com elementos aborígenes. Por isso nela não cabem os preconceitos de raça e, se coubessem, a América voltaria ao caos primitivo”.

De todos é conhecida a gravíssima injustiça cometida contra aquelas populações negras do continente africano, que foram arrancadas com violência das suas terras, das suas culturas e das suas tradições, e trazidas como escravos para a América. Na minha recente viagem apostólica ao Senegal, não quis deixar de visitar a ilha de Goreia, onde se exerceu parte daquele ignominioso comércio, e quis deixar perpetuado o firme repúdio da Igreja, com as palavras que agora desejo recordar de novo: “A visita à ‘Casa dos Escravos’ faz-nos recordar o tráfico de negros, que Pio II, ao escrever, em 1462, a um bispo missionário que partia para a Guiné, qualificava como ‘grande crime’. Durante um período da história do continente africano, homens, mulheres e crianças negros foram trazidos para esta pequena localidade,

tirados da sua terra, separados dos seus parentes, para serem aqui vendidos como mercadoria. Estes homens e estas mulheres foram vítimas de um vergonhoso comércio, no qual tomaram parte pessoas batizadas, mas que não viveram a sua fé. Como se hão de esquecer os enormes sofrimentos infligidos, com menosprezo dos mais elementares direitos humanos às populações de orladas do continente africano? Como esquecer as vidas humanas destruídas pela escravidão? Deve ser confessado, com toda a verdade e humildade, este pecado do homem contra o homem” (*Discurso na Ilha de Goreia* 21.2.1992).

3. Olhando para a realidade atual do Novo Mundo, vemos pujantes e vivas comunidades afro-americanas que, sem esquecer o seu passado histórico, oferecem a riqueza da sua cultura à variedade multiforme do continente. Com tenacidade, não isenta de sacrifícios, contribuem para o bem comum integrando-se no conjunto social, mas mantendo a sua identidade, usos e costumes. Esta fidelidade ao seu próprio ser e patrimônio espiritual, é algo que a Igreja não só respeita mas encoraja e quer fomentar, pois, sendo o homem – todo o homem – criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27), toda a realidade autenticamente humana é expressão dessa imagem, que Cristo regenerou com o seu sacrifício redentor.

Graças à redenção de Cristo, amados irmãos e irmãs afro-americanos, todos nós passamos das trevas à luz, a ser “não Meu povo” mas a chamar-nos “Filhos do Deus vivo” (cf. Os 2,1). Como “eleitos de Deus” formamos um só corpo, que é a Igreja (cf. Cl 3,12-15), na qual, segundo as palavras de São Paulo, “não há mais grego, nem judeu, nem circunciso nem incircunciso, nem bárbaro” nem cita, nem escravo nem livre, mas Cristo, que é tudo em todos (Cl 3,11). De fato, a fé supera as diferenças entre os homens e dá vida a um povo novo, que é o povo dos filhos de Deus. Contudo, mesmo superando as diferenças na comum condição de cristãos, a fé não as destrói mas respeitá-as e dignifica-as.

Por isso, nesta comemoração do V Centenário, encorajo-vos a defender a vossa identidade, a ser conscientes dos vossos valores e fazê-los

frutificar. Mas, como Pastor da Igreja, exorto-vos sobretudo a ser conscientes do grande tesouro que, pela graça de Deus, recebestes: a vossa fé católica. À luz de Cristo, haveis de conseguir que as vossas comunidades cresçam e progridam, tanto no espiritual como no material, difundindo assim os dons que Deus vos outorgou. Iluminados pela fé cristã, vereis os demais homens, acima de qualquer diferença de raça ou cultura, como irmãos vossos, filhos do mesmo Pai.

4. A solicitude da Igreja por vós e pelas vossas comunidades, tendo em vista a nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã, tornar-se-á evidente na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que hoje tive a ventura de inaugurar. Sem esquecer que muitos valores evangélicos têm penetrado e enriquecido a cultura, a mentalidade e a vida dos afro-americanos, deseja-se incrementar a atenção pastoral e favorecer os elementos específicos das comunidades eclesiais com fisionomia própria.

A obra evangelizadora não destrói, mas encarna-se nos vossos valores, consolida-os e fortalece-os; faz crescer as sementes lançadas pelo “Verbo de Deus, o Qual antes de se fazer homem para tudo salvar e em Si recapitular, já estava no mundo, como verdadeira luz que ilumina todo o homem” (*Gaudium et spes*, 57). A Igreja, fiel à universalidade da sua missão, anuncia Jesus Cristo e convida os homens de todas as raças e condições a aceitarem a sua mensagem. Como afirmaram os Bispos latino-americanos na Conferência Geral de Puebla de los Angeles: “A Igreja tem a missão de dar testemunho do “verdadeiro Deus e único Senhor”. Não se pode considerar como violação a evangelização que é um convite a que se abandonem as falsas concepções de Deus, procedimentos antinaturais e manipulações do homem feitas pelo homem” (n. 406). Com efeito, com a evangelização, a Igreja renova as culturas, combate os erros, purifica e eleva a moral dos povos, fecunda as tradições, consolida-as e restaura-as em Cristo (cf. *Gaudium et spes*, 58).

5. Sei que a vida de muitos afro-americanos nos diversos *países* não está isenta de dificuldades e problemas. A Igreja, bem consciente dis-

to, compartilha os vossos sofrimentos e acompanha-vos e apóia-vos nas vossas legítimas aspirações a uma vida mais justa e digna para todos. A este propósito, não posso deixar de expressar a viva gratidão e de encorajar a ação apostólica de tantos sacerdotes, religiosos e religiosas que exercem o seu ministério junto dos mais pobres e necessitados. Peço a Deus que nas vossas comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro-americanos do continente possam contar com ministros provenientes das vossas próprias famílias.

Enquanto vos confio à maternal proteção da Santíssima Virgem, cuja devoção está tão arraigada na vida e nas práticas cristãs dos católicos afro-americanos, abençôo-vos no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Dado em Santo Domingo, a 12 de Outubro de 1992 V Centenário da Evangelização da América.

JOANNES PAULUS PP. II

ÍNDICE TEMÁTICO

ABANDONADOS: 85.

ABISMO ENTRE RICOS E POBRES: 199.

ABORTO: mal na AL 9; afeta a dignidade da mulher 110; sua relação com a anticoncepção 215; anticoncepcionais abortivos 219; causa milhões de vítimas 219; condená-lo e rejeitá-lo 223; ação contra a vida 234.

ABUSOS: contra os índios 20; sexuais 112.

AÇÃO CATÓLICA: 102.

AÇÕES DO ESPÍRITO SANTO: santificadora e unificante 70; no interior das culturas 243. Ações evangelizadoras: 55 e 150

AÇÕES PASTORAIS: para levar o Evangelho a dialogar com a cultura 24; fundamentadas numa vida santa 31; próprias das culturas da AL 53; na educação 330; presença da mulher 90.

ADIVINHAÇÃO: 155.

ADOLESCÊNCIA: de Jesus 111; seu amadurecimento afetivo 112;

presença de vocações 82; sua reação diante do consumismo e da dor 112; sua formação na fé 115; um espaço de participação para eles 119; também a eles se dirige a pastoral da juventude 119; apresentar-lhes Jesus de maneira atraente 119; seu processo educativo 120; é numerosa na AL 221.

AFRICANOS: escravos na AL e no Caribe 20; arrancados violentamente de suas terras 246.

AFRO-AMERICANOS: vocações 80; denunciar as violações de sua dignidade 107; favorecer o que lhes proporcione uma vida digna 110; objeto da pastoral da juventude 119; religiões 137; violação de seus direitos 167; não tiveram acesso à terra 174; pertencem à AL continente multiétnico 244; a Igreja reconhece seus valores 249; cuidado pastoral 249.

AGENTES DE PASTORAL: necessários à nova evangelização 49; insuficientes nas diocese 56; promover seu aumento e formação 57, 128; os leigos são chamados a sê-lo 94; mentalidade clerical 96; conhecimento do judaísmo e do islamismo 138; conhecimento das outras religiões 138; formação técnica, doutrinária e moral 284.

AIDS: 235.

ALCOOLISMO: 112.

ALIANÇA: renovação na AL 16; com os religiosos e missionários 85; a primeira foi a Criação 169.

AMBIENTE SOCIOCULTURAL: 98.

AMÉRICA LATINA E CARIBE: forças de morte na AL 9; novo ardor evangélico 12; evangelização na AL 13; Maria Mãe da AL 15; povo escolhido por Deus 16; chegada da fé 16; valores presentes 17; mestiçagem na AL 18; compromisso da Igreja 22; sua situação delicada e difícil 22, 23, 179; primeira evangelização 24; homens novos na AL 32; seus bispos 33; batizados que não aderiram ao Evangelho 33; vida monástica e contemplativa 37; desafios para a Igreja 38; sinais e ações próprias dessas culturas 53; comunhão 76; religiosos 85; serviço missionário para sua evangelização 91; desafios aos religiosos 91; ministérios conferidos aos leigos 101; movimentos com identidade própria 102; presença da mulher na sua evangelização 109; to-

dos os povos irmanados entre si 121; presença de níveis escandalosos de pobreza 122; incoerência de alguns batizados 13; presença de seitas fundamentalistas 140; política predominante 179; esforços para transformação de sua realidade 179; conseqüências da nova ordem internacional 194; associação de nações 205; população infantil crescente 221; fidelidade a Jesus Cristo 232; continente multiétnico e pluricultural 244; marcada pela cultura ocidental 252; processo de urbanização 255; proclamação da fé 202.

AMOR: expressão da fé em Cristo 23; presente nas CEBs 61; o Espírito Santo nos torna capazes de amar 121; presente no matrimônio 213.

AMOR DE DEUS: manifestado em Jesus Cristo 4; dirigido aos pobres e necessitados 4; fonte da existência sacerdotal 70.

ANALFABETISMO: 267.

ANIMADORES: nas CEBs 61; em comunhão com o pároco e bispos 63; animação missionária 128, 101.

ANTICONCEPCIONAIS: relação com o aborto 215; distribuição maciça 219.

ANTIVALORES: 256.

ANTROPOLOGIA CRISTÃ: que dê sentido à potencialidade humana 152; como abertura do homem para Deus 264.

ANÚNCIO CRISTÃO: extensão a todo o mundo 2; da boa nova 4; objetivo 13; unidade com a denúncia 20; por gestos e palavras 27; a ressurreição, raiz da evangelização 24; fazê-lo com entusiasmo 28; confiança no anúncio salvador de Jesus 29; fazê-lo com alegria 33; do ser verdadeiro da mulher 107, 108.

APÓSTOLOS: neles se derramou o Espírito Santo 7; sua tarefa e testemunho 33; presentes nas CEBs 61; mandato de Cristo a eles 23.

ARTE: mestiça 18; não se guia por critérios evangélicos 96; escassa presença eclesial nesse setor 253.

ASSASSINATOS: violação dos direitos humanos 167.

ASSOCIAÇÕES DE APOSTOLADO: nasceram por impulso do Espírito Santo 102; legitimidade 102; podem fechar-se sobre si mesmas 102.

ATEÍSMO: 21.

AUMENTO DO NÚMERO DE FIÉIS: 2.

AUTODESENVOLVIMENTO: 251.

BATISMO: entrada no Reino de Deus 5; renova a dignidade humana 13; nele se recebe a santidade 37; a conversão é a renovação do batismo 46; dimensão contemplativa 47; constitui-nos povo de Deus 65; conseqüência 94; os batizados não tomaram consciência de pertencer à Igreja 96, 97, 130, 26, 33; ministérios conferidos aos leigos no batismo 101; nele recebemos a filiação divina 121; assumi-lo numa perspectiva missionária 131; filhos de batizados 131; adesão radical a Cristo 229; nascimento para uma vida nova 231.

BEM-AVENTURANÇAS: adesão ao seu anúncio 5; vividas por homens novos na AL e Caribe 32; vida moral 239.

BÍBLIA: 38, 49, 108, 135.

BISPOS: presidem às Igrejas particulares 11; atitude profética de denúncia durante a conquista 20; sujeito da nova evangelização 25; principal ofício 33; na unidade da Igreja local 55; representado pelo pároco 58; comunhão das CEBs com ele 61, 63, 64; essencial para a ação da Igreja 67; formação permanente 69, 73; promovem as vocações 128; relação e comunhão dos religiosos com ele 91, 93.

BOA NOVA: proclamada por Jesus 4; anunciada aos pobres 4; celebração de sua implantação na AL 16; credibilidade para acolhê-la 28; Jesus nos pede para proclamá-la 30; na situação histórica da AL 33; os leigos são chamados a proclamá-la 94.

BUDISMO: 147.

CAMPONESES: dignificar-lhes a vida 110; pastoral da juventude a eles dirigida 119; violências contra seus direitos 167; situação 172; causas de suas condições de vida 174; alternativas para que não abandonem suas terras 189.

CARIDADE: pastoral, pressuposto da nova evangelização 28; componente do culto cristão 34; na santidade 37; manifesta-se nos sacramentos 45; no compromisso sacerdotal 72; na ação pastoral da mulher consagrada 90; vinculada à evangelização 157.

CARISMAS: provenientes do Espírito Santo para a nova evangeliza-

ção 23; integração na nova evangelização 57; conferidos por Jesus para proveito comum 65; a serviço da pastoral orgânica 64; mantê-los vivos nas comunidades religiosas 91; para fomentar a criatividade 101; próprios das ordens e congregações religiosas 275.

CASAS DE FORMAÇÃO: carência de programas de formação missionária 127; ensino de linguagens e técnicas de comunicação 285.

CATECISMOS: 49.

CATEQUESE: como meio pastoral 19; como ministério profético da Igreja 33; importância 41; querigmática e missionária 49; da confirmação em relação com a vocação 80; colaboração dos leigos 101; finalidade 142; dos migrantes 189; familiar 225; apresenta o comportamento cristão como autêntico seguimento de Cristo 239; continua a educação da fé 130; meio para a educação contínua da fé 302.

CATEQUISTAS: afro-americanos 19; seu esforço e sacrifício 41; sólido conhecimento da Bíblia 49.

CATOLICISMO IBÉRICO: 18.

CATÓLICOS: freqüentemente desconhecem as verdades sobre Jesus 39; alguns não se sentem Igreja 96.

CELAM: competência 69; cursos de capacitação 84; seção de ecumenismo 135; encontros e cursos sobre evangelização nas grandes metrópoles 262.

CELEBRAÇÃO DA FÉ: instrumento de evangelização 19; uma das finalidades da liturgia 35; presente na preocupação pastoral 36; expressa o compromisso com o Senhor 43; presença de Cristo 51; realizada na comunidade, atualiza os acontecimentos da vida de Jesus 52; missão da paróquia 58; na cultura dos jovens 117; adaptá-las às culturas 151; deve chegar à vida dos homens 156.

CÉU E TERRA NOVOS: 14.

CHAMADO: a entrar no Reino 4; à conversão 24, 32; a viver como comunidade de fé 61; aos ministros ordenados 67; à santidade 78; ao serviço sacerdotal 79; à tarefa evangelizadora 94; a viver o mistério sacerdotal, profético e real 94; a ser protagonis-

tas da nova evangelização 97.

CIDADE: pós-industrial 255; relação com a natureza 255; estruturas pastorais da Igreja urbana 257; Interpela a evangelização 298.

CIÊNCIA: contribui para a cultura 29; marca de grupos e populações 26; não é guiada por critérios evangélicos 96.

CIENTISTAS: colaboração com o Magistério 226; racionalidade científico-técnica 255.

CIVILIZAÇÃO DO AMOR: 61, 120.

CLERICALISMO: 43.

CLIENTELISMO: 192.

COERÊNCIA ENTRE FÉ E VIDA: 44, 48.

COLEGIALIDADE EPISCOPAL: 68.

COLÔNIA: 20.

COMISSÕES: nacionais do clero 73; episcopais de comunicação 283.

COMLAS: Congressos Latino-americanos 125.

COMPROMISSO: missionário da Igreja 23, 27, 292, 302; com a promoção humana 35, 157; pessoal e comunitário com o Senhor 43; do sacerdote com a nova evangelização 72; fundamento da pastoral vocacional 80; dos religiosos na Igreja particular 92; não assumido por alguns católicos 96; dos leigos na nova evangelização 98, 103; entre os jovens 115; na vida cotidiana 118; com a justiça e a paz 242; no campo educativo 271; de todos os fiéis 293.

COMUNHÃO: do homem com Deus 5; de todos os seres com Deus 5; entre os cristãos 6; da fé apostólica 8; entre sacerdotes e bispos 11; vivida no céu 14; vivida em pequenas comunidades 48; experimentada em comunidades do continente 54; vivida na igreja particular 55; urgência em promovê-la 56; animada e orientada pela paróquia 58; de animadores com o pároco e o bispo 61; busca sincera nas comunidades 62; dos agentes de pastoral com os párocos 63; dos bispos com o Papa 67; entre os pastores 68; entre os ministros ordenados 69; serviço dos pastores 74; na AL 76; dos religiosos com os bispos 93; dos conselhos de leigos 98; caracteriza a Igreja universal 143; falta entre as Igrejas particulares 208; com organizações internacionais 283.

COMUNICAÇÃO: anúncio do Reino de Deus 279; do Pai por inter-

médio do Filho 279; fundamenta a relação entre evangelização e promoção humana 279; de massa, comunitária e grupai: políticas e estratégias 282; modernização 300; ajuda para a nova evangelização 302.

COMUNICAÇÃO CRISTÃ DE BENS: 102.

COMUNIDADE CRISTÃ: constrói-se com o anúncio cristão 13; formá-la é o objetivo da nova evangelização 26; lugar em que se lê a Palavra de Deus 33; oração e missão apostólica 47; meio para viver a fé numa perspectiva missionária 48; reflexo da Igreja viva e dinâmica 54; célula da vida cristã 55; facilitar sua integração 57; servida pela presença sacerdotal 74, 75; dá testemunho para a conversão dos não-cristãos 156.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE: relação com a paróquia 58; chamadas a viver como comunidades de fé, culto e amor 61; projeção e dinamismo apostólico 61; podem se tornar vítimas de manipulação 62; validade 63; planos de ação pastoral para elas 63; atuação dos leigos nas CEBs 95; atuação da mulher 106, 108; lugar mais indicado para falar da família 210; é necessário multiplicá-las 259.

CONCÍLIO VATICANO II: nova evangelização coerente com ele 30; iniciou a renovação litúrgica 43; fidelidade que lhe é devida 53; sua eclesiologia 57; promoveu a renovação da vida religiosa 85; dimensão comunitária do ministério sacerdotal 68; associações de apostolado 102.

CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS: rever e redimensionar as estruturas eclesiais 69; encontrarão nesse documento desafios e linhas pastorais 291.

CONFIRMAÇÃO: experiência da graça do Espírito 46; raiz dos ministérios conferidos aos leigos 101; dar importância especial a esse sacramento 115; assumir forma missionária 131; oportunidade para apresentar a novidade de Jesus Cristo 131.

CONQUISTADORES: 20.

CONQUISTA E COLONIZAÇÃO: 20.

CONSAGRAÇÃO: dos ministros para o serviço dos mais pobres 67; Maria, modelo de vida dos consagrados 85; dos institutos seculares 87; das virgens 89.

- CONSCIÊNCIA:** na conversão da Igreja 30; cultivo da consciência moral 156; deformada no crescente desajuste ético-moral 232; formá-la 237.
- CONSELHOS:** evangélicos 37; presbiterais 73, 69; pastorais 98; de leigos 98.
- CONSUMISMO:** causas 44; reação dos jovens e adolescentes 112; propalado pelos meios de comunicação 199; traço característico do homem urbano atual 254.
- CONTEMPLAÇÃO:** 37; incluí-las nos planos pastorais 144.
- CONVERSÃO:** exigência para entrar no Reino de Deus 5; livra das forças da morte 9; processo contínuo da Igreja 23; chamado da nova evangelização 24; exigência da nova evangelização 30; chamado aos membros da Igreja 32; conversão primeira 33; obra do Espírito Santo 40; fruto do anúncio de Jesus 46; relação com a formação permanente 72; nas seitas 147; ação da mensagem evangélica 157; desafio que brota da descoberta dos pobres e sofredores 178.
- CORPO E SANGUE DE CRISTO:** 6.
- CORRUPÇÃO:** mal presente na AL 9; causa de deterioração de certos países 192; característica dos anos oitenta 198; os leigos influem para eliminá-la 203; generalizou-se 233.
- CRIAÇÃO:** transformada por Jesus Cristo 14; relação com o plano da redenção 157; obra da palavra do Senhor 169; primeiro dom do amolde Deus 171.
- CRIANÇAS:** concebidas e não nascidas 215; proporção crescente na população do continente 221.
- CRIATIVIDADE:** na apresentação do evangelho 29; no estabelecimento dos ministérios e serviços 101; a ser fomentada nas celebrações da fé 117.
- CRISE:** social 149; ecológica 169; dos sistemas econômicos 199; da família 214, 267; da cultura 230.
- CRISTÃOS:** peregrinos na terra 6; alma de todos os ambientes da vida social 9; presença em tudo que é humano 29; chamados à santidade 99; missão 131; cristãos separados 134; responsabilidade pelo desenvolvimento 169; de sua consciência 231.
- CRISTIANISMO:** desafios e interpelações 24; implicação da nova

evangelização 24.

CRISTO: comunica-nos sua vida 7; guia, esperança e luz do homem 8; adquiriu a Igreja com seu sangue 11; unido a todos os homens 13; levará o Reino de Deus à sua plenitude 14; expresso no amor fraterno 23; riqueza nele presente 24; dá sentido a tudo 27; riqueza inesgotável 30; Boa Nova para nossos povos 37; papel profético 33; presente na liturgia 34; introduz-nos no mistério trinitário 121; mestre de moral 154; aperfeiçoa a igualdade entre os homens 164; atualização de seu ministério salvífico 66; cabeça da Igreja 74; fundamento da espiritualidade dos diáconos 77; chama aos fiéis leigos 94; plenitude dos tempos 104; revela o Pai 121; modelo de comunicador 279.

CRUZ DE CRISTO: presente no continente americano 2; nos habitantes da AL 3; relação com o seguimento 10; o Espírito Santo faz-nos valorizá-la 40.

CULTO: mariano 19; expressa a glorificação e a redenção 34; realizado nas CEBs 61; com facetas orientais 147; terapêuticos 147.

CULTURA: impregnada pelo Evangelho 1; convidada a deixar-se levar à plenitude 13; identifica-se com Maria 15; da América e seu encontro com a Ibérica 18; em seu núcleo está presente o evangelho 21; da imagem 29; meios para chegar a ela 29; urbana e adveniente, indígena e afro-americana 30; tarefa dos teólogos 33; invadida pelo secularismo, hedonismo e consumismo 44; de reconciliação e solidariedade 77, 183, 204; vocações dela provenientes 80; indígena e afro-americana 84, 246, 302; leigos que sobressaem 99; informada pela força da ressurreição 103; seu nascimento 228; consenso de todos com a cultura reinante 236; mestiça 247; marcada pela ocidental 252; moderna 252-254; emergente 268.

CULTURA CRISTÃ: elementos que a compõem 22, 24; fundamentada na ressurreição 24; alimentada pela santidade 31, 33; renovação espiritual 45; protagonizada pelos leigos 97; fé que se toma cultura 229. cultura da morte: características 9, 26; cultura da morte (desafio) 219; 235. curas: 147, 149.

DESCENTRALIZAÇÃO: administrativa, econômica e educacional

203.

DEFICIENTES: 180.

DÉFICIT FISCAL: 198.

DEGRADAÇÃO: 187.

DEMAGOGIA: 233.

DEMOCRACIA: os militares estão a seu serviço 99; apreciada pela Igreja 190, 191; seus valores 193; saná-la e aperfeiçoá-la 193; educação nos seus valores 193, 253.

DENÚNCIA DAS INJUSTIÇAS: práticas proféticas 19, 20; diante da pastoral social 200; da economia de mercado 202.

DEPENDÊNCIA CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA: 199.

DEPORTAÇÃO DE PESSOAS SEM DOCUMENTOS: 187.

DESENVOLVIMENTO: promovido pela evangelização 13; na promoção humana 157; papel da mensagem evangélica 157; induzido a partir de fora 251; em matéria de comunicação 280.

DEUS: escolheu um novo povo na al 2; seu amor pelo homem 27; espera frutos de santidade de sua Igreja 31; seu amor pelos jovens 118; Pai, rico em misericórdia 129; Senhor e criador 171; Senhor da vida 215, 223.

DESEMPREGADOS: 183, 199, 218.

DESIGUALDADE SOCIAL: 24.

DESINTEGRAÇÃO: da família 79, 187; em nossos países 208.

DEVOÇÃO: a Maria na pastoral vocacional 80; à Eucaristia 143.

DIA DO SENHOR: 43, 51.

DIÁCONOS PERMANENTES: sujeito da nova evangelização 25; em comunhão com os presbíteros 67; sua formação permanente 69; pastoral a eles dirigida 75; sua importância a serviço da comunhão na AL 76; serviço que prestam no continente 76; reconhecimento 77; acompanhamento em seu discernimento 77; espiritualidade 77; dupla sacramentalidade dos casados 77; colaboração que prestam à animação dos serviços da Igreja 77.

DIÁLOGO: entre evangelho e cultura 22; com a modernidade e o pós-moderno 24; entre teólogos e pastores 33; entre pastores e conselheiros de leigos 98; entre homem e mulher 109; teológico ecumênico 135; com as religiões não-cristãs 137, 138; obstáculos 137; com as religiões afro-americanas e indígenas 138; criado

pela crise ecológica 169; com o Norte 170; com os indígenas 248; entre fé e consciência 254; com os responsáveis da comunicação 281.

DIGNIDADE DA MULHER: igual ao homem 104, 105; negada por alguns setores 105, 106; denunciar as violências contra ela 107, 110; seu reconhecimento por parte de sacerdotes e dirigentes leigos 108; programas educativos que atentam contra ela 109.

DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA: mede-se por Jesus Cristo 8; dada pelo próprio vigor do anúncio cristão 13; defendida pelos grandes evangeliza-dores 20; brota da acolhida ao Espírito Santo 24; restaurada por Jesus Cristo para o homem contemporâneo 27; no magistério social 157; motiva a ação de Jesus 159; não se perdeu com o pecado 159; provém da criação do homem à imagem de Deus 164; atualmente deteriorada 235; nas universidades 268; é favorecida pela educação 271.

DINAMISMO PASTORAL: 60, 61, 90.

DIOCESE: carecem de agentes pastorais em número suficiente 56; as CEBs devem-se integrar nelas 63; unirem-se a elas os religiosos 68; pastoral orgânica 80; destinação de seus recursos pessoais e materiais 114.

DIREÇÃO ESPIRITUAL: necessária aos leigos 42; prolonga o sacramento da reconciliação 46; fundamenta a pastoral vocacional 80; nos seminários 83; para o discernimento de problemas vitais 151.

DIREITOS HUMANOS: papel dos teólogos em sua defesa 33; proclamados pela Igreja e garantidos por Cristo 164, 165; progressiva tomada de consciência 166; sua promoção 168; dos indígenas e afro-americanos 251; impedimentos ao seu exercício 253.

DIREITOS: exigência da evangelização 13; defendidos pelos evangeliza-dores 20; da Igreja 69; da mulher 105; sua violação 167; aos bens da criação 171; do trabalhador 184; da criança 227; à terra 251; inviolabilidade do direito à vida 268; à formação religiosa 272.

DISCERNIMENTO: dos problemas à luz da fé 151; nos diáconos permanentes 77; nos jovens e adolescentes 80, 82.

- DISCRIMINAÇÃO:** superá-la à luz do evangelho 168; consequência da migração 187; na Igreja 246.
- DÍVIDA EXTERNA:** 178, 197, 198.
- DIVISÕES:** nas Igrejas particulares 68; entre cristãos 133.
- DIVÓRCIO:** excluído do plano de Deus 211; cada vez mais numeroso 216.
- DOENTES:** 131, 180, 235.
- DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA:** parte necessária da pregação 50; a serviço da nova evangelização 76; conceito 158; tem por objeto a promoção humana 162; ideologias incompatíveis 168; divulgá-la e colocá-la em prática 200; sua contribuição para a educação 271.
- ECOLOGIA:** defesa do equilíbrio ecológico 138; corte de florestas 169; relação com o crescimento econômico 169.
- ECONOMIA:** o homem não lhe está sujeito 27; não é guiada por critérios evangélicos 96; solidária 102; modelo econômico neoliberal 181; de mercado 195; ajustes econômicos 196; estatal 198; informal 199; de livre mercado 200; de participação 201; estabilidade e descentralização 203; planetária 207.
- ECUMENISMO:** 133, 135.
- EDITORAS CATÓLICAS:** 286.
- EDUCAÇÃO:** meio pastoral da primeira evangelização 19; objetivo pastoral imediato 99; nova linguagem e símbolos 109; não corresponde às exigências dos jovens 112; experiência participativa e transformadora 119; para ver Deus na história 156; carência dos serviços educativos 218; dos indígenas e afro-americanos 251; católica papel do professor 265; a partir dos critérios seculares 266; exclusão de muitas pessoas 267; seus desafios 269, 270; linhas pastorais 271, 272, 274, 275, 276, 277; orientação 284; da fé 294, 302.
- EGOÍSMO:** 5, 199.
- EMPREGADAS DOMÉSTICAS:** 110.
- ENCARNAÇÃO:** do evangelho no mundo de hoje 60; do Verbo 30; e presença cristã no contexto sócio-cultural 243.
- ENCONTRO:** do catolicismo com a cultura ibérica 18; dos fiéis com Cristo 29; de espiritualidade sacerdotal 71; dos episcopados da

AL 209.

ESCRAVOS: 20, 246.

ESOTERISMO: 147.

ESPERANÇA: 23, 24, 37, 58, 74, 83, 104, 107.

ESPIRITISMO: 147, 155.

ESPÍRITO MISSIONÁRIO 56, 63.

ESPÍRITO SANTO: impulsiona a nova evangelização 1; unge Jesus Cristo 4; ressuscita-o 7; conduz aos filhos de Deus 10; congrega fiéis e pastores 11; infundido nos povos da AL 16; esperado nas culturas pré-colombianas 17; inspira a obra evangelizadora 19; a nova evangelização parte de sua força 23; alento criador da nova evangelização 27; inflama o coração da Igreja 28; inspira os novos métodos 29; santifica a Igreja 32; prega-se pouco a seu respeito 40; é recebido no batismo e na confirmação 46; convoca, une e envia 55; anima a dignidade 58; promove o nascimento de associações de leigos 102; penetra e transforma os povos 229; sua ação a partir de Pentecostes 301.

ESPIRITUALIDADE: renovada 45; sacerdotal 70; dos diáconos permanentes 77; dos fiéis leigos 95, 98, 99; de seguimento 116; da equipe missionária 128; que recupere o senso de Deus 169.

ESTERILIZAÇÃO: 110, 219, 223.

ESTRUTURAS: a serviço da comunidade 69; eclesial 98; econômicas injustas 163; e métodos pastorais 180; e sua organização intra-eclesial 209; de pecado 243.

ESTUDANTES: 119.

ÉTICA: na sociedade secular e indiferente 154; relação com o desenvolvimento 169; desajuste ético-moral 232; civil ou cidadã 236; cristã 242; vício ético 253.

EUCARISTIA: sacramento do amor de Cristo 6; congrega fiéis e pastores 11; expressão do compromisso 43; fonte da unidade da Igreja particular 55; fundamento da pastoral vocacional 80; vivência da unidade 123; expressão da unidade da Igreja 143; enriquece-se com a catequese 225.

EUTANÁSIA: 219, 223, 234.

EVANGELHO: proclamá-lo sem equívocos 13; vivê-lo em plenitude 21; fonte de vida e esperança 23; um só e único 24; em diálogo

com a modernidade e o pós-moderno 24; que chegue a todos 29; apresentá-lo às novas realidades culturais 30, 60; os religiosos lhe manifestam a força 85, 91; transformador da sociedade 98; luz e esperança 107.

EVANGELIZAÇÃO: razão de ser da Igreja 12; promove o desenvolvimento integral do homem 13; exemplo do beato Juan Diego 15; inspirada pelo Espírito Santo 19; a primeira na AL 16, 24; mandato de Jesus Cristo 22, 23; conceito, segundo João Paulo II 27; de onde provém sua força 27; deve mostrar as exigências de Jesus 48; a partir da experiência de Deus 91; compromisso dos leigos 98; papel de Maria e da mulher 104; adaptada às culturas 151, 229, 248, 253; sua relação à promoção humana 157; meta 243; desafios 252; preparação para ela 262; é anúncio do Reino 279; compromisso de Santo Domingo 292, 297; das grandes cidades 298, 302.

EVANGELIZADORES: alguns não reconheceram os valores das culturas pré-colombianas 17; proclamaram os direitos e a dignidade dos aborígenes 20; os melhores são os santos 28; religiosos 85; os leigos são chamados sê-lo 94.

FAMÍLIA: ataques contra ela 9, 297; missão 64, 101, 193, 214; papel da mulher 106, 109; primeira escola 200; nelas se forja o futuro da humanidade 210; Igreja doméstica 210, 214; rural e urbana 210; instituição de origem divina 211; o lar de Nazaré serve de modelo 213; identidade 214; promotora do desenvolvimento 214; crise 214; mudança em sua imagem tradicional 216; em situação de miséria 218; fortalece a vida da sociedade e da Igreja 225; primeiro espaço para o comprometimento social 268; a nova evangelização está a seu serviço 302. **FÊ:** como chegou à AL 16; separada da vida 24, 96, 161; perdeu sentido 26; robusta e débil 35; relação com a santidade 37; na sociedade, ignorância 39, 102, 156, 160; crescimento nela 54, 115; compartilhada na missão aos pagãos 125; ilumina as realidades temporais 178; relação com a cultura 229, 230, 243.

FEMINILIDADE: 108.

FIDELIDADE: à Palavra 27, 28, 72; ao magistério 33; ao Senhor e aos homens e mulheres 67; no matrimônio 217.

FILOSOFIAS: 147, 253.

FORMAÇÃO: permanente dos ministros ordenados 69, 72,73, 77, 240; sacerdotal e religiosa 83, 84, 127, 128, 133, 135; litúrgica 43, 51; dos fiéis leigos 44, 45, 57, 60, 61, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 107, 115, 185, 237, 238; dos adolescentes 82; da consciência moral 242; dos educadores católicos 273; nas universidades 284.

FUNDAÇÃO POPULORUM PROGRESSIO: 251.

GANGUES: 112.

GNÓSTICOS: 147.

GRAÇA: nos liberta das forças da morte 9; sua relação com a salvação 12; salva por Jesus Cristo na Igreja 45; recebe-se no batismo 46; fonte do ministério sacerdotal 70; força para sustentar a consciência cristã 237.

GRUPOS: de oração 38; apostólicos 58, 98, 259; juvenis 120; missionários 125; de famílias e círculos bíblicos 142; intermediários 177.

GUERRA: 9, 219.

GUERRILHA: 219.

HEDONISMO: 44, 280.

HINDUÍSMO: 268.

HISTÓRIA: verdadeiramente humana 24; nela penetra Jesus Cristo 27; presença da iniquidade 76; assumida pelo homem 252.

HOMEM: criado bom, à imagem de Deus 9, 279; na nova evangelização 13; revelado por Jesus Cristo 13; livre e consciente de sua dignidade 24; sua formação é o objetivo da nova evangelização 26; suas angústias e esperanças 58; não é um ser abstrato 157; não é nem dono nem árbitro de sua vida 215; urbano e rural 255; no projeto educativo 265; apto para dominar o mundo 266.

IDENTIDADE: dos povos latino-americanos 13, 18, 20, 85, 96, 150, 244, 281.

IDEOLOGIAS: 26, 62. idolatria: 154.

IDOSOS: seu abandono é um dos males da AL 9; vida indigna 176; proteção a instituições que velam por eles 180; são considerados inúteis 219.

IGNORÂNCIA: 39; da doutrina religiosa 41, 270.

IGREJA: missionária por natureza 12; realiza a nova evangelização 12, 22, 23; una, santa, católica e apostólica 11; presente, ao lado dos indígenas 20; proclamou as virtudes heróicas de homens latino-americanos 21; sinal de reconciliação 23; animada pelo Espírito Santo 28; mistério de unidade 31; comunidade santa 32; convocada pela Palavra 33; mistério profético 33; encontra sentido na convocação para a vida 34; mistério de comunhão 37, 123; seus desafios 38; nela se multiplicam os grupos apostólicos 38; Igreja local 51, 54, 55, 58, 68, 85, 92, 128; rica em ministérios 66; viva e operante mediante os sacramentos 67; necessita de sacerdotes fidedignos 72; animada pela mulher consagrada 90; formada, em sua maioria, por leigos 94; ação dos leigos na I. 102, 103, 105; chamada a estar ao lado da vida 106; suas preocupações 131; promotora do diálogo 136; comunitária e participativa 142; acusações contra a I. 146; em defesa dos direitos humanos 165; depositária e servidora do ministério de Jesus 182; respeita a autonomia da ordem temporal 190; papel de destaque na sociedade 190, 204; anuncia a boa nova sobre a família 210; defende os valores dos povos 243; acompanhou os povos da AL desde o seu descobrimento 245, 249.

IGUALDADE: do homem e da mulher 104, 109; entre os seres humanos 164.

IMPUNIDADE: 233.

INCREDELIDADE: 153.

INCULTURAÇÃO: do evangelho 13, 15, 24, 30, 33, 49, 53, 84, 87, 102, 128, 177, 224, 230, 243, 250, 253, 256; da liturgia 43, 248; da fé 55, 58; da Igreja 248.

INDEPENDÊNCIA: 204, 205.

INDIFERENTISMO: 102, 152, 153, 154, 167.

INDÍGENAS: sua contribuição para a obra evangelizadora 19; sua defesa e proteção 20; vocações 80; denúncia de violência contra eles 107, 248, 167, 174, 251; promoção das mulheres 109, 110; adolescentes e jovens 119; religiões não cristãs entre eles 137; concepção da terra 172; convivência com outros grupos

étnicos 244; valores humanos e culturais 245, 248.

INDIVIDUALISMO: 253.

INFLAÇÃO: 178, 196, 198, 199.

INFORMÁTICA: 280.

INJUSTIÇA: como rompimento da solidariedade dos homens entre si 9; aumentou depois de Puebla 23; respostas da nova evangelização 24; desafios que apresenta à nova evangelização 72; é necessário combatê-la 157; em povos de fé cristã arraigada 161.

INSEGURANÇA: 187.

INSENSIBILIDADE SOCIAL E CETICISMO: 233.

INTEGRAÇÃO: de todos os membros do povo de Deus 57; com a paróquia 63; dos diáconos com o presbítero diocesano 77; dos países 74; da AL 209.

INVASÃO DAS SEITAS: 26.

ISLAMISMO: 138, 147.

JESUS próximo dos marginalizados 4; identificado com o mistério do Reino 5; como evangelizador 33; seu encontro nos leva à conversão 46; devolve a dignidade à mulher 104; percorre as etapas da vida humana 111; suas ações 159.

JESUS CRISTO: por ele entramos no Reino 5; o Reino está presente nele 5; institui a eucaristia 6; verdadeiro Deus e verdadeiro homem 8; nos liberta da morte 9; oferece a salvação 12; convida à plenitude 13; a Igreja encontra nele sua fonte 31; dele brota a existência sacerdotal 70; é a medida de tudo que é humano 228; assume as condições do povo 243; paradigma de toda atitude pessoal 254; o mesmo ontem, hoje e sempre 287.

JOVENS: chamados pelo Senhor 79, 111; crescem na vivência de cada dia 81; missão 111; vítimas do empobrecimento 112; reação diante do consumismo 112; compromisso apostólico 115, 119; apresentar-lhes Jesus de forma atraente 119; críticos da ação da Igreja 130; poucas ou nenhuma possibilidade de trabalho 183; desafiam-nos a dar testemunho autêntico de pobreza evangélica 178; força renovadora e esperança da Igreja 293.

JUDAÍSMO: 134, 138.

JUSTIÇA: promovida pelo trabalho teológico 33; pela espiritualidade

- do seguimento de Jesus 116; necessidade de restaurá-la 157; promovê-la a partir dos valores evangélicos 168; relação com a ecologia 169, 171; economia e justiça distributiva 195; na integração latino-americana 209; à luz de Jesus Cristo 296.
- LEIGOS:** formação integral 42, 60, 99; participação na paróquia 59; responsabilidades 60; papel nas CEBs 61; compromisso na pastoral vocacional 80; colaboradores dos bispos e sacerdotes 91; maioria na Igreja 94; ministérios, serviços e funções 95; desatendidos pelos pastores 96; mentalidade clerical de alguns deles 96; protagonistas da nova evangelização 97, 103, 293, 302; missão e santificação 97; nos conselhos pastorais 98; na educação, política, cultura e trabalho 99; chamados à santidade 99; ministérios conferidos a eles 101; atividade nos movimentos apostólicos 102; influência na vida social 176; atuação política 193, 203; missão profética, sacerdotal e real 254.
- LIBERDADE:** provém da verdade 32; os militares estão a seu serviço 99; de associação dos leigos 100; falsas respostas dos movimentos pseudo-religiosos 155; está sendo conquistada pelos povos da AL 151.
- LIBERTAÇÃO:** do pecado e de suas conseqüências; 27; expressa no culto cristão 34; como anseio humano 74; do pecado, da morte e da escravidão 123; faz parte da promoção humana 157; é um compromisso da Igreja 157; meta da evangelização inculturada 243.
- LITURGIA:** fonte e ápice da atividade da Igreja 34, 294; anúncio e realização da salvação 35; acesso a Deus através de sinais 37; expressão das Igrejas locais 51; formas, sinais e ações próprias dos povos da AL e do Caribe 53; na paróquia 58; criatividade e pedagogia dos sinais 117; vivência, participação e projeção 145, 152; celebração da fé 302.
- MÃES:** solteiras e desprotegidas 110, 218.
- MAGISTÉRIO:** orientações e fidelidade 33, 43, 49, 57, 73, 294.
- MAL:** origem 9; respostas 254.
- MANIPULAÇÃO GENÉTICA:** 234.
- MARIA:** na Igreja atual 1; na Igreja apostólica 7; primeira remida e primeira fiel 15; presente na IV Conferência 31; em cuja virtu-

de a Igreja alcançou a perfeição 32; na piedade popular 53; modelo de virgem e mãe 104; venerada pelas Igrejas que professam o credo niceno-constantinopolitano 135; na catequese 142; pertence à identidade da Igreja 143; modelo e figura da Igreja 163; modelo de evangelização da cultura 229.

MATERIALISMO: 26.

MATRIMÔNIO: do diácono permanente 77; verdade sobre ele 211; mistério da comunhão e relação trinitária 212; alcança em Cristo sua verdadeira dimensão 213; colaboração com o magistério 226.

MEDELLÍN: continuidade na IV Conferência 1, 179, 296.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: influência nos grupos sociais 26; não são guiados por critérios evangélicos 96; violências que cometem contra a mulher 107; análise crítica de suas mensagens 108; influência da publicidade 112; aproximação pastoral 131; usados pelas seitas 140; estilo de vida que propalam 199; contribuem para a crise da família 216; difundem a moral de situação 236; manipulam 238; seu poder sobre as massas 253; formação da consciência crítica diante deles 277; ações pastorais; 280.

MENORES: abandonados 9; denunciar os atentados contra eles 110; reeducação 169.

MENTIRA: um dos males da AL 9; promessas eleitorais 233.

MERCANTILISMO: 172.

MESTIÇAGEM: 18, 244, 247.

MESTRES: para que e com que objetivo educam 265; sujeito da evangelização 265; formação permanente 273; religiosos 275.

MÉTODOS: ver, julgar, agir, rever e celebrar 119; para se aproximar dos pobres 180; de planejamento familiar 226.

METRÓPOLES: características 255.

MIGRAÇÃO: um dos males da AL 9, 107, 110; relação com a perda de raízes religiosas 130; catequese dos migrantes 189; ação da Igreja 141; perspectiva de fé 178; experiência de Jesus Cristo 186; cresceu 187; falta de medidas sociais para detê-la 187; papel do setor público 188.

MILITARES: a serviço da democracia e da liberdade 99; pastoral da

juventude nos meios militares 119.

MINISTÉRIOS: da reconciliação 6; sua diversidade 23; profético 33, 3, 227; complementaridade entre eles 55; episcopal 67; sacerdotal 68, 71; conferidos aos leigos 101, 104, 258. **MISSÃO:** da Igreja peregrina 12; das pequenas comunidades 48; unida à comunhão 55; ad gentes 57; na paróquia 58; da mulher 90; dos adolescentes e dos jovens 111.

MISSIONÁRIOS: 21.

MODELOS ECONÔMICOS: neoliberal 181; em favor do homem 201; exploradores e excludentes 255.

MODERNIDADE: diálogo com o evangelho 24, resultados 252; valores c anti-valores 254; efeitos sobre o homem 255.

MORADIA: digna para os pobres 172, 218.

MORAL: nas seitas fundamentalistas 140; minada pelo indiferentismo e pelo secularismo 154; utilitarista c individualista 169; cristã 231, 237; de situação 236.

MOVIMENTOS APOSTÓLICOS: multiplicam-se na Igreja 38; contribuição para a nova evangelização 48; missão da paróquia 58; devem acolher a pastoral familiar 64; sinal dos tempos 95; nascem sob o impulso do Espírito Santo 102; elementos fundamentais 102; podem se fechar sobre si mesmos 102; devem ser coordenados pela pastoral de conjunto 102; lutam pela mulher 108; na missão ad gentes 125; causas de seu crescimento 148; multiplicam-se na cidade 259.

MUDANÇAS CULTURAIS: as respostas da nova evangelização 26; influem nos jovens 79.

MULHER: instrumentalizada 9; sujeito da nova evangelização 25; na vida consagrada 90; igualdade com o homem 104; natureza e missão 105; anjo da guarda da alma cristã do continente 106; violências que sofre 107; aceitação e valorização 108; discriminação na educação 109; atentados contra sua dignidade 110; humilhadas e postergadas 178.

MÚSICA: no crescimento humano 119.

NÃO-CRISTÃOS: 125.

NARCOTRÁFICO: 112, 235, 167, 219, 241.

NATIVIDADE: 230.

NATUREZA: 233, 252.

NEOLIBERALISMO: 181, 199.

NOVA CIVILIZAÇÃO UNIVERSAL: 255

NOVA CULTURA: gerada pela ação pastoral 116; urbana 253; da imagem 279.

NOVA EDUCAÇÃO: 266; nova em seu ardor 1, 12, 28, 33, 288; nova em suas expressões 1, 28, 30 101, 115; nova em seus métodos 1, 28, 29, 101, 297.

NOVA ESTRATÉGIA EVANGELIZADORA: 22.

NOVA EVANGELIZAÇÃO: sob o impulso do Espírito Santo 1; tempo de reconciliação 6; convite à conversão 9; consolida e amadurece a fé 12; proclama o evangelho 13; luz da IV Conferência 22; ponto de partida 23, 24; que é 24; relação com a primeira 24; conteúdo 24, 27; sujeito 25; finalidade 26, 57, 124; destinatários 26, 97; tarefa 26; como deve ser 28; inculturada no mundo 30; relação com a santidade 32; papel da liturgia 35; exigências 45; condição de eficácia 48; ênfase na catequese querigmática 49; desafios 59, 154, 230; tarefa das paróquias urbanas 60; relação com a pastoral familiar 64; agentes 72, 84, 87, 97; compromisso dos sacerdotes 72; relação com a promoção humana 76; presença dos leigos 103; promotora da dignificação da mulher 105; compromisso com a missão universal 125; relação com a educação 263; chamado a todos 302.

NOVA ORDEM ECONÔMICA: 194, 296.

NOVO FERVOR MISSIONÁRIO: 124.

OBEDIÊNCIA: ao Papa e ao bispo 143.

OCULTISMO: 147, 115.

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES: fundamento 178; fidelidade a ela 179; assumi-la com renovada decisão 180; inclui a opção preferencial por todos os meios para que os pobres saiam de sua miséria 275; assumi-la com novo ardor 296, 302.

OPÇÕES PASTORAIS: pelos pobres 50; pelos jovens 114.

ORAÇÃO: nela a Igreja encontra o sentido de sua vocação 34; expressa a fé 37; integra-se na missão apostólica 47; de Jesus Cristo 54, 78; litúrgica e privada 71; fundamento da pastoral vocacional 80; dos fiéis leigos 101; nos movimentos apostólicos

- 102; representa a cooperação missionária do povo de Deus 128; pela unidade do cristianismo 135; no lar 225.
- ORGANISMOS:** de integração e coordenação na Igreja 68; de colaboração intra-ecclesial 209.
- ORGANIZAÇÕES:** de camponeses e indígenas 176, 177; de economia solidária 181; de trabalhadores 185; partidárias 192.
- PALAVRA DE DEUS:** congrega fiéis e pastores 11; transmitida aos homens pela ação do Espírito Santo 31; alimento da catequese 33, 294; trabalho dos teólogos 33; ilumina a realidade dos povos 49; nas peregrinações e festas religiosas 53; dirigida aos leigos 94; nos movimentos apostólicos 102; manifesta o perfil das vocações femininas 108; caracteriza a identidade da Igreja 143; fermento da Igreja e da sociedade 225; libertadora e redentora 279
- PAPA:** sucessor de Pedro 33; cabeça do colégio episcopal 55; adesão dos religiosos 85.
- PARA-CRISTÃOS:** 147.
- PÁROCO:** representante do bispo diocesano 58; comunhão dos animadores com ele 61, 63; respalda a pastoral familiar 64.
- PARÓQUIA:** reflexo de uma Igreja viva e dinâmica 54; pertence à essência da Igreja local 55; comunidade de comunidades 58, 142; Igreja entre as casas dos homens 58; comunhão orgânica e missionária 58, 61; lentidão em sua renovação 59, 61; urbana 59; renovação de sua pastoral 60; planos de conjunto 60; multiplicar sua presença física 60; opção pelos jovens 114; espaço para a solidariedade 181; lugar para falar da família 210; reprogramar a paróquia urbana 257.
- PARTICIPAÇÃO:** na vida divina 27; do Espírito de Deus 31; na liturgia 43; na vida da Igreja 54; dos fiéis leigos 59, 60; nos conselhos pastorais 98; na estrutura pastoral 100; dos jovens e adolescentes 119; em organismos de diálogo e meditação 168; na democracia 193; nas nações 209.
- PASTORAL:** promove a vida integral 33; bíblica 38; agentes 59; setorização 60; planejamento 63; familiar 64, 220, 222, 224; compromissos 72; da juventude 79, 113, 114, 115, 119, 120; vocacional 80, 82, 293, 302; objetivos 99; de conjunto 102; papel da mulher 90; priori-

dades 103; atenção à comunidade 125; universitária 156; do trabalho; 185; das migrações e turismo 188; da criança 227; dos edifícios de condomínio 259; ambiental e funcional 260; das comunidades 280.

PASTORES: diálogo com os teólogos 33; missão junto à religiosidade popular 53; unidade e comunhão entre si e com o povo de Deus 68; formação inicial 69; compartilhar a dor do povo 74; fomentar vocações dentre os leigos 94.

PATERNIDADE RESPONSÁVEL: 226. **PAZ:** 6, 99, 138.

PECADO: coloca o homem em situação dramática 9; nas culturas 13; vencê-lo 14; libertados dele por Jesus Cristo 27; alguns fiéis não o percebem 39; desenvolver o evangelho do sentido do pecado 156; não afeta a dignidade humana 159; afeta a relação com Deus e com a criação 164.

PEDAGOGIA: experiencial, participativa e transformadora 119.

PEREGRINAÇÕES AOS SANTUÁRIOS: 53.

PERMISSIVISMO: 154, 235.

PIEIDADE POPULAR: 53.

PLURALISMO: 238.

POBRES: sentem a solidariedade com o testemunho da vida religiosa 85; a mulher é sensível ao seu clamor 90; sua evangelização 95; ensinam a viver sobriamente a a compartilhar 169; destinatários da mensagem de Jesus 178; revelam o rosto de Jesus 178; privilegiar seu serviço fraterno 180; empobrecidos ainda mais pelos sucessivos ajustes econômicos 196.

POBREZA: gerada pela falta de coerência entre a fé e a vida 161; forma de violação dos direitos humanos 167; flagelo devastador e humilhante 179; o testemunho de São Francisco 170.

POLÍTICA: 96, 99, 179.

POLÍTICOS: 178.

PORNOGRAFIA: 235, 280.

PÓS-MODERNIDADE: 24, 252.

PRAGMATISMO: 112.

PRISIONEIRO: 180.

PROFISSIONAIS: 104, 283.

PROGRAMAS CONTRACEPTIVOS: 110.

PROGRAMAS EDUCATIVOS: 109.

PROMISCUIDADE SEXUAL: 235.

PROMOÇÃO HUMANA: metas da Nova Evangelização 1; na primeira evangelização 19; idéia central da IV Conferência 22; a ressurreição é seu fundamento 24, 33; alimentada pela santidade 31; sustentada pela liturgia 35; tarefa da igreja particular 55; papel do diácono permanente 76; na formação sacerdotal 84; contribuição da mulher 90; presença dos leigos nessa tarefa 103; na pastoral da juventude 120; ações para sua defesa 138; relação com a evangelização 157; dever de todos 157; criar condições mais humanas de vida 162; necessidades mais urgentes 175; nas culturas mestiças, indígenas e afro-americanas 251; relação com a cultura 279; compromisso da Igreja 292, 302.

PROSELITISMO: de grupos sectários cristãos 133; de seitas fundamentalistas 139, 140; dos movimentos para-cristãos ou semi-cristãos 147; das empresas sócio-religiosas 147.

PROSTITUIÇÃO: 112, 235.

PUBLICIDADE: efeitos negativos 280. **PUEBLA:** continuidade da IV Conferência 1, 247, 196; orientações a respeito dos ministros confiados aos leigos 101; proclamou a opção preferencial pelos jovens 114; propôs a missão ad gentes 125.

QuERIGMA: raiz de toda evangelização 33; primeiro anúncio 41; pregado de maneira viva e alegre 131. quinto centenário da evangelização: 2, 20, 21.

RACISMO: 246, 249.

RECONCILIAÇÃO: provém de Jesus 6, 14; vivência na Igreja 68; faz parte da libertação do pecado 123; a ser promovida na nova evangelização 168.

REFORMA AGRÁRIA: 177.

REINO DE DEUS: entra-se pela fé e seguimento de Jesus 5; presente na vida e nas palavras de Jesus 5; anunciado na evangelização 27, 33; serviço do ministério ordenado 67; reino de justiça, de amor e de paz; 204.

RELATIVISMO: 154.

RELIGIOSIDADE POPULAR: no processo de mestiçagem 18; ex-

pressão da inculturação da fé 36, 247; multiplica-se na Igreja 38; apresenta elementos estranhos à religião católica 39; necessidade de purificá-la 53; deve se orientar para a conversão 240. RELIGIOSOS: protagonistas da evangelização 19; ao lado dos indígenas 20; sujeitos eficazes da nova evangelização 104; a serviço da educação 275.

RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA: 85.

REPATRIAÇÃO VOLUNTÁRIA: 187.

RESPEITO À VIDA: 20.

RETIROS ESPIRITUAIS: 71.

RIO DE JANEIRO: 1, 169.

RITUALISMO: 43.

SABEDORIA: para encontrar novos métodos e novas expressões 1; de nossos povos 36, 169.

SACERDOTES: procedem do mistério de Deus 70; ministros convencidos e fervorosos da nova evangelização 72; compromisso com a nova evangelização 72; idosos e enfermos 73; formação permanente 84; devem valorizar e aceitar a mulher 108.

SACRAMENTOS: valor pedagógico de sua celebração litúrgica 35; manifestam a caridade divina 45; a penitência 46, 151, 225, 232, 240; manifestam a Igreja viva e operante 67; comunicam e anunciam a comunhão da Igreja 123; descobre-se neles a novidade de Jesus Cristo 131.

SALÁRIOS: 185, 199, 218.

SALVAÇÃO: presente na liturgia 34; alcança-se pela graça de Deus 45; escatológica 157; meta da evangelização 243.

SANTA MARIA DE GUADALUPE: 15, 289.

SANTIDADE: da Igreja 31, 32, 38; contribuição dos teólogos 33; dos membros da Igreja 37; é possível pela ação do Espírito 40; sacerdotal 70, 71; dos leigos 97; chamado a todos os cristãos 99, 294; prioridade pastoral 144. SANTOS: na primeira evangelização 19; americanos 21; os melhores evangelizadores 28; na catequese 142.

SECULARISMO: encerra o homem num horizonte estreito 27; na vida dos católicos 44; ações pastorais contra ele 53, 172; candidatos ao sacerdócio vítimas do secularismo 83; respostas das

associações de leigos 102; nega Deus 153; considera Deus incompatível com a liberdade humana 154; mina a moral 154; quebra os valores familiares 217; penetrou no âmbito da educação 266.

SECULARIZAÇÃO: 153.

SEGUIMENTO DE JESUS: 5, 10, 13, 32, 87, 160.

SEGURO SOCIAL: 188.

SEITAS: proliferação 26; interpretação da Bíblia 38; ação proselitista 133, 139; características 140; resposta pastoral à sua ação 141, 146; novos tipos 147; causas de seu crescimento 148; uso que fazem dos meios de comunicação 280.

SEMENTES DO VERBO: 17:, 138, 245.

SEMICRISTÃOS: 147.

SEMINÁRIOS: menores, sua validade 81; necessidade de formadores adequados 83, 84; formação que neles deve ser dada 84; carência da formação missionária 127; ensinar linguagens e técnicas de comunicação 285.

SEQÜESTROS: 219.

SERVIÇO: litúrgico 35; facilita a nova evangelização 60; de cada um dos homens 66; do ministério ordenado 67, 70, 74, 78; aos pobres 67, 180; da comunhão na AL 76; da palavra e da doutrina social da Igreja 76; da Igreja 77, 157; das virgens consagradas 89, 91; dos leigos comprometidos 95, 98.

SÍMBOLOS: na educação 109; da liturgia 248.

SINAIS: sua linguagem 35, 254; próprios da AL c do Caribe 53; de alegria e esperança 83; dos tempos 95, 147.

SINCRETISMO RELIGIOSO: 138, 147.

SÍNODOS DOS BISPOS: em 1990, 70; em 1987, 101.

SOFRIMENTO: 23, 32.

SOLIDARIEDADE: expressa na eucaristia 6; com os que mais sofrem 32; estimulada pelo trabalho teológico 33; cresce na celebração comunitária 52; entre os ministérios consagrados 75; praticada na vida religiosa 85; na família 106; promovida pela pastoral da juventude 116, 120; mensagem evangélica 157; serviço aos necessitados 159; como valor indispensável 169; na economia de mercado 195; no combate à droga 241; na cultura

emergente 268; na educação cristã 271; na ordem econômica, social e política 296.

SUBEMPREGO: 112.

TECNOLOGIA: marca certos grupos sociais 26; o homem não deve se submeter a ela 27; no anúncio do Evangelho 29; na exploração da terra 174; muda as relações entre os homens 255.

TELEMÁTICA: 280.

TEMPOS LLTÜRGICOS: 51. **TERRA:** primeiro sinal da aliança de Deus com o homem 171; uso 171; lugar sagrado para os indígenas 172; visão mercantilista 172; visão cristã 173, 176; na AL e no Caribe 174; administração e utilização 175; reflexão teológica 177.

TERRORISMO: um dos males da AL 9; viola os direitos humanos 167; expressão da anti-cultura da morte 219, 235.

TESTEMUNHO: da unidade da Igreja 23; faz parte dos novos métodos da nova evangelização 29; de todo o povo de Deus 33, 128, 156; expressão do culto cristão 34; na vida sacerdotal 71, 145; dos diáconos permanentes 76; de religiosas e religiosos 85; na vida contemplativa 86; na ação pastoral 200.

TOXICOMANIA: 9, 235, 241.

TRÁFICO DE CRIANÇAS: 221.

TRÁFICO DE NEGROS: 20.

UNIÃO CONSENSUAL LIVRE: 216, 217.

UNIDADE: dentro dos ministérios e carismas 23; na diversidade 27, 65; pedida por Jesus 54, 132; brota da eucaristia 55; nem sempre se reflete na Igreja 68; entre os pastores 68; nos conselhos de leigos 98; dos espíritos e corações 157; da família 238; do homem e do mundo em Deus 248.

UNIVERSALIDADE DA MENSAGEM DE JESUS CRISTO: 7.

UNIVERSIDADES CATÓLICAS: 268, 276.

URBANIZAÇÃO: 26, 255.

VALORES: da primeira evangelização 24; do Reino 85, 247; do mundo contemporâneo 87; cristãos, na identidade da cultura 96; da mulher 107, 108; da pessoa humana 109; promoção de alguns valores fundamentais particulares 169, 200, 204, 252, 274; humanos e cristãos 214, 233; da cultura 229, 282; seu de-

saparecimento com a crise cultural 230; novos valores que concordam com a mensagem cristã 230; resgatar os que se perderam 237; dos povos indígenas 245; nas culturas afro-americanas 246; valores culturais autóctones 248; meros consensos sociais subjetivos 253; do homem urbano 256; na educação 265, 266. Ver Jesus e Jesus Cristo.

VIDA CONSAGRADA: 85.

VIDA CONTEMPLATIVA: 37, 86. **VIDA:** brota do Evangelho 23; separada da fé 24; vida divina 27, 48; santa 31; anunciada na nova evangelização 33; vida nova 67; situações que atentam contra ela 110; vida cotidiana 118; vida na criança nascida e abandonada 162; a família é seu santuário 214; dom de Deus 215; vida moral 239; agressões contra ela 297; a nova evangelização está a serviço da vida 302.

VIOLÊNCIA; nas relações sexuais 110; contra a mulher 106; contra os direitos dos menores, das mulheres e dos pobres 167; diária e indiscriminada 178; causa terror 179; crescente na AL 235.

VIRGINDADE: 89.

VOCAÇÃO: de todo homem 13, 159; condições de amadurecimento 42; variedade e complementaridade 55; aumento 79, 82; compromisso dos leigos em sua promoção 80; provenientes de todas as culturas 80; à vida contemplativa 86; dos batizados 94; descoberta e amadurecimento 96; vocação da mulher 105, 11; na pastoral da juventude 114; vocação co-criadora do homem 182.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 2 |
| Carta do Santo Padre aos Bispos Diocesanos da América Latina..... | 4 |
| DISCURSO INAUGURAL DO SANTO PADRE..... | 6 |
| I. JESUS CRISTO ONTEM, HOJE E SEMPRE..... | 7 |
| II. NOVA EVANGELIZAÇÃO..... | 11 |
| III. PROMOÇÃO HUMANA..... | 17 |
| IV. CULTURA CRISTA..... | 23 |
| V. UMA NOVA ERA SOB O SIGNO DA ESPERANÇA..... | 28 |
| MENSAGEM DA IV CONFERÊNCIA AOS POVOS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE..... | 34 |
| I. APRESENTAÇÃO..... | 34 |
| II. A AMÉRICA LATINA E O CARIBE ENTRE O TEMOR E A ESPERANÇA..... | 36 |
| III. UMA ESPERANÇA QUE SE CONCRETIZA EM MISSÃO.... | 37 |
| IV. LINHAS PASTORAIS PRIORITÁRIAS..... | 40 |
| V. SAUDAÇÕES E VOTOS..... | 41 |
| VI. CONCLUSÃO..... | 44 |
| PREFÁCIO..... | 46 |
| TEXTOS INICIAIS CONFIDENCIAIS..... | 47 |
| DOCUMENTOS DE CONSULTA..... | 48 |
| DOCUMENTO DE TRABALHO..... | 49 |
| ESTRUTURA DO DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO..... | 51 |
| CARACTERÍSTICA CENTRAL..... | 52 |
| A SANTIDADE COMO DIMENSÃO FUNDAMENTAL DA IGREJA..... | 53 |
| A TEOLOGIA DOS SINAIS DOS TEMPOS..... | 54 |
| A TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO..... | 55 |
| A CRISTOLOGIA..... | 56 |
| ALGUNS SILÊNCIOS..... | 57 |
| O HORIZONTE GLOBAL DO DOCUMENTO..... | 58 |
| CONCLUSÃO..... | 59 |
| CONCLUSÕES..... | 60 |

| | |
|--|------------|
| Primeira Parte..... | 61 |
| JESUS CRISTO, EVANGELHO DO PAI | 61 |
| 1. PROFISSÃO DE FÉ | 62 |
| 2. NOS 500 ANOS DA PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO | 68 |
| Segunda Parte | 72 |
| JESUS CRISTO EVANGELIZADOR VIVO EM SUA IGREJA | 72 |
| CAPITULO I..... | 73 |
| A NOVA EVANGELIZAÇÃO | 73 |
| 1.1. A Igreja convocada à santidade..... | 78 |
| 1.2. Comunidades Eclesiais vivas e dinâmicas | 87 |
| 1.3. Na unidade do Espírito e com diversidade de ministérios e carismas | 92 |
| 1.4. Para anunciar o Reino a todos os povos..... | 114 |
| CAPÍTULO 2 | 129 |
| A PROMOÇÃO HUMANA..... | 129 |
| 2.1. A promoção humana, dimensão privilegiada da Nova Evangelização | 130 |
| 2.2. Os novos sinais dos tempos no campo da promoção humana.. | 132 |
| 2.3. A Família e a Vida: desafios de especial urgência na Promoção Humana..... | 151 |
| CAPÍTULO 3 | 158 |
| A CULTURA CRISTÃ | 158 |
| Introdução..... | 158 |
| 3.1 Valores culturais: Cristo, medida de nossa conduta moral | 160 |
| 3.2. Unidade e pluralidade das culturas indígenas, afro-americanas e mestiças..... | 164 |
| 3.3 Nova cultura | 168 |
| 3.4 A ação educativa da Igreja | 173 |
| 3.5. Comunicação social e cultura..... | 178 |
| Terceira parte | 182 |
| JESUS CRISTO, VIDA E ESPERANÇA DA AMÉRICA LATINA | 182 |
| LINHAS PASTORAIS PRIORITÁRIAS..... | 182 |
| 1. UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO DOS NOSSOS POVOS..... | 184 |
| 2. PROMOÇÃO HUMANA INTEGRAL DOS POVOS LATINO AMERICANOS E CARIBENHOS | 185 |
| 3. UMA EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA..... | 185 |
| 1. Uma nova Evangelização de nossos povos | 186 |
| 2. Uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho.. | 187 |
| 3. Uma evangelização inculturada | 187 |
| ORAÇÃO..... | 187 |

| | |
|---|-----|
| MENSAGEM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II AOS INDÍGENAS DA AMÉRICA | 189 |
| MENSAGEM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II AOS AFRO- AMERICANOS | 196 |
| ÍNDICE TEMÁTICO | 200 |
| ÍNDICE | 228 |